

BETWEEN HERE AND FOREVER

ELIZABETH SCOTT

Author of *BLOOM*; *PERFECT YOU*; and *SOMETHING, MAYBE*



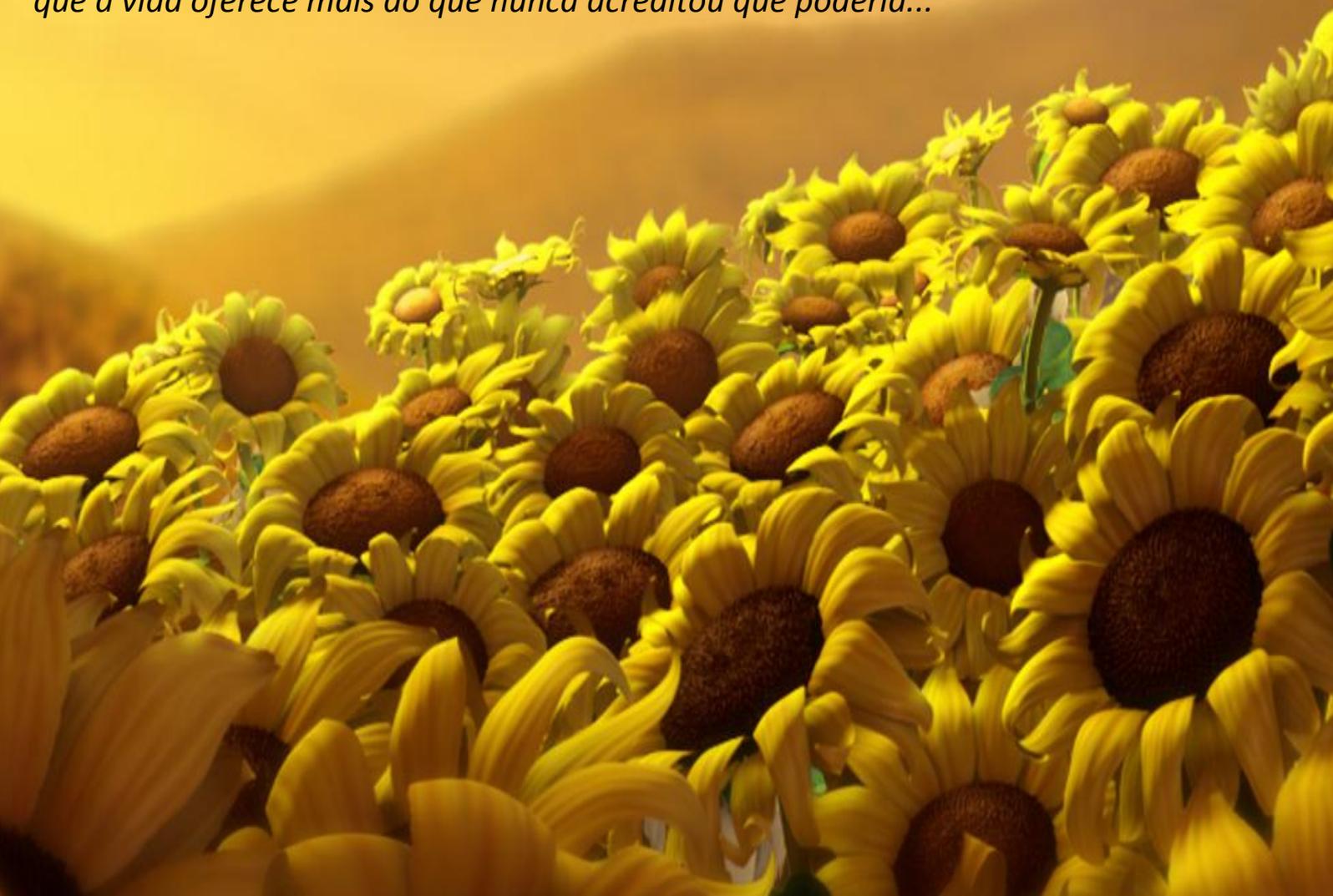
Faz muito tempo que Abby tem aceitado que não pode estar à altura da sua bela e carismática irmã Tess, e sabe exatamente o que ela é: A segunda. A invisível.

Até o acidente.

Agora Tess está em coma, e a vida de Abby está em espera. Pode ter sido difícil viver com Tess, mas não é nada comparado a viver sem ela.

No entanto, tem um plano para trazer de volta a Tess, que envolve o lindo e misterioso Eli, mas então Abby descobre algo sobre Tess, algo que sempre esteve ali, mas que nunca tinha sido visto.

Abby está a ponto de descobrir que a verdade não é sempre o que pensa que é, e que a vida oferece mais do que nunca acreditou que poderia...



Capítulo 1



Inclino-me para frente e olho para Tess.

Ela está imóvel.

Silenciosa.

As máquinas que mantêm a Tess com vida emitem um apito para mim. Tem estado aqui tão pequena que às vezes acho que é a sua maneira de responder. Mas hoje isso não é o suficiente. O domingo é um dia de oração, depois de tudo, não? Assim que aqui está a minha:

Hoje quero que a Tess acorde.

Hoje ela tem que acordar.

Inclino-me mais, tão perto que posso ver as pequenas linhas azuis em suas pálpebras marcadas onde seu sangue ainda bombeia, ainda flui. Mostra que seu coração ainda bate.

— Se não fizer nada, Tess, eu... cantarei para você.

Nada.

— Falo sério. — digo.

Nada ainda. Os olhos de Tess permanecem fechados e o seu corpo jaz inerte, espetada com agulhas e rodeada de máquinas. Costumava visitar a Tess com mamãe e papai, costumava esperar com ele o doutor, mas a notícia nunca tem mudado e cheguei a tanto que não podia suportar ver os rostos dos meus pais, abatidos, esgotados e tristes.

Como uma princesa em um conto de fadas, Tess está dormindo. Dormindo profundamente.

Suponho que “coma” não soa tão bem quando está tentando vender histórias onde tudo termina bem.

Dormir significa que acordará.

Coma... Bom, coma não. E Tess tem estado nessa cama, nesse quarto, nesse hospital durante seis semanas. Ela esteve em um acidente de carro no dia de Ano Novo, conduzia para casa na em uma manhã depois de uma festa. Ela tinha esperado para voltar para casa por que não queria correr o risco de ter um acidente com um condutor bêbado.

No entanto, seu carro se chocou contra um pedaço de gelo e se lançou contra uma árvore.

Tess sempre foi muito boa em estar a salvo. Ao fazer o certo, ao fazer as pessoas felizes. E agora ela está aqui. Fez vinte anos nesse quarto, quatro dias depois da chamada que nos enviou a todos correndo até aqui. Meus pais trouxeram balões. Flutuaram ao redor por um tempo e logo se desinflaram, caindo.

Tess nunca os viu.

Completei dezessete anos nesse quarto também. Isso foi há duas semanas e dois dias depois do acidente. Ainda estava visitando a Tess com os meus pais. Eles compraram bolinhos na máquina vendedora e me cantaram quando os abri.

Tess não disse uma palavra. Nem se quer abriu os olhos. Eu mastiguei e engoli e mastiguei e engoli, apesar que os bolinhos tinham gosto de borracha, meus pais viam o rosto de Tess, esperando. Tendo fé.

Foi então quando percebi que tinha que começar a viver sozinha.

Quando percebi que tinha que trazer a Tess de volta.

— Acorda, Tess. — falo, suficientemente forte para que o meu fôlego agitasse o seu cabelo, e agarro o unicórnio de cristal que Beth trouxe na primeira vez que veio de visita. Ela disse que sabia que a Tess iria gostar, que tudo se tratava de impossibilidades. Pensei que isso soava um pouco mais além de Tess, que se dedicava ao aqui e ao agora e ao ser adorada, mas quando Beth colocou o objeto nas mãos lânguidas de Tess, juro que quase piscou.

Agora Tess não faz nada, e eu deixo o unicórnio em seu lugar.

No entanto, não alcanço a pequena prateleira onde se coloca, e cai no chão. Não quebrou, mas aparece uma rachadura que vai desde o extremo do unicórnio ao outro.

Uma enfermeira entra e franzi o cenho.

— Acidente. — falo.

E ela diz. — Amor é o que a sua irmã precisa, não atitude. — Como se não tivesse sido um acidente, como se me conhecesse, como se ela e todas as demais

enfermeiras que só tenham visto a Tess nessa não-vida, nesse estado crepuscular¹, a conhecessem.

Não fazem, não podem. Mas eu faço. Tess acredita em felizes para sempre, em que os sonhos se fazem realidade, e tenho decidido que essa é a maneira na que vou chegar a ela.

Agora só tenho que decifrar a maneira de fazê-lo.

Saio do hospital e ando na minha bicicleta até o ferry-boat².

Uma vez que estou a bordo, me mantenho no canto do barco. A maioria das pessoas ficam na frente; o vento em seu cabelo, o rio ao seu redor, e mais a frente Ferrisville parecendo quase pitoresco e não como um montão de nada.

Olho a água. Está escura, de cor marrom lamacento, e golpeia com força contra o ferry. Posso ver a minha sombra nela, completamente dividida, pedaços e partes dispersas entre as ondas batendo. Dou-me a volta, por que já sei que estou quebrada, que não tem nada em mim que valha a pena ver. Já sei que aqui não tem nada no que valha a pena acreditar. É simplesmente como sou.

¹ Estado Crepuscular: é um estreitamento transitório da consciência, com a conservação de uma atividade mais ou menos coordenada, mais ou menos automática. Normalmente há falsa aparência de que o paciente está compreendendo a situação. Em geral, a percepção do mundo exterior é imperfeita ou de todo inexistente.

² ferry-boat: Balsa ou ferry boat: é uma embarcação de fundo chato, com pequeno calado, para poder operar próximo às margens e em águas rasas, e grande boca, muitas vezes utilizada para transporte de veículos.

Capítulo 2



Encontro-me com Claire quando o ferry sobe no cais de Ferrisville e as pessoas se dirigem aos seus carros.

— Oi pra você. — disse ela através das três polegadas que a sua janela abaixou, metendo seus dedos na abertura em uma espécie de cumprimento. — Quer uma carona para casa?

Assinalo a minha bicicleta.

— Tem espaço para isso? — O carro de Claire é de aproximadamente do tamanho de uma bolacha e está cheio de coisas do Cole. Nele apenas tem espaço para Claire.

Ela coloca os olhos em branco para mim.

— Sim, mas a frente deixe-a no cais. Sabe que ninguém vai roubá-la.

— Está dizendo que a minha bici é uma merda?

— Sim. — ela disse, e sorriu por que é uma bici em muito mal estado. Era bonita quando Tess a recebeu, quando ela tinha dez anos, mas agora se parece como uma velha bicicleta desengonçada com a qual a irmã menor de alguém tem que carregar.

Ao qual, claro, é assim.

Pergunto a Daryl, que normalmente está por aqui se arranhando, mas hoje está enrolando a corda, se posso deixar a minha bicicleta no cais.

— Desculpe, não... — disse, e logo. — Como a Tess está? — com a voz que todo mundo utiliza comigo agora, a voz de “oh, é uma pena”. A voz de “oh, todos sentimos tanto a falta da Tess”.

— Não está morta ainda. — falo, com a minha voz quebrada, e deixo a minha bici aos seus pés antes de ir pisando forte para o carro de Claire.

Odeio como sou quando as pessoas me falaram da Tess. Odeio como todos soam. Odeio como já está sendo reduzida ao passado quando não está.

Ela ainda está aqui.

— Está bem? — disse Claire quando entro.

— Não realmente. — falo, empurrando uma caixa cheia do que espero que seja fraldas novas ao chão. — Eu só... a forma em que as pessoas falam da Tess. Como se estivesse morta.

— Não acho que seja totalmente dessa forma. — disse Claire. — Simplesmente acho que sentem a falta dela.

— Você sente falta?

Claire olha as suas mãos no volante.

— Tess e eu deixamos de falar a muito tempo.

— Quer dizer que ela deixou de falar com você por que abandonou o colégio para ter o Cole?

Claire suspira.

— Não foi... não foi assim, Abby.

Mas foi quase exatamente assim, e ambas sabemos.

— Como o Cole está? — pergunto, encontrando um pacote aberto de chiclete no chão. Movo-me ante ela. — Isso segue bom?

Claire pega o pacote e o cheira.

— Cheira a fruta falsa. Vamos. E Cole está bem. Tenho o único menino de dois anos que tem medo de banheiros, mas está bem.

— Talvez ele só não gosta do seu banheiro. — falo, metendo um chiclete na minha boca. O sabor explode doce e afrutado na minha língua, mas só dura ao redor de duas mastigações. — Sei que eu tenho medo de entrar ali.

É como estar dentro de uma aula de ponto cruz, com todos os lembretes de abaixar o assento e lavar as mãos.

— Que engraçada. Como se a coleção de toalhas da sua mãe que ninguém mais do que os “convidados” podem usar é melhor.

Dou-me de ombros e meto outra barra de chiclete na minha boca.

— Escutei uma das enfermeiras falar sobre o seu filho hoje, tem quatro anos e às vezes tira as calças e faz cocô no tapete. Assim que imagino que está fazendo bem ao Cole.

— Não! Quem é?

— Kathleen.

Nós sorrimos entre si. Kathleen é a supervisora da Claire, e sempre está fazendo a Claire correr em busca de coisas para ela, como se Claire fosse sua escrava e não uma auxiliar de enfermagem.

— Isso quase compensa como se portou hoje. — disse Claire. — Passou cinco minutos me gritando por ter uma mancha nas minhas calças, quando sabia que a razão pela qual tinha uma mancha se devia ao fato de que me fez banhar a Sra. Green, que sempre faz xixi no segundo de começar a banhá-la.

Nós paramos na rua da Claire, que também é a minha rua. Cole está lá fora no pátio dianteiro, correndo atrás dos cachorros de caça do pai de Claire, nessa estranha maneira que os pequenos meninos têm, onde por um momento parece que vão tão rápido que vão cair com seus próprios pés.

— Mamãe! — Cole grita a Claire quando saímos do carro. Ele pode dizer umas dez palavras atualmente, embora Claire jura que está falando quando eu acho que está balbuciando.

— Olá, bebe. — disse Claire. — Quer dizer oi para a Abby?

— Não! — disse Cole, o que não pego como algo pessoal, por que as dez palavras que estou segura que Cole sabe, sua favorita é “não”.

— Olá. — falo, e acaricio a parte superior da sua cabecinha suja. — Claire, obrigada pela carona.

— Claro. — disse. — Diga aos seus pais que dei oi, ok?

Concordo com a cabeça, mas não o farei. Dizer aos meus pais que alguém disse algo significa realmente falar com eles, e isso é algo que não acontece muito nesses dias.

Depois de tudo, o que tem para dizer? Todos sabem o que está acontecendo. Todos têm esperado e esperado que Tess acorde.

Ainda estamos esperando.

Capítulo 3



— Como esteve o ferry? — mamãe perguntou desde a cozinha quando entrei.

Paro me dando de ombros e logo subo as escadas ao meu quarto.

Meus pais também têm que pegar o ferry para ir para casa desde o hospital, eles sabem como é. A única maneira de ir a Ferrisville desde Milford é o ferry. Uma balsa lenta em um rio.

Falou-se alguma vez da construção de uma ponte, mas não fizeram nada. Meu juízo foi que se Milford quisesse uma ponte que atravessasse por cima do rio, seria construído em um pai-nosso. Mas pra que as pessoas queriam se conectar com Ferrisville? Somos um pequeno e pobre povoado, onde não tem nada mais que hectares de terras fiscais que supostamente são um parque ou reserva ambiental. Tampouco é que temos visitantes. Quem queria ver algo que se chama “O Grande Bosque Triste”?

Ainda mais importante, quem queria viver perto dele?

No entanto, meus pais, por exemplo. Eles pensam que é bom que vivamos perto de um rio, para que em um final de semana possamos caminhar pela areia cheia de

rochas (essa é a praia) e caminhar pela água, enquanto olhamos as pessoas fazendo churrasco ou passeando nas pequenas embarcações, os motores rugindo quando se juntam e passam as pessoas de um a outro, as pessoas que vão e vem, de ida e de volta.

Mas claro, meus pais gostam. Eles não cresceram aqui. Criaram-se em um bairro residencial muito agradável, com centros comerciais e vizinhos que não estão relacionados entre si de alguma maneira. Ou isso dizem.

Os pais da minha mãe estão mortos, e meu pai não fala com os seus pais, de vez em quando só menciona onde.

Tess amava ver as imagens dos nossos pais quando recém começaram a sair, e inclusive antes, de quando estavam no colégio juntos. Fazia todo tipo de pergunta que meus pais realmente nunca contestaram. É como se sua vida não tivesse existido até que se conheceram e se mudaram para cá.

Tess costumava dizer que nossos pais tinham segredos, muitos sobre eles, mas isso foi quando estava estressada para ir para a universidade, e tinha deixado de falar com a sua melhor amiga por que ficou grávida. Isso a converteu em alguém a quem eu não tinha vontade de escutar.

Imagino que não terá nenhuma pergunta sobre o ferry, mas justamente quando me sinto quase relaxada pela primeira vez durante todo o dia, mamãe sai e chama na minha porta.

— Abby, o que está fazendo?

— A tarefa.

Não estou fazendo isso. Não é necessário, por que o colégio Ferrisville é uma piada, mas agora preciso ficar sozinha. Tentar averiguar o que fazer com Tess.

— Queria te dizer que o seu tio mandou flores para Tess de novo. — disse —
Vissem elas?

— Perdi. Desculpe.

Tinha visto elas e lido as cartas. Onde dizia: “Melhore logo” em cada uma delas, e nada mais. Os irmãos da minha mãe, Harold e Gerald, parecem suficientemente agradáveis, mas não vem nos visitar ao menos.

Mamãe não é muito maior que eles, mas é como... bom, no par de vezes que tem estado aqui, tratam a mamãe como se fossem mais grande que eles. A tratam como se fosse sua mãe, com uma espécie rara de respeito e ira. Não sei por que teriam que estar chateados. Eles não vivem aqui.

— Vou ir e fazer algo para comer para mim e seu pai. — mamãe disse. —
Talvez esquite as panquecas que sobraram dessa manhã. Quer nos acompanhar?

Quero, mas não faço. Se fizer, vou ver a cadeira de Tess. Vou pensar nela.

Sei que todos estão pensando nisso.

— Será melhor que termine a minha tarefa. — falo.

— Muito bem, então, boa noite. — disse com um pequeno suspiro, e eu escuto seus passos até desaparecer.

Capítulo 4



No dia seguinte depois da escola, pego a minha bicicleta que estava no cais do ferry — incrível como ninguém a levou — e me dirijo ao hospital. Avanço através do térreo, passando na sala de espera cheia de gente fazendo o ambiente pesado, atravesso o corredor até passar a loja de presentes — a cargo das alegres e velhas damas de Milford, que conversam sobre seus premiados cachorros de concurso ou suas flores, enquanto vendem pacotes de chicletes pelo custoso preço de dois dólares —, e dou a volta na esquina do corredor para os elevadores.

Todo o hospital Milford é deprimente.

Bom, não tudo. Gosto da cafeteria. Se vê o rio, e Ferrisville está suficientemente longe para que não possa vê-lo. Só pode te fazer uma ideia das ruas com as casas cuidadosamente acomodadas, com uma fábrica situada em um extremo, e uma faixa rochosa de praia erodida por se situar perto da estação de ferry.

Além disso, a cafeteria é o único lugar no hospital que não cheira mal. Em qualquer outro cheira a produtos químicos, do tipo de produtos para limpeza que podem te queimar a pele só em tocá-los. E escondido entre esse cheiro de químicos sempre tem outro, um mais fraco, mas que nunca desaparece.

Por debaixo, se pode cheirar a pele sem lavar e o medo, e como tudo está triste. Igual a todos que estão aqui, todos os pacientes descansando em suas camas, mas que não estão aqui por que querem estar.

Eles estão aqui por que tem que estar. Ou por que este é o último lugar no qual se imaginaram estar.

O elevador chega e vou ao interior, preparada para ver a Tess.

Depois de subir, caminho para a sua unidade e entro em seu quarto.

Ela tem o mesmo aspecto, magra, pálida, de alguma maneira de ida, no entanto, ainda aqui. Tem lavado o seu cabelo de cor dourado, ele brilha, inclusive contra o branco da sua almofada.

Uma enfermeira está colocando uma das suas vias intravenosas, e suspira quando me vê.

Tess sempre era/é muito boa em agradar as pessoas.

Eu, no entanto, sou péssima.

— Vou mudar o lençol. — disse a enfermeira, e concordo, tendo que esperar, apesar de que a enfermeira volta a suspirar. Logo entra a Claire como se a tivesse chamado de alguma maneira. Começo a cumprimentar, mas não está me olhando. Ela está olhando a entrada da unidade, e percebo que todas as enfermeiras também estão vendo até ali como se algo fosse acontecer. O qual é estranho.

Então soa o alarme e um garoto entra na unidade.

— Tess. — falo, me inclinando sobre ela e sussurrando em seu ouvido. — Está perdendo uma grande oportunidade. Todos daqui estão olhando fixamente um garoto que vem para cá, e sabe o que isso significa. Deve ser lindo.

Nada.

— Não estou brincando. — falo. — Vem um garoto e todas as enfermeiras estão olhando ele. Igual a quando entra em uma habitação. Isso significa que é muito lindo.

Logo, embora pareça estranho, o garoto começa a se aproximar do quarto da Tess, a enfermeira que estava me balbuciando sobre os lençóis se calou e avançou para ele.

— Muito obrigada por fazer isso. — disse ela, sua voz toda agitada. — Não posso dizer o bonito que é da sua parte ajudar, e...

Então ela deixa de falar por que ele caminha diretamente para a porta.

Não deveria estar rindo, mas faço por que é impossível não fazê-lo — ela se dirigiu para uma porta, depois de tudo — e ela me olha enquanto disse ao garoto que entre. Vejo o seu cabelo escuro e olhos, mas não mais que isso por que a enfermeira está volteando ao seu redor. E também por que simplesmente não me importa.

— Agora, pensei que poderia me ajudar a levantar a paciente. — disse a enfermeira. — Oh, não tire os lençóis, espera. Claire! Claire! Ah bom, aí está. Pode ir pegar alguns lençóis, por favor?

Claire me olha e coloca os olhos em branco, rapidamente, e logo disse:

— Claro. — E se vai.

— Será em um momento. — disse a enfermeira ao garoto, ainda com a voz agitada, e quando a olho, está ruborizada.

Ela deveria estar. Ela é da idade da minha mãe, ou mais, e o garoto é da minha, acho, o que o converte em um delito grave, e estou segura que ela também está pensando nisso.

E quanto ao garoto, é bastante decepcionante agora que por fim o estou olhando. Quero dizer, ele está olhando o chão como um tonto. O mais provável é que esteja incomodado por estar aqui, onde tudo é tão silencioso, e todos estão no tipo de sonho que nunca queriam cair.

Logo levanta o olhar e...

Levanta o olhar e o meu cérebro deixa de funcionar por um momento, por que ele é magnífico. Não lindo do estilo “het, garoto sexy”, e sim verdadeiramente magnífico.

Inclusive, lindo. Sua pele é de cor caramelo, um cálido dourado brilhante, e seu cabelo é tão negro que inclusive as horríveis luzes fluorescentes não fazem nada nele, não fazem que se veja uma cor esverdeada e fibrosa. Tem o tipo de maçã do rosto que só se vêem nos garotos das revistas. O mesmo ocorre com seu nariz, queixo e testa, e seus olhos escuros molduradas por cílios pelas quais Tess mataria alguém.

Ele é, definitivamente, a perfeição humana. Inclusive se segue olhando fixamente o chão e tem os braços cruzados sobre o peito, com seus dedos dando golpezinhas contra seu braço como se estivesse aborrecido. Inclino-me e dou uma ligeira cutucada na Tess.

— Vamos, Tess, abre os olhos. Esse cara é tão lindo, juro que é mais lindo que você.

O garoto aclara a garganta ante isso, e olho outra vez.

— O que aconteceu? Oh, sim, te chamei de lindo. Desculpe. Mas você é. Quero dizer... — minha voz abaixa até desaparecer.

Olha-me, e sinto o meu rosto se ruborizar, e giro de novo para a Tess.

— Bom, aqui estou. — Claire disse, voltando e entregando a enfermeira os lençóis.

— Obrigada. — disse a enfermeira. — Pode ficar e mudar os lençóis. Abby, pode sair por um momento, por favor?

Capítulo 5



A enfermeira não está de acordo comigo. Disse que estou alterada, e então Clement e eu damos um pequeno passeio até o elevador. A enfermeira está irritada de que seja ele quem venha me recolher e não alguém da segurança, mas Clement assinala que ao menos estou indo.

O que acontece com Clement é que tem aproximadamente setenta anos e apenas me chega ao ombro. Algumas vezes dá aos pequenos meninos tediosos — como segredo de estado — um pequeno passeio pelo hospital, mas na sua maior parte simplesmente caminha e fala com as pessoas.

Não é um verdadeiro guarda de segurança, claro. Mas sim doou dez milhões de dólares ao hospital há três anos. Por essa quantidade de dinheiro, se quiser passar seus dias caminhando pelo hospital cumprimentando as pessoas, tudo bem.

— Está bem? — ele disse, e Clement é uma dessas pessoas que diz as coisas a sério. Gosto disso nele, então falo a verdade por que sei que ele escutará.

— Os olhos de Tess se moveram.

— É sério? Isso é maravilhoso! O que o médico disse?

Dou de ombros.

— Nada. A enfermeira não chamou. Disse que não tinha visto nada. Obrigou-me a sair.

— Acha que talvez... Algumas vezes, vemos o que queremos.

Sei ao que se refere. Enganei a mim mesma com isso uma vez e não cometerei o mesmo erro.

— Olha, me agrada, mas não tanto, então não pense que fiz tudo isso só para te ver. — falo, e Clement deixa sair sua arfada risada e logo pega um dos aparentemente intermináveis fornecimentos de remédios para a tosse que sempre trás consigo.

— Não deveria estar tão preocupada todo o tempo. — disse. — Te provocará gases.

Ri também e ele sorri enquanto caminhamos para fora.

— Vá para casa. — disse. — E se cuida.

— Eu? — falo. — Eu não... estou bem.

Antes que possa responder, subo na minha bicicleta e me dirijo ao ferry.

Quando chego em casa, frito um ovo e logo o aperto entre umas rodela de pão e como enquanto vejo televisão. Mamãe e papai chegaram quando estou passando de canal a canal, tentando decidir se quero ver o enérgico drama criminal sobre detetives que vão em busca de pessoas desaparecidas ou o outro enérgico drama criminal sobre detetives que vão em busca de pessoas desaparecidas.

Mamãe apaga a televisão.

— Quer me dizer o que aconteceu hoje?

— Tess se moveu. Seus olhos estavam fechados, mas os vi se mover, como se pudesse piscar. Ou como se fosse piscar.

— Abby... — mamãe disse e se senta no sofá. — Não pode... — Olha para suas mãos. As unhas da minha mãe sempre estão ordenadamente polidas. Nessa semana são como um rosa pálido. — Não sabe o muito que seu pai e eu queremos que a Tess acorde e dizer as coisas que só...

— Doem. — finaliza papai, entrando e se sentando junto à mamãe.

— Mas vi seus olhos se mover. — Isso é algo bom e eu não vejo por que meus pais não acreditam em mim e por que estão sentados no sofá parecendo miseráveis.

— Lembra-se da primeira semana? — disse papai. — Que mamãe, você e eu estávamos ali e jurasse que ela tinha movido sua mão quando Beth falava?

— Seu dedinho. — falo. — E sim aconteceu.

— Beth não viu. E Beth é sua companheira de quarto e sua amiga, carinho.

— Esta estava olhando a Tess.

— Exatamente.

— Não, quero dizer que estava olhando o seu rosto.

Papai esfrega uma mão sobre a sua testa e logo se encosta no sofá, fechando os olhos.

— Abby, não queremos que pense que sua irmã... — para, aclarando a garganta. — Não se irrite com a Tess.

— Não estou. — falo, mas ele me dá esse olhar, de “posso ver através de você”, subo as escadas e fecho a porta do meu quarto em um golpe.

Sei o que vi hoje. Tess escutou algo na voz desse garoto, algo que a pegou e agora sei exatamente o que preciso fazer.

Não posso alcançá-la, mas talvez alguém mais sim possa.

Levanto-me, abro a porta tão silenciosamente como posso e me deslizo para o corredor, para o quarto da Tess. Não tem sido tocado desde o acidente e suas malas da escola ainda estão no chão, e as fotos dela e dos seus amigos da universidade então espalhadas por toda a escrivaninha.

Deslizo as minhas mãos sobre elas, vejo a Tess sorrir em baixo da luz do sol. Ela tem o brilhante sorriso do meu pai, tão cálido, e me pergunto pelo garoto ao que ela está sorrindo. Gostava dele? Ou gostava do garoto com a camiseta preta que aparece na seguinte foto, seus olhos postos em Tess cheios de anseio enquanto ela lê algo que ele está sustentando em uma mão?

Ou o que tem o garoto que está duas fotos depois? O que sorri enquanto ela examina uma tatuagem em seu braço, observando seus dedos sobre a sua pele? Ou é o garoto que sustenta a câmera em todas as fotos?

Qualquer que seja, ele não tem vindo vê-la, nenhum deles tem feito, e Beth, tão agradável como é, é só sua companheira de quarto e não pode e não fará isso.

Mas esse garoto de hoje poderia. Quase posso vê-la levantando-se e sorrindo agora.

Pergunto-me se ela também pode vê-lo e penso que talvez, só talvez, sim pode.

Capítulo 6



Dirijo-me para ver a Claire quando chego ao hospital depois da aula. Ela está de pé na pequena ala que o hospital tem disposto longe para os fumantes, escondido ao lado oposto do edifício.

Milford é uma cidade que não fuma, e é orgulhosa disso, mas Ferrisville não, e desde que as pessoas de Milford não pode se permitir ir a melhores hospitais, e fazer, aqui é onde as pessoas de Ferrisville vem. E muitos deles como Claire fumam.

Ventilo o ar ao meu redor e ao dela, e me faz uma cara.

— Pensei que estava deixando. — falo.

— Estou trabalhando nele.

— Como? — entrecerro os olhos fingindo que não posso vê-la através da nuvem de fumaça.

Ela suspira e esmaga o cigarro.

— Muito bem, mamãe. Olha, o que pensa desse garoto de ontem?

— Ele pode fazer que as pessoas atravessem portas.

Ela ri.

— Isso foi melhor, certo? Deveria ver o Eli quando trabalha na loja de presentes, as pessoas param e o olham assim... — faz uma careta de zumbi.

— É uma deles?

— Não, terminei com os homens para sempre depois do Rick. — disse ela. — Tentando fazê-lo pagar a manutenção. — Ugh.

— Os garotos enchem o saco. — falo, e ela sacode a cabeça para mim e diz.

— Sim, é sortuda de não ter que lidar com essa merda. Tess sempre... — cala como se tivesse dito algo que não deveria.

Como se estivesse dizendo algo que não estava segura.

Como se não soubesse que a Tess é fácil de amar para todos e cada um, e eu... eu não sou.

— Hey, estou agradecida de não ter que lidar com todas as coisas da Tess. Todos esses garotos chamando ela e dizendo que a amava, ou enviando coisas, e esperando sair com ela, e eu? Bom, não tenho esse problema na verdade.

Claire morde o lábio.

— Sabe o que quero dizer Abby. É muito... tem...

— Uma irmã que devo ir ver. — falo parando ela antes que ela tente terminar a frase. — E tão logo acorde, começará a romper os corações. Vejo-te depois.

Olha, seu que não sou linda. Como Tess uma vez me disse, não tanto para ser cruel, mas somente por que sempre queria saber da nossa família e sua história. Tenho os olhos da mãe da minha mãe, um castanho esverdeado lamacento com uns estranhos pontos azuis neles, e cabelo loiro escuro ao qual gosta de desafiar a minha

escova, a natureza se sobressai até onde se deseja. Também estou formada como uma menina de doze anos, essa parte ninguém teve que me dizer, era muito obvio.

E estaria bem se ainda tivesse doce, mas encher uma taça de álcool tendo dezessete anos é patético. Como o fato de que posso comprar e usar calças de homens por que meço apenas um metro e cinquenta e sete centímetros. E tampouco tinha quadris das que ostentar.

Mas agora sei que o garoto que vi ontem é o Eli, e que pode ser encontrado na loja de presentes. Deve ser bastante novo no hospital — conheço todos os que trabalham ali — e posso lidar com ele. Sei o que vi ontem.

Sei o que, ou quem, a Tess precisa para acordar.

Capítulo 7



Falo para Tess o seu nome e logo a vejo. Ela não responde, mas está bem. Aposto que precisa escutar a voz dele outra vez. Quando isso ocorrer, fará o que fez ontem. Tem que fazê-lo.

Se Tess não acordar, ela não está, e depois “seguirá” sem estar, não verdadeiramente aqui, *sabe?* E sempre tem sido a estrela brilhante em torno ao qual gira a minha família. Tem sido a pessoa da qual o resto de Ferrisville fala com reverencia em suas vozes. Tess é linda, jovem, amável; todas as coisas que as pessoas querem que o outro seja. Todas aquelas coisas que as pessoas muito menos não são.

O único problema é, que não sei como fazer que esse garoto venha aqui. Penso nele enquanto conto para Tess sobre o meu dia, demorando mais na barra de caramelo que comprei antes do último período devido que a Tess é uma sugadora de doces. Inclusive terminou vivendo com Beth devido a isso.

Quando fui visitá-las no outono passado, me disse que sabia que tinha que mudar de companheira de quarto e se mudar com a Beth no primeiro dia que chegou ao campus.

— Entrei no meu quarto, — ela disse. — e ali estava essa garota sentada no chão comendo uma Nibby Barr. Já sabe, a que tem pedaços de chocolate?

Tinha concordado e feito uma careta devido ao amor de Tess pelo chocolate amargo, até agora, incluindo o chocolate com pedaços de chocolate em barra nele, que não tinha sentido para mim.

— E pensei, ok, isso vai ser interessante, por que eu também amo as Nibby. — tinha dito Tess. — Mas resultava que Beth vivia cruzando o corredor e só tinha parado para cumprimentar. Embora soubesse que as coisas funcionariam. E funcionaram! — tinha dado a volta e sorrido para Beth, que sacudia a cabeça para Tess, mas ainda assim sorria.

— Que tal alguns doces? — pergunto agora para a Tess. — Uma agradável barra de chocolate, talvez? Te conseguirei uma, prometo. Só tem que abrir os olhos.

Tess não se move.

— Bom. — falo, e minha voz sai mais irritada do que queria. Engulo com força e olho o chão.

— Alguém quer uma cópia de, eh, *Sassy You?* — disse uma voz na área de enfermagem.

A voz. É esse garoto. Eli. Ouço que alguém mais murmura algo, mas não escuto.

Não escuto por que atrás dos olhos fechados de Tess, vejo algo se mover. Vejo seu corpo escutar algo. A vejo responder.

Sei o que tenho que fazer, e então saio e falo: — É meu. Quero dizer, eu quero a revista.

O garoto, Eli, me olha. Se pensasse que realmente estava me olhando, e não vendo alguém que queria uma cópia da revista mais estúpida do mundo (e sim eu

parecia como alguém que ele quisesse ver), juro que os meus joelhos se derreteriam. (Isso é certo, se derreteriam. Que chatice ser débil. Eli está mais pra lá desse poder mortal).

— Um, desculpa, mas eu pedi essa revista. — uma das enfermeiras disse. — A Sra. Johnson gosta.

A Sra. Johnson está em pior forma que a Tess. Ela não pode respirar por si mesma, e ninguém vem visitá-la. Suponho que toda a sua família está morta, ou algo assim. Só jaz ali em seu quarto, completamente sozinha, dia após dia, ar bombeando para dentro e para fora dos seus pulmões, mantendo o fluir da sua respiração. Seu coração batendo. As enfermeiras não prestam muita atenção, e na primeira semana que a Tess esteve aqui, tive pesadelos sobre a Sra. Johnson a cada noite.

Comecei a escapulir em seu quarto de vez em quando e cumprimentá-la, e os pesadelos pararam. Ainda faço, e embora nunca tenha falado com ela, estou segura que a Sra. Johnson não queria uma cópia de *Sassy You*, com seus estúpidos artigos sobre como conseguir garotos que te querem “todo o tempo!” e perfis de celebridades cujos maiores sucessos estão em lançar o cabelo ao seu redor, sorrindo e jurando que suas últimas viagens a reabilitações “mudaram suas vidas”.

— Então, quem quer? — disse Eli, olhando a enfermeira e depois a mim. — Tenho que voltar para a loja de presentes. Ninguém mais está ali hoje.

Aponto para a enfermeira e volto para a Tess.

— Desculpe. — sussurro. — Eu... — *O que?* Não tenho idéia de como me aproximar dele. Mas é pela Tess. Para que Tess acorde.

— Tenho que ir agora, mas... vou conseguir o Eli para você, ok? — falo. — Não vá a nenhum lugar.

Finjo que a sua boca se curvou em um sorriso, finjo que ela pode me escutar. Pego a cópia de *Sassy You* que a enfermeira jurou que a Sra. Johnson queria desde onde jaz, sem abrir, na pilha de revistas que as enfermeiras “lêem” para a Sra. Johnson, paradas junto a ela e lendo as revistas para si mesmas, e as joga no lixo.

— Lamento que tem tido que ver essa coisa. — falo. — E, bom, vou conseguir que Tess acorde. Tem que fazê-lo, sabe. Do contrário... — minha voz desvanece.

Do contrário esse será o futuro da Tess. Um longo e lento declínio. Uma vida sem vida.

Uma vida comigo atada aqui, por que se Tess não melhorar, meus pais renunciarão tudo para mantê-la com vida e terminarão sem nada.

Terei que ficar e ajudá-los, ser a rocha onde possam se apoiar. Me afundarei em Ferrisville e começarei a decair também. Vou ter uma vida sem vida, e não quero isso.

Sei que é egoísta. Sei que uma boa pessoa, uma boa filha, não pensaria assim. Tess não pensaria assim.

Mas eu não sou a Tess. O último que quero é uma vida na qual não faça nada para me provar uma e outra e outra vez.

Capítulo 8



Eli está na loja de presentes. Imagino que estará falando com um grupo de garotas ou admirando o seu reflexo ou o que seja que as pessoas lindas fazem quando estão no trabalho. Tess conseguiu um trabalho em uma loja de comidas em Milford no verão antes de ir para a universidade, mas na realidade a única coisa que fez foi passar dia após dia falando com os garotos que passavam rondando no *Organic Gourmet* atrás dela.

Eli não está falando com ninguém, e não está olhando a si mesmo tampouco. Está organizando um montão de revistas, tamborilando os dedos uns contra os outros e fazendo caretas para as manchetes. Inclusive franzi o cenho magnificamente.

Provavelmente deveria estar nervosa por falar com ele, mas uma vida inteira vendo os garotos tropeçando com eles mesmos para dizer “oi” para a Tess tem me feito perceber o estúpido que é. Atuar como se não é suficientemente boa para falar com alguém geralmente significa que eles decidem que não é suficientemente boa para falar com eles. Além disso, Eli não é para mim, é para a Tess. Simplesmente me asseguro de que se encontrem.

— Tenho certeza que estará melhor daqui a pouco. — falo, assinalando o loiro na capa da revista que está olhando. — Dizem que a sexta vez na reabilitação é um encanto.

— O que? — disse, e logo olha para mim. — Oh, você é a garota que...

— Tem a linda irmã. — falo, por que sei como termina a sua sentença. Assim como sempre termina. — Posso ter um exemplar desse?

— Quer um exemplar disso?

Não quero. Prefiro meter um soco no meu olho antes de ler contos de inspiração sobre como uma garota tem feito fortuna vendendo camisetas, sem importar que um dos seus pais é sempre um design ou proprietário da loja de moda de *New York*, ou ver fotos de modelos com olhos de guaxinim posando com roupas que ninguém que eu conheça pode usar. *Ou pagar.*

Mas o que eu falo é. — Sim.

Se levanta e me dá uma, todo o movimento fluido e pele escura de cor mel. Estou plenamente consciente da minha pequenez, a falta de curvas, e meu absurdo em geral.

— Tem certeza de que quer? — disse. — Te vi fazer uma careta quando entreguei uma para a Sra. Johnson, e não parece o tipo de pessoa que... — lança um olhar para a capa — ... Se importa sobre o novo e melhor bronzeado sem sol.

Claro que não. Como vejo, a forma que tão facilmente descarto em me beliscar um pouco, mas enquadro os meus ombros, escavo um pouco de dinheiro do meu bolso, e arremesso no balcão.

Enquanto busca o troco, olho os doces. Alguém tocou, e juro, acho que tem sido organizado por tamanho da barra e a cor das embalagens. *Estranho.*

— Aqui está. — disse, e me entrega o troco. — Desfrute a sua revista.

Viro os olhos antes de lembrar que se supõe que eu quero “a coisa” e ele sorri, uma boca perfeita de forma em que mostra seus dentes perfeitos, e se eu fosse mais débil memorizaria esse sorriso por que estou segura que nunca vou ver nada como isso de novo.

— Seus olhos... utiliza lente de contato? — disse.

Congelo, todo o meu corpo fica entorpecido.

— Não. — falo, se ele disse que tenho olhos bonitos, eu... eu não sei. Só sei que não vou chorar. Jack disse que os meus olhos eram bonitos uma vez, e fui suficientemente estúpida para acreditar.

Mas esse sujeito não disse isso. Ele só disse:

— Quer mais alguma coisa? — tão amável, tão perfeito, e admito que por um segundo, um estúpido segundo, quero pular sobre o balcão e lambar o seu pescoço e tocar os seus ombros e o seu cabelo e pretender que poderia fazer que um cara como ele enfraquecesse os joelhos.

— Sim. — falo, esmagando esse segundo, essa estúpida pontada de desejo, até o fundo. — Quero que acorde a minha irmã.

Capítulo 9



Eli me olha como se acabasse de dizer: “Oi, estou louca.”

— Mas a sua irmã, ela está...

— Ela está em coma. —falo. — Mas seus olhos se moveram quando falasse. Ela pode te ouvir. Então se você, sabe, visitar ela, acordará. E quando fizer isso, se apaixonará por ela. Todo mundo faz.

— Então quer que eu... O que?

— Só preciso... Quero que fale com ela. — falo. — Quando seus olhos se moveram, foi... — tomo uma respiração profunda. — É mais do que tem feito em anos.

— Vai estar ali?

— O que?

— Se falar com ela, vai estar ali?

Oh, entendo.

— Não. — falo, e aponto para os ramos de flores e plantas que se mantêm ligeiramente murchas. — Vou comprar flores ou alguma coisa, e quando chegar irei para a sala de espera enquanto fizer o que seja que faz quando te encontra com alguém.

— Não posso. — disse. — Só posso entrar no quarto de um paciente se tem uma enfermeira ou um familiar presente.

— Muito bem, então estarei ali. — ele me confunde. — Eu não... Não vou falar contigo, se isso é o que te preocupa. Sei que não sou... como tenho dito, estou aqui pela minha irmã.

Ele se apóia no balcão, se situando mais perto de mim. Tomo tudo o que tenho em mim para não dar um passo para trás. Ele é tão... Tão lindo. Ele é...

Ele é da Tess. Estou fazendo isso por ela. Obrigó-me a segui olhando para ele.

— Diz realmente sério, não? — disse finalmente. — De verdade acha que posso acordar a sua irmã.

Concordo com a cabeça.

Ele ri.

Na realidade ri, com os olhos enrugados, o cabelo caindo em uma perfeita desordem ocasional sobre a sua testa e até as orelhas, e me obrigo a rir, a atuar como se fosse indiferente a ele, como se o fato de que risse não significasse nada para mim. Imagino-me como o pequeno animal que sou, toda ira e conhecimento ganhado com suor, garras e dentes e um coração imutável.

Imagino a Tess acordada e a felicidade dos meus pais.

— Sei que Clement tem te incitado a isso. — disse se lançando a rir. — Disse que tinha entendido a mensagem e juro, deixei de presentear chicletes.

— Espera, espera. Está presenteando chicletes? — falo, e estendo uma mão como se estivesse esperando um pacote.

Outra coisa que tenho aprendido é que o melhor é pegar os momentos em que deseja que o chão te engula, como agora, e obter todo o possível deles. Atuar como se não se importasse em ter te posto aqui e passar por ele. Ou, nesse caso, rir dele.

— Fazia. — disse. — Mas não faço. Disse ao Clement que sei que a loja de presente se supõe que se dá benefícios para... Os que se supõe que se beneficiam, e...

— Ferrisville. — falo, o animal agora está pronto para tirar as garras. — Está trabalhando para arrecadar dinheiro para pessoas de Ferrisville que não podem se permitir ao luxo de ser tratados aqui.

— Me esqueci.

— Aposto que sim. Deixe-me adivinhar, te metesse em problemas em Saint Andrew`s e está designado aqui como uma espécie de castigo?

— Esqueci o nome da cidade, isso é tudo. — falou. — Como sabe que sou de Saint Andrew`s?

Rio, frágil e forte.

— Não temos pessoas como você em Ferrisville.

— Parece feliz por isso.

Sorriso.

— Não é tão surpreendente. Risse de mim quando te pedi para ajudar a minha irmã, lembra?

— Disse sério?

— Sim. — falo, com a exasperação se arrastando pela minha voz. O que acontece com esse garoto?

— Desculpe. — disse. — Eu... olha, realmente pensava que Clement te enviou aqui, e eu... não... não sei como posso ajudar a sua irmã. Sério. Não vi ela fazer nada quando estava em seu quarto, e realmente não sou esse tipo de cara.

— Mas ela fez algo. — falo. — E nós dois sabemos que é esse tipo de cara, se quiser. Se você... se disser que vai me ajudar... que vai ajudar ela... falarei com o Clement e sairá daqui. Gosto e posso fazer que algumas coisas aconteçam por aqui. Direi que está me ajudando com um projeto para a escola.

— Clement não gosta de ninguém.

— Errasse. Simplesmente não gosta de ninguém de Milford. — falo. — Ao qual provavelmente é a razão pela qual passa todo o seu tempo aqui, já que é multimilionário.

Eli pisca.

— Espera um minuto. Você é... é a Abby?

Wow, falando de jogadas que valiam à pena.

— Sim.

— Você... Clement disse que era...

— Ele não pode ver muito bem. — falo para o Eli. — Quando se é velho, acho que todos se parecem lindos ou algo assim.

— Ele não disse que era linda.

Bom, ouch.

— Feia, então. O que seja. O ponto é, vou falar com ele e não terá que trabalhar mais aqui.

— Não disse que fosse feia, tampouco.

— Não me importa. — falo, mas me importo, e só quero sair dali. — Vou falar com o Clement e logo só tens que falar com a minha irmã.

— Está bem, mas não acho que vá acordar por mim.

— Você não conhece a Tess. Ela ama os garotos lindos, e você é o garoto mais lindo que já vi. Ela vai acordar, e quando fizer, me agradecerá.

— Ela é como você? — disse. — Quero dizer, é... Simplesmente diz coisas como você?

— Não, não é, Tess é perfeita. É linda e inteligente e todo mundo a ama. Você também. Não será capaz de evitar. Vou falar com o Clement agora mesmo e vamos começar amanhã, ok? Eu diria que devemos começar agora, mas Clement gosta de falar e tenho que pegar o ferry para a casa dos meus pais, eu... — me interrompo. Não tem necessidade de entrar nisso com ele. — De todos os modos, faremos amanhã, ok?

— Ok. — disse. — Abby.

Concordo com a cabeça para ele e saio da loja de presentes.

Se ele dissesse o nome da Tess como acabava de dizer o meu, Tess acordaria em uns dez segundos depois de que ele começasse a falar.

Inclusive Jack dizendo o meu nome nunca me fez me sentir tão...

Possuída.

Prometi a mim mesma que tudo estava no passado, esquecido, e que ia seguir assim. Fez-me forte, aprendi, a saber, quem e o que sou.

Vou buscar o Clement. Ele está tomando café na cafeteria e olhando para o rio, e sorri no segundo em que menciono o nome do Eli.

— Se disse ao garoto para que tivesse em conta. — disse. — Diria: “Eli, é um cometa”.

Bom, Eli estava certo. Clement não me teria chamado de feia. Só teria me chamado de um objeto voador que atiram nos povos nos dias festivos. Tinha estado pensando um pouco na forma em que tinham se conhecido, mas agora não importava. E, além disso, Clement conhecia todo mundo.

— O que acontece é que preciso que me ajude com uma coisa. — falo. — E nós dois sabemos que conhece todo mundo e que pode fazer as coisas. Então, Eli pode me ajudar?

— O que quer que faça? — disse Clement. — Sei como são as garotas sobre o amor, Abby, mas se quiser sair com ele, deveria...

— Oh, não! — falo. — Eu não... isso não é sobre mim. É pela Tess. Moveu seus olhos, lembra? E fez quando Eli estava falando. Então se ele falar com ela, pode ser que acorde.

Clement toma um gole de café.

— Isso e nada mais?

— Eu sei que vai funcionar. Conheço a minha irmã. Ela gosta dos garotos lindos e Eli... ele... é... já viu ele. Sua voz pode fazer que se mova, imagina o que vai fazer uma vez que ela abra os olhos.

— É um garoto charmoso. — disse Clement. — Se parece com a sua avó, mas também com a sua mãe. Ela é uma coisinha. Veio aqui desde o Japão e...

O interrompo.

— Então, pode fazer?

— Sabe qual é o seu problema? — disse Clement. — É impaciente.

— Dissesse antes que era preocupada.

— E é. — Clement disse e toma outro gole de café.

— E bem? — falo quando não fala.

— Viu? — disse.

— Bom, tens razão. — falo sorrindo. — Então, Eli pode fazer o que?

— Ele pode te ajudar. — Clement disse. — E você pode ajudar ele.

— Bom, acho que a Tess se encarregará disso. — falo. — Quando acordar, me refiro.

Clement começa a dizer algo e logo me dá palmadinhas na mão.

— Não deveria... Deveria querer mais a si mesma, Abby.

Trago saliva.

— Me quero tanto quanto deveria. — falo finalmente. — E obrigado por aceitar.

— Não se preocupe por isso. — disse. — Eu ia ter que tirar o Eli da loja de presentes de todos os modos. Segue presenteando chicletes. E leva uma eternidade para contar revistas.

— Classificar.

— Sei o que disse. — falou. — Me referia a contar. Então disse contar.

— Está bem. — falo, levantando as mãos em sinal de rendição, e enquanto tira outra das suas pastilhas para a tosse, agito a mão para ele e movo a cabeça.

— De nada. — grita atrás de mim, e saio do hospital me sentindo mais leve do que me sentia há meses.

Isso vai funcionar. Sei que sim. Vou dar a Tess o que quer. Vou ver o seu despertar. Vou ver a minha família unida de novo, as coisas voltarão a ser como antes.

Conseguirei acordar a Tess, e logo finalmente serei capaz de escapar dela. De vê-la apegada e indefesa como agora.

De viver na sombra.

Capítulo 10



Vejo o carro da Claire na minha frente quando estou esperando o ferry, mas não me incomodo nem se quer de alcançá-la. As pessoas tomam a espera do ferry muito a sério por aqui, e não tenho vontade de que gritem para mim “fura fila”, sem se importar que juntos, a minha bicicleta e eu, representamos aproximadamente uma quarta parte de um carro. O ferry ainda nos conta como um veículo.

E me faz pagar por ele também.

Então espero, e depois que entro a bordo, e que todo mundo tem estacionado e o ferry finalmente resfolega longe do cais, vou à busca da Claire.

Ela esta de pé perto da parte dianteira do barco, tirando o cabelo do seu rosto com uma mão. Claire não é bonita, mas se destaca. Ela tem o cabelo curto, um pouco mais abaixo dos seus ouvidos, e é de cor vermelho brilhante, quase laranja. Costumava levá-lo super curto, praticamente um corte de garoto. Eu tinha dez anos e a Tess treze anos quando pela primeira vez a Claire cortou dessa maneira, e a Tess pensou que era a coisa mais incrível. Ela tinha uma foto das duas na praia, a parte

superior da cabeça da Claire tão queimada pelo sol como seu nariz, presa por anos no marco do espelho da sua cômoda.

Pergunto-me o que fez com ela quando decidiu que já não ia falar com a Claire. Nunca perguntei. Quando a Tess tinha dezoito anos e eu tinha quinze, nunca falava com ela a menos que tivesse que fazê-lo.

— Hey. — falo para a Claire, e me coloco ao seu lado na grade. O ferry lida com uma onda e polvilha bruma no meu rosto.

— Hey. — disse a Claire. — Escutei que fosse à loja de presentes hoje. Não sabia que estava interessada em tirar o pó com ele, Abby.

— Tirar o pó? De que ano é isso?

— Rick dizia. — disse ela, um leve sorriso aparece, mas desaparece rapidamente, tão pronto como disse o nome do Rick. — Bom, ele dizia por mim. Tome isso! Sabia que na realidade me chamou ontem à noite e me disse que não via como o Cole poderia precisar de dinheiro, já que você sabe, um menino pequeno, e o que precisamos?

— Desculpe. — falo. — Então suponho que ele disse que queria que voltassem, verdade?

— Ah, sim. — disse ela, sorrindo para mim. — Sabe qual é a melhor parte? Depois de desligar, na realidade chamou e perguntou outra vez por que pensou que tinha terminado. Não sei no que estava pensando no colégio.

— Não se ofenda, mas em que estava pensando?

— Não estava pensando. — disse. — Ele queria ter relações sexuais, e pensei que isso parecia ser muito mais fácil que estar apaixonada... — sua voz apagou.

— Espera, estava apaixonada por alguém? Quem?

Ela me olha piscando, e logo olha para a água.

— Alguém que não me queria. — disse finalmente. — Não o suficiente, de qualquer modo.

— Ainda está na cidade? Não importa, claro que está. Quem é? Tess conhece? Por isso se zangou tanto quando você...?

— Boa tentativa. — disse Claire. — Mas não esqueci que estava na loja de presentes falando com um garoto tão lindo, que alguém que entrou no hospital na verdade parou e bateu uma foto.

— Não fez!

— Fez! — ela disse. — Uma das enfermeiras viu tudo.

— Isso é muito triste.

— Ele é terrivelmente... ia dizer lindo, mas não é lindo. É formoso. Quero dizer, realmente e verdadeiramente formoso. Não parece?

— Acho que ele vai acordar a Tess.

— O que?

Falo o meu plano para a Claire.

— Então por que acha que visse os olhos da Tess se mover...

— Soa estúpido quando diz dessa maneira. — falo. — Ela... olha, estava no quarto. Ele falou, e algo aconteceu a ela.

— Devido ao Eli?

— Sim, duh. — falo. — Eu vi. Inclusive acaba de me dizer que é formoso. E sabe como é a Tess. Ela sempre quis ser conquistada pelo homem perfeito. Beth

inclusive conseguiu pra ela um livro de românticos contos clássicos de fadas de Natal. — faço uma pausa. — Ou ao menos isso é o que a Tess disse. Ela não... nem sempre nos mostrava os seus presentes. Deixava na escola e agora...

— Como a Beth está? — a Claire disse. — Não a tenho visto muito no hospital ultimamente.

— Ela se acercava muito ao princípio. — disse. — Mas agora está... não sei. Ocupada com a universidade, eu acho.

— Elas viveram juntas durante dois anos.

— Sim, mas assim é na universidade. Tess disse que quando encontra alguém decente com quem compartilhar um quarto, não joga para perder.

Claire fica olhando para o rio.

— Sabe, Abby, talvez você não... talvez você não conhece a Tess como acha que conhece.

— Oh, vamos. — falo. — Tess quer ser feliz.

— Não, ela quer que todos pensem que é perfeita.

— Não acho que a Tess tenha se preocupado com isso. Por que precisaria alguma vez? Refiro-me, ela é...

— Sim. — Claire disse. — Ela é a Tess. Mas ainda assim, não se atrevia a fazer nada que pensasse que alguém, em algum momento, pudesse pensar que estava errado.

— Sabe, mamãe costumava dizer que a Tess queria que as coisas fossem perfeitas. — falo. — Acha que é por isso que atuou da maneira em que fez quando engravidasse? Não é que penso que engravidar é ruim ou algo assim, mas Tess...

— Eu sei. — disse a Claire, com voz amarga. — Acredita em mim, sei o que a Tess pensava.

— Desculpa.

— Sim, bom, sei que você também fez. Nunca falasse do Jack, depois de tudo, verdade?

Sacudo a cabeça e me obrigo a rir. Saiu como um som áspero e quebrado.

— Não, não fiz. Ela não... não teria entendido. Quero dizer, olha como te tratava. E a agradava. Tess e eu simplesmente não somos... não temos nada em comum.

— Acho... acho que vocês duas não são tão diferentes como pensa. Quero dizer, olha esse seu plano. Está esperando um final feliz, não?

— Por que sei que a Tess quer. — falo. — Por que ela acredita neles. Eu não.

— Abby. — a Claire disse, mas negou com a cabeça outra vez, como se pudesse me livrar da lástima em sua voz.

— Não faça. Simplesmente... não. Sei que a Tess foi ruim contigo e nem sempre me agradava, mas é minha irmã. Acho que tenho que amá-la...

— Acha?

— Isso não é o que quis dizer.

— É o que disse.

— Tenho que ir. — falo, e volto para a minha bicicleta. Olho a água, o cais de Ferrisville crescendo mais e mais.

Não quero que a Claire sinta lástima por mim. Não quero que ela fale que sabe que eu costumava acreditar no amor e todo esse lixo. Não quero que me lembre que eu costumava pensar que era possível que um garoto ao redor de mim, da Tess, que me olhava e não olhava ela.

Não quero pensar que uma vez fui suficientemente estúpida para acreditar que podia estar com alguém que quisesse a minha irmã e fazê-lo querer a mim.

Capítulo 11



Meus pais chegaram em casa mais cedo que o usual e me pegaram na cozinha metendo pedaços de torradas dentro do pote de geléia e logo comendo-os.

— Se supõe que se coloque a geléia no pão e não o pão no pote. E comesse algo mais, além disso, certo? — mamãe disse, e se senta no meu outro lado, me dando seu olhar de Mamãe. É realmente boa nisso.

— Por que estão em casa tão cedo? Tess está...?

— Está bem. Seu pai e eu decidimos vir para casa depois que falamos com o doutor.

Olho para papai, mas ele está entrando e vai direto para a sala. Algo definitivamente está acontecendo.

— O que o doutor disse?

Mamãe se levanta.

— Vou fazer um sanduiche. Quer um?

— Mãe. — falo, e ela me olha sobre o seu ombro desde o balcão e me dá um meio sorriso pequeno e triste.

— Não é nada pelo que precise se preocupar. Simplesmente... o seguro não vai cobrir tanto como pensávamos e, bom, a Tess tem estado no hospital por tempo suficiente, então estão nos pedindo que consideremos outras opções.

— Outras opções? Como quais? — Sei do fato que mamãe e papai têm lido cada coisa que tem posto em suas mãos sobre comas. Também sei que tem ido ver a muitos doutores, e sempre voltam dessas reuniões com o rosto sombrio.

Mamãe não responde.

— Mãe? — falo outra vez, e papai vem da sala, sua boca curvada nesse sorriso estranhamente familiar, que por alguma razão, envia calafrios atrás de mim e um raio de pânico e medo abaixo da minha pele.

— Aposto que tem tarefa. — disse.

— Sim. — falo, me levantando e me afastando, assim não posso ver o seu rosto e esse sorriso. — Ok.

Há silencio, tanto silencio enquanto subo ao meu quarto e fecho a porta, mas me arrasto para fora dela e volto para as escadas, fecho a minha porta antes de atravessá-la por que sabia o que viria, escuto os meus pais começarem a falar.

— Odeio a idéia que a Tess vá para um asilo. — disse papai. — Ela não está... ainda tem uma oportunidade. Ainda poderia acordar. E não quero que pense...

— Ela sabe que a ama. — mamãe disse. — Sabe que não renunciara a ela. Todos nós sabemos disso.

— Katie... — papai disse, e mamãe o interrompe dizendo:

— Dave, simplesmente não sou você, ok?

O silêncio cai de novo, e logo escuto a mamãe suspirar, a escuto cruzar a habitação.

— Desejo... — disse, amor e tristeza em sua voz, e papai disse:

— Eu também. — Sua voz soa afogada, como se estivessem falando de algum lugar distante, ou contendo algo.

Como se estivessem tentando não chorar.

Baixo as escadas mais um pouco, e quando estico a minha cabeça para a cozinha, os vejo sustentando-se mutuamente, papai descansando a sua cabeça contra a de mamãe, com a boca pressionada em seu cabelo.

O sorriso que estava levando antes se foi, limpa, e percebo onde o vi antes.

Tess. Seu último ano, e especialmente antes da formatura, antes que se fosse para a universidade, assim era como a Tess usualmente sorria. Eu simplesmente nunca percebi que era forçada. Que não era de tudo real.

Minha pele formiga embora não faça frio, e estou fria até os ossos. Subo silenciosamente as escadas, direto ao meu quarto, e fecho a porta atrás de mim.

Capítulo 12



Até que tive quinze anos, quis ser a Tess. Queria o seu cabelo liso e brilhante. Queria a sua habilidade para sempre aparecer perfeita. Queria que seu sorriso fosse meu. Queria que as pessoas me vissem e que os seus olhos se iluminassem.

Queria todas essas coisas, e nunca tive nenhuma delas.

No entanto, Tess era amável sobre isso. Essa era a sua forma de ser. Me emprestava a sua roupa e não me dizia para que saísse quando a via com os seus amigos. E quando os garotos vinham — e sempre vinham vê-la — me apresentava.

As pessoas em Ferisville viam a Tess, inclusive pensavam que era perfeita. E era perfeita.

Ao menos, era em público.

Em casa, no entanto, às vezes, Tess, bom, tinha uma escuridão nela. De fato acho que soa normal. Mas a coisa é que, nunca mostrava fora de casa, nunca levou onde as pessoas pudessem ver. Nunca.

Não era nada grande ao princípio. Costumava se desgostar por algo e simplesmente se retirava, se calava e ia para o seu quarto, atuava como se tivesse

desaparecido embora não tivesse feito. E então, se alguém quisesse chamá-la ou ia vê-la, ela... nem se quer sei como explicar bem isso. É como se suavizasse algo em si mesma, deixasse a um lado, talvez, e voltava a ser a Tess outra vez. A Tess que todos conheciam, a que sempre estava tão feliz, que sempre mostrava um rosto sorrindo ao mundo.

Mas isso era para o mundo. Para mim... bom, lembro dessa vez, quando tinha doze e ela quinze, entrei no seu quarto sem bater, esperando que me deixasse sentar com ela e a Claire, e simplesmente me olhou como se nunca tivesse me visto antes.

— Hey. — disse, e então tinha sorrido, uma curva de sua boca muito brilhante e muito afiada, como se tivesse esquecido como sorrir e não pudesse nem se quer fingir, e se levantou, veio para mim e disse:

— Vá.

Não gritou. Falou nessa voz estranha e plana, quase como se falasse a lastimava, e quando eu disse:

— Mas...

A Claire disse:

— Tess, te acalma, ok? — Tess deu a volta e olhou para a Claire. Só a olhou, não disse nada, e a Claire afastou a vista de mim e olhou para o chão.

Retrocedi, e a Tess voltou a fechar a porta, ainda olhando a Claire e nem uma vez para mim. Era como inclusive se tivesse esquecido que estivesse ali.

Nessa noite, no jantar, perguntei algo a Tess, o que ia usar para a escola no dia seguinte, talvez, ou sobre o seu cabelo, coisas sobre as quais Tess amava falar, e me ignorou.

— Acho que a Abby te fez uma pergunta. — papai disse, e deu nela um golpezinho brincalhão com a tigela de salada que estava sustentando.

— Não posso seguir fazendo isso. — a Tess disse, e outra vez, não gritou. Nem se quer soava aborrecida. Só estava... fora. Se levantou e foi para o seu quarto e não saiu por dois dias. Não foi para a escola, nem se quer respondia as chamadas, nada mais que para dizer a eles que não estava se sentindo bem mas que estava feliz por ligarem. Estava dormindo se alguém vinha. Não comia, e nem se quer acho que de verdade dormia. Ela só... simplesmente não fazia nada.

Mamãe faltou o trabalho para ficar em casa no segundo dia, e quando cheguei em casa da escola a Tess estava fora do seu quarto e sorrindo outra vez. Quando perguntei a ela se estava bem, me olhou como se tivesse feito uma pergunta que não entendia e então disse:

— Mamãe disse que tens os olhos da sua mãe.

— Oh. — disse, ferida por que mamãe nunca falava sobre os seus pais comigo, nunca, jamais. Sabia que ambos estavam mortos, mas isso era tudo. Nem se quer sabia que os meus olhos pareciam como os da minha avó.

— Sim. — a Tess disse. — Sabia que se suicidou?

— O que?

— Sim. — Tess disse. — Assim que talvez está enfeitiçada. — se inclinou para mim. — Talvez termine igual a ela.

Normalmente aqui é quando deveria ter chamado a mamãe ou o papai ou a ambos, mas não podia. Tess estava tão... parecia normal, tão como a Tess, mas o que estava dizendo me cagava de medo. Não queria estar enfeitiçada.

Não queria que a Tess soasse tão feliz sobre isso.

Então simplesmente fiquei ali, com o olhar fixo e assustado, até que se afastou.

Quando finalmente reuni a audácia para perguntar a mamãe sobre os meus olhos, disse que sim, que pareciam como os da sua mãe, e logo:

— Por que pergunta?

Dei de ombros.

— No entanto não é como ela. — mamãe disse, se inclinando e afastando o cabelo do meu rosto. — É como o seu pai. Quando decidiu ser quem realmente era, quando se levantou por si mesmo, ele... bom, digamos que pode dizer que é seu pai.

Não sabia o que queria dizer com isso exatamente, mas não perguntei. Imaginei que tinha algo a ver com o irmão de papai, John, que morreu quando papai estava no colégio, e como papai tinha deixado a sua casa por um tempo depois disso. Em sua maior parte — depois de escutar isso e o que a Tess tinha em dito — decidi que os meus pais dificilmente falavam sobre os seus passados e suas famílias por uma razão.

No entanto, ainda queria ser a Tess. Queria ser capaz de fazer sorrir as pessoas como ela fazia, queria sempre saber o que dizer ou o que usar. Queria ter esse algo misterioso que ela tinha, queria a sua habilidade para fazer com que todos quisessem conhecê-la e se sentissem atraídos por ela, que quisessem ser como ela.

Acho que poderia ter dito a alguém sobre os momentos de escuridão da Tess, os que só aconteciam em casa, em privado, mas os meus pais nunca falavam sobre isso com ninguém, e eu, bom, todos tinham dito que estava com ciúmes. As irmãs mais novas que não são tão lindas e perfeitas como suas irmãs mais velhas sempre estão ciumentas, não?

E a verdade é que, estava com ciúmes. Aparte desses poucos momentos em casa, Tess era tudo o que eu podia querer ser alguma vez.

Então a Claire ficou grávida justamente depois de que ela e a Tess começaram o seu último ano no colégio e a Tess... mudou. Não na superfície, não no brilhante ser que ela vestia a cada dia e que deixava que todos vissem. Mas em casa, em privado, era diferente. Estava em silêncio. Estava zangada. Era cuidadosa de não mostrar exceto em casa. Mas em casa, estar ao redor dela era como... como estar ao redor de alguém que está tão incomodado que estava doente com isso.

E já não queria ser como ela.

Às vezes, especialmente quando a gravidez da Claire realmente começou a se notar e a Tess estava esperando escutar algo sobre a universidade, ela simplesmente jazia em sua cama e olhava o teto. E não por pouco tempo. Por horas.

E uma vez, nos apressamos para a Claire e a sua mãe na loja de comida quando mamãe nos enviou para comprar pão de hambúrguer. Tess atuou como se não as visse, mas todo o caminho no carro até em casa, de tudo o que falou era o quanto odiava a Claire. Falava tanto e tão rápido que saltou saliva da sua boca, oscilando desde a esquina dos seus lábios, e quando passou as mãos pelos seus cabelos, fez com tanta força que grossas mechas de cabelo estavam envolta ao redor dos seus dedos quando os levantou.

No entanto, esse não foi o pior momento. Não para mim.

O pior foi à noite de verão quando cheguei em casa depois de romper o meu próprio coração — e o quão estúpida tinha sido nisso então, aos quinze anos, de não ver que poderia fazer isso, de não ver que podia destruir a si mesma mais fundo do que ninguém mais poderia — e encontrei a Tess sentada na sala de estar.

Estava sentada ali, dezoito anos e reluzente, e sorriu para mim, um sorriso real, esse lindo sorriso da Tess que te detém o coração, e então disse:

— Abby? Está...? O que aconteceu? — seu sorriso desvaneceu como se entendesse como me sentia.

— Nada. — disse, esperando destruí-la, destruir o mundo, destruir tudo. Como se a Tess pudesse alguma vez entender como me sentia. Como se algo realmente ruim tivesse acontecido alguma vez.

— Está bem. — disse lentamente, claramente não comprando, e então tirou os seus pés da cadeira e colocou-os no chão, fazendo espaço para mim. — Quer ver um filme de extraterrestres tentando destruir o mundo?

Olhei a tela da televisão.

— Esta vendo essa estúpida versão moderna da Cinderela protagonizada por essa atriz cuja cabeça pesa mais que todo o seu corpo pela milionésima vez?

— Eu sei. — disse. — Mas posso mudar de canal. E olha, pode rir de mim quando me assustar.

— Não quero.

— Sei como se sente. — disse. — Não tens que me dizer, mas só... Realmente sei, está bem?

Não acreditei, tinha passado toda a minha vida vendo como rompia o coração, não rompendo ela mesma, depois de tudo, mas soava tão sincera. Essa era outra coisa sobre a Tess. Tinha essa forma de fazer que tudo e nada soava verdadeiro, soava como se soubesse o que queria dizer, que ela te entendia.

Tinha uma forma de te fazer sentir como se estivesse que estar ali para você. Como se quisesse. E essa noite, precisava acreditar que alguém estava ali para mim. Inclusive se era ela.

E então me sentei ao seu lado, e vimos um filme onde as pessoas eram comidas por extraterrestres. Tess escondeu a sua cabeça atrás das suas mãos na maior parte dela e nem uma vez disse uma palavra sobre a areia na minha roupa ou como o rímel que tinha me visto aplicar antes que fosse trabalhar tinha corrido em manchas lamacentas abaixo dos meus olhos. Era tão agradável, tão compreensiva, tão Tess.

E a odiava por isso. Por ser tão perfeita outra vez.

Quando fui para a cama nessa noite, me estendi ali, com os olhos secos por que não ia chorar. Não podia evitar, e me perguntava se a Tess alguma vez sabia o que era um coração quebrado. Se alguma vez conhecia algo desagradável, e o quanto desejava que fizesse.

E sei que não causei o acidente, sei que não sou a razão pela qual a Tess está no hospital. Mas agora desejo poder pegar toda a raiva que alguma vez senti quando olhava para a Tess, quando pensava sobre ela, e fazê-la desaparecer.

Desejo que uma parte de mim não siga sentindo essa raiva quando a vejo deitada distante e silenciosa. Desejo querer que acorde só por que sinto a sua falta.

Mas não faço. Sinto sua falta, mas não como deveria. Quero... quero que acorde por que assim não terei que estar atada a ela para sempre.

Quero que acorde para que assim não me recordem para sempre que não sou ela.

Que nunca serei ela.

Capítulo 13



— Olá. — Clement disse quando entro no hospital no dia seguinte, franzindo o cenho por que a minha bolsa se molhou no ferry e o banheiro ficou sem toalhas de papel.

Curvou a boca em um enorme sorriso falso, riu e tirou uma pastilha para a tosse.

— Encontraram alguém para trabalhar na loja de presentes a partir de hoje. — disse. — Tem algo que gostaria de me dizer?

Sorri.

— Tenho ouvindo que comer muita dessas coisas que tanto gosta dá gases.

Ele riu.

— A minha mulher teria se encantado. Gosta dos Jaffa Cakes³? Harriet adorava. Costumava ser difícil encontrá-los por aqui, mas agora os supermercados têm internacionalizado os seus corredores e se pode encontrar qualquer coisa.

³ Jaffa Cakes: biscoitos redondos cobertos em chocolate e com recheio de doce de laranja, bem conhecido no exterior.

— Adoro. — falo, e me pergunto que diabos são os Jaffa Cakes.

Ele sorri para mim.

— Agora, o que vai fazer quando te trouxer um caixa disso?

— Dizer aos meus pais que o meu novo namorado é um pouco maior que eu.

Clement ri tão forte que se afoga com a sua pastilha para a tosse, fazendo com que as pessoas da área da recepção venham correndo com água e oferecimentos de ajuda. Às vezes penso que deu mais dinheiro ao hospital do que as pessoas murmuram, por que normalmente as pessoas da recepção não se movem nem se moverá a menos que alguém esteja desagradando por todo lugar. Ou se é o momento do seu descanso.

— Vamos. — disse, me tirando do grupo de abelhudos. — Diga ao Eli que disse “Oi”.

Me aproximo da unidade da Tess, e vejo o Eli sentado fora da pequena sala de espera. É fácil de detectar, por que um par de auxiliares de enfermagem está ocupada organizando os carrinhos na porta e estão olhando para ele embasbacadas.

Pergunto a elas se tem visto a Claire, e as duas dão de ombros e voltam a olhar para ele embasbacadas. Vou indo mais além e entro no quarto onde se encontra o Eli, apoiado com os dedos de uma mão em uma cadeira enquanto olhava fixamente a televisão parafusada na parede.

— Oi. — falo, e falo a mim mesma que o chute na barriga que sinto quando me olha é só uma reação involuntária. Como os câimbras no estômago depois de comer alimentos em mal estado.

— Oi. — disse, em uma voz tão baixa, estável e doce como a recordava. As auxiliares seguem fora da sala, embasbacadas olhando com tanta força que posso sentir os seus olhares entediados sobre mim.

Posso vê-las se perguntando como e por que alguém como ele está falando com alguém como eu.

— Está pronto? — falo, e elas deixam de se perguntar tão rápido, como se a Tess se acorde e o vejam com ela.

— Tem visto o Clement?

— Sim. Disse que te diga “Oi”.

Então Eli se levanta, se desapegando da cadeira como uma obra de arte que cobra vida, toda graça e pele de cor caramelo que minha mãe costumava comprar, caramelos de embalagem dourada individual que fundia e se convertia no sorvete.

Tess o comeria em colheradas cheias.

— Eu... você, está bem? — disse, me olhando com um pouco de dúvida.

Concordo e falo:

— Sim. Vamos ver a Tess, adorará, confia em mim. — disposta que a minha voz não se rache, me dispondo a soar normal, como se não estivesse esperando que me doesse com tanta força o coração.

Como se não estivesse notando.

Nos dirigimos para o quarto e teclo o código na porta que permite as enfermeiras saber que alguém está esperando para entrar.

— Queria dizer, queria perguntar sobre a sua bolsa. — Eli disse. — Parece um pouco molhada. Posso conseguir uma toalha ou algo para secá-la se é necessário.

Sacudo a cabeça, dizendo que não sem palavras, por que não posso falar agora.

Não sei o que pensar sobre o fato que inclusive se deu conta de que a minha bolsa estava molhada. Ninguém... tem passado muito tempo desde que alguém me olhou e me viu.

Deus... por sorte, antes de que possa terminar esse perigoso pensamento, uma enfermeira nos abre e caminhamos ao quarto da Tess.

Uma vez que fiz isso e me sentei em meu lugar de costume, me sinto melhor. Menos impulsionada pelo seu comentário. Por que ele me tem notado. Embora fosse só pela minha bolsa.

Olho para a Tess e toco o seu ombro, esperando que o seu peito suba e abaixe.

É só um pequeno movimento, mas é o maior que faz. O que mantém a nós todos vindo aqui. Mantêm a todos esperando.

— Trouxe alguém para te ver. — falo, e logo olho para o Eli.

Se senta na minha frente, e acho que ela o tem pegado, que está pegado pela sua beleza, como todos os demais, no entanto logo começa a bater ligeiramente na cadeira com os dedos de uma mão e me olha como se estivesse esperando alguma coisa.

— É tímido. — falo para a Tess, e logo o olho de novo, ampliando os olhos para que saiba que se supõe que deva estar falando agora. — Mas o ouviu outro dia, lembra? O cara da voz?

Eli aclara a garganta e diz:

— Hey.

Olho para o rosto da Tess. Nada.

— Pode dizer algo mais? — falo.

— Como o que?

— Não sei. Qualquer coisa que diz as garotas quando fica com elas. — Não sei o que mais fazer. Tess fala com os garotos. Eu não. Nem se quer me notam.

Me dirijo de novo a Tess e observo o seu rosto quando começa a falar.

— Hum, sou o Eli. — disse. — Vou ao Saint Andrew's. Sou júnior, e eu...

— Um júnior? — falo e o olho de novo. Seus dedos então ainda batendo na cadeira. — Não tem forma de que seja um júnior.

— Sou.

Oh, merda. Estava segura que estava no último ano, com dezoito anos e se preparando para a universidade.

— Não se parece a nenhum dos garotos da minha escola. Quantos anos têm? — talvez atrasou um ano ou algo assim. Qualquer coisa.

— Dezessete.

Merda dupla.

— Está bem, mas terá dezoito rápido, verdade?

— Bom, se contam nove meses como rápido.

Amplio os meus olhos de novo e logo olho para a Tess.

— Muito rápido, não é?

— Oh, certo. — disse.

— Poderia falar sobre a universidade. — Falo para a Tess. — Como sobreviver ao primeiro ano e tudo isso. Você realmente está só na metade do seu segundo ano, e vinte anos não é muito maior que dezoito. Além disso, ele está pensando em se especializar em inglês, como você. Acorde, os dois podem tentar de me convencer de que Shakespeare é interessante, não importa que não possa compreender nada sobre as pessoas da qual fala em suas obras.

— Eu não vou me especializar em inglês. E não sei o que tem de bom em Shake...

Aclaro a garganta então, para conseguir que se detenha, e o olho. Nem se quer está olhando a Tess. Me olha como se fosse uma espécie de quebra-cabeças que não pode entender. Talvez esteja abrumado pela Tess ou pensa que sou rara. Ou ambas as coisas.

— Está brincando. — falo para a Tess. — Já sabe como são os garotos. Lembra quando fosse a Julieta durante o terceiro ano do colégio e o substituto colocou laxantes no almoço do Bill Waford para ser o que ia te dar um beijo? E logo o Bill teve que sair correndo durante a obra enquanto...

— Isso realmente ocorreu? — Eli disse. Ainda está tamborilando com os dedos, mas agora contra os seus braços. É como se estivesse tocando o piano na pele ou algo assim.

Concordo com a cabeça.

— Só que cada cara da escola se adicionou para o Romeo tão rápido como se informaram que a Tess foi adicionada para Julieta.

— E se não tivesse obtido o papel?

— Olha, agora tem que acordar. — falo para a Tess. — Mostra a ele como não tem forma de que mais alguém possa tê-lo conseguido. Era a única que poderia interpretar uma garota morrendo.

— Estava na obra?

— O que? — falo, assustada.

— A obra. Você estava nela?

— Quem queria me ver na cena? — falo. — Além disso, todo mundo sabia que a Tess ia tentar, nem se quer abriram as audições para alunos do primeiro ano.

— Então é uma júnior agora, como eu?

— Sim. — falo, surpresa de que estivesse imaginando em que grau estou. — Mas está mais preparado para a universidade e essas coisas que eu.

Eli olha as suas mãos, que ainda estão se movendo, e logo ruboriza.

Até envergonhado se vê bem. Não fica de cor vermelho brilhante nem nada, mas duas manchas de cor aparecem de baixo das suas maçãs do rosto, fazendo que se pareçam mais proeminentes. Isso faz parecer mais vulnerável e quase acessível a alguém como eu.

Me pego observando ele. Posso dizer por que fica quieto por um momento, olhando diretamente para mim.

Maldita seja, maldita seja, maldita seja.

Me dirijo de novo para a Tess, observando o seu rosto ainda.

— Fale algo, por favor. — falo, por que não sei mais o que dizer, e não quero pensar que ele me pegou olhando-o.

— Como o que?

— Fala com ela como faria se eu não estivesse aqui. — falo. — Só pretende que sou parte da parede ou algo assim.

Se atuar como se eu fosse invisível, vou ser, e então as coisas serão normais outra vez.

Ficou em silêncio por um momento, e logo disse:

— Não sei como se supõe que devo atuar como se a sua irmã fosse parte da parede, Tess. É muito... é como um dragão, uma espécie de...

Isso dói. Mas pedi para atuar como se eu não estivesse ali, não? E me chama de monstro grande e escamoso que cospe fogo. Fabuloso.

— Vê? — falo para a Tess, e me asseguro de manter a minha voz ligeira. — Está claro que tens que ser protegida de mim. Então acorda, ok?

Nada. Coloco os joelhos contra o peito, me arrepio na cadeira, e jogo com os cadarços dos meus tênis.

— Desculpe. — Eli disse.

— Oh, só está paquerando. — falo, e me obrigo a me desenroscar, soando despreocupada, mas o que mais precisava? — Verá quando chegue a conhecê-la. O verão anterior foi à universidade, estava trabalhando aqui, no Gourmet Orgânico, e os garotos de Milford realmente viajavam no ferry para Ferrisville só para tentar fazer com que ela chegasse e falasse com eles.

Bom. Um garoto. Jack.

— Não gosta do Gourmet Orgânico?

— O que quer dizer?

— Fizesse uma careta quando o nomeasse. — disse.

Dou de ombros.

— Isso é o que os dragões fazem.

— Não queria dizer...

— Está bem. — falo. Sei que pareço. Que... que sou.

Rápido como tenho dito, olho para a Tess de novo, mas ainda está imóvel. Ainda em silêncio. Ainda não está completamente aqui.

— Deveríamos ir agora. — falo, e me levanto. Me obrigo a dizer adeus a Tess, tentando de não atuar como se ele tivesse conseguido me fazer admitir o que sou e como fez na frente dela, me sacudido. Me obrigado a não olhá-lo.

Fora do seu quarto, saio da unidade e me dirijo aos elevadores. Não olho quando falo:

— Mesma hora amanhã?

Espero que diga que não pensa que esteja funcionando, que me ter ali é incomodo ou estranho, ou ambos, mas disse simplesmente:

— Bom.

Não olho para trás quando vou, e não penso nele no caminho para casa.

Penso no que passou no verão antes que a Tess fosse para a universidade, quando tinha dezoito anos e eu tinha quinze, em seu lugar.

Penso em Jack.

Capítulo 14



Tess conheceu o Jack primeiro.

Ela tinha conseguido uma bolsa para a universidade, claro, mas não por suas qualificações, e sim por que exemplificava o potencial de liderança. Conseguiu um trabalho de verão em Milford como caixa no caro Gourmet Orgânico, (Milford não tinha coisas como supermercados, sabe. Só coisas de marcas de boutiques. Ugh.)

Meus pais não entenderam, não compreendiam que não quisesse ver os seus amigos, que não quisesse sair e se divertir. Por que não se preocupava pela qual universidade deveria ir? Mas ela disse que queria um trabalho. Disse que queria poupar dinheiro para os livros e outras coisas que a bolsa não cobriria.

Para ser honesta, acho que conseguiu o trabalho por que a Claire vivia muito perto de nós, e por que a Claire tinha deixado de se esconder em sua casa. Em seu lugar, tinha começado a sair ao jardim, a caminhar pela cidade, se gabando do Cole e sorrindo como se ela brilhasse por ter algo que ninguém mais tinha. Acho que ali foi quando Tess soube que a Claire nunca ia se desculpar como ela esperava.

Então a Tess se colocou a trabalhar, e Jack entrou na Goumet Orgânico na quarta-feira, 30 de junho.

Às vezes me pergunto se sempre lembrarei dessa data e como me senti quando levantei o meu olhar do livro que estava lendo no pátio da frente, quando escutei a Tess vir pela nossa rua e o vi caminhando atrás dela, com os seus ombros encurvados como se estivesse nervoso.

E era ele. Percebi rapidamente ao vê-lo. Jack era lindo, alto, com cabelo loiro e óculos de aros metálicos que sempre estava empurrando no nariz. Ele tinha sardas nas bochechas, muitas e dispersas, e nessa primeira noite, enquanto estava falando com a Tess nas escadas, pude ver a parte inferior pálida dos seus braços que sobressaíam da camiseta que levava.

Seus braços não eram magros como se parecesse doente ou algo assim, mas a primeira vista essa pele... parecia vulnerável, de alguma maneira. E aquilo se adentrou em mim.

Se adentrou dentro de mim.

Jack parecia nervoso. Parecia necessitar de um abraço. E eu queria ser a única que o abraçasse. Quando o olhei, vi como me sentia, insegura mas entusiasmada, pronta para me apaixonar.

Esse era o problema, claro, que seu olhar era dirigido a Tess e não a mim.

Tess era muito linda, e muito acostumada a ser adorada, então permitiu que a acompanhasse para casa. Permitiu que ele falasse. E por isso segui sentada no pátio e os escutei conversar, me inteirando que ele ia para a universidade para estudar biologia. Queria ser um doutor, queria se unir a uma organização de voluntários e trabalhar no estrangeiro. Queria ajudar as pessoas que não podiam encontrar ajuda de outra maneira. Queria ser alguém.

Nunca disse que queria ser importante, claro, mas eu entendia como se sentia quando falava com a Tess sobre os seus planos. Eu não queria salvar o mundo ou algo como isso, mas queria viver e trabalhar em um lugar onde as pessoas me notassem. Onde eu não fosse unicamente “a irmã da Tess”. Onde eu não era a pequena e feia versão da perfeição. Onde eu era só eu.

Jack estava contente de estar em Saint Andrew, por que queria ir a uma escola onde não conhecia ninguém, e não tinha uma namorada desde que uma garota com a qual saia formalmente o deixou justamente depois de terminar a escola (As escolas em Milford nunca tem bailes de formatura, só bailes formais), e então se foi com sua mochila ao redor da Europa até que ela se foi para a universidade.

Tess nunca soube dessas coisas. Mas eu sim. Eu fiz perguntas, e ele as respondeu.

Isso aconteceu depois, no entanto. Primeiro, eu tive que vê-lo com a Tess. Eu tinha esperado e o tinha visto caminhar junto a ela para casa a cada noite, vi escutando ela falar até que sorria e se despedia e ele ia pelo seu caminho totalmente sorridente e feliz de tê-la visto. Uma maneira em que ela se assegurava que todos eles se dessem conta de que ela os tinha deixado.

Depois de uma semana, no entanto, Tess desejou boa noite e se foi, e Jack ficou na frente da rua da nossa casa com os seus ombros caídos outra vez, como se finalmente entendesse o significado desses sorrisos e saudações. Que na realidade, não eram nada.

Os shorts eram um pouco grandes para ele e pendurava um pouco mais além dos seus joelhos. A pele dos seus braços, seus pulsos e o torso descoberto entre os botões da sua camisa, brilharam palidamente pela luz da lua, e quando ele deu a volta soube que não ia voltar.

Não sei como sabia, talvez pela maneira em que caíram os seus ombros, igual aos meus, se sentindo invisível. Me afastei de casa e o alcancei.

— Sou a irmã da Tess. — disse. — Abby.

— Eu sei. — disse ele. — Ela me falou de você. Não acho que se parece como um duende, no entanto.

— Um duende? — Tess sempre me descrevia dessa maneira, e achava que em sua mente tentava ser amável. Mas eu realmente me parecia com uma criatura mágica? Acho que não. Como seja, eu era pequena e tinha os diferentes olhos da minha avó... bom, que a Tess me descrevesse como um “duende” era algo lindo vindo da sua parte. Ela sempre gostou de idéias sobre coisas mágicas. De fingir.

— Não, isso não é o que disse. — disse ele. — Quero dizer, disse...

— Está bem. — eu disse. — Acho que foi lindo da sua parte dizer isso. E aposto que te disse que você se parecia um duende, também.

Sorriu para mim, apesar de que seus ombros caíram um pouco mais.

— Não tem encontro com duendes, verdade?

— Não tem encontros na realidade. — eu disse. — Ela... acho que tem em mente um garoto perfeito ou algo assim, eu acho...bom, quem é perfeito?

— Ela é tão... é como se tivesse algo misterioso nela. — disse ele. — Algo triste, eu acho.

Tess era tão infeliz como qualquer garota muito popular e linda poderia ser, o qual não era muito, mas não disse isso. Gostei que pensasse que tinha algo profundo na Tess.

Pensei que se pudesse imaginar isso nela, poderia ver isso realmente dentro de mim também.

— Posso te ajudar com a Tess. — disse. — Como te disse, sei o tipo de garoto que está buscando. Gosta de poesia?

Negou com a cabeça.

— Bom. — falei. — Tens que gostar agora.

Nessa primeira noite falamos por uma hora, até que a última chamada do ferry chegou com um solitário assobio desde o cais, fazendo eco na noite.

Claro, tudo o que tínhamos falado foi da Tess, mas falei com ele, e fui flutuando para casa, mais feliz do que nunca tinha estado.

Eu não tinha sorte com os garotos. Não é como se tivesse muito em Ferrisville. Cresciam e conseguiam um trabalho plano. Cresciam e sua pança aumentava, perdiam seu cabelo e se sentavam na praia durante o verão para coçar a barriga, lentamente se bronzeando pelo sol.

Queria mais que isso.

E quanto aos amigos, então sim, tinha alguns. Todos na escola me cumprimentavam e me convidavam para as suas festas e tudo isso. Mas não tinha nada em comum com eles, e a maioria dos meus “amigos” só queriam estar perto da Tess, queriam que ela os tivesse em conta e os convidassem ao seu mundo. Tinha uns poucos que talvez sim eu os agradava, mas não eram como eu.

Eu queria sair de Ferrisville, e eles não. Queriam ir a universidade local, ou inclusive a universidade estadual à uma hora de distância, mas voltavam. Ninguém das suas famílias tinham deixado essa cidade, por que eles iriam? As pessoas viviam

em Ferrisville e ficavam aqui. Pode ser pequeno e a vida pode ser tranqüila e suave, mas ninguém mais parece se importar com isso.

Convencida, me diziam meus supostos amigos quando me paravam para falar durante esse verão. Suponho que pensavam que me achava ser muito boa para falar com ele, que eu de alguma maneira me convertia em alguém como a Tess.

Eu não acho ser melhor que eles, e sabia que não ia ser como a Tess. Não queria ser. Eu só queria um mundo onde estivéssemos Jack e eu e ninguém mais. Queria ele só para mim e, por um tempo, pensei que ele também queria.

E logo, depois de que aquilo tivesse terminado, eu não queria voltar com os meus amigos. Eu não queria pedir perdão, não queria rogar que me deixassem voltar ao seu lado quando realmente não queria ser parte do seu grupo. Não queria viver em Milford, mas não queria viver tampouco em Ferrisville. Não queria escutar sobre garotos ou roupa de festas, nem nada disso. Só queria que me deixassem sozinha. E assim era eu.

E assim sou eu.

Mas isso é agora, e ainda não tem chegado a esse ponto.

Ainda tinha que quebrar o meu próprio coração.

Ao final foi fácil. Jack seguiu falando com a Tess, seguiu acompanhando ela para casa. Foi voluntario para coletar amostras de água no rio de Ferrisville como parte de um projeto do estado para ver qual a quantidade de produtos químicos tinham ali dentro. E eu ficava falando com ele.

Jack tentou falar com Tess sobre poesia, e eu falei sobre biologia, sobre as ultimas tendências médicas, sobre os países em que se necessitavam médicos. Ele

convidou a Tess para jantar, e quando ela disse que não, eu fiz sanduiches para ambos, comemos sentados na escuridão da praia, conversando.

Conversamos sobre a Tess cada vez menos, e mais dele. Sobre mim. Ele foi e sempre será o único garoto a qual disse a verdade sobre como às vezes me sentia, quando a Tess estava comigo. Sobre como odiei ser a sua sombra.

— Não deveria pensar assim. — me disse uma noite. Estávamos na praia, como sempre, empurrou seus óculos a para cima em seu nariz e girou para me olhar, o cabelo da Tess jamais poderia chegar a ser assim. — Não é absolutamente igual à Tess, então por que se comparar? Ela é linda por fora, mas você... você tem o... — aclarou a sua garganta. — Tem a alma mais linda. Sei que soa estúpido, mas é verdade. Qualquer garoto será sortudo em te ter.

Como poderia não beijá-lo depois que me dissesse isso?

Assim que fiz, e ele me devolveu o beijo. Deixou cair o resto do seu sanduiche, e quando nos separamos me olhou fixamente como se nunca tivesse me visto antes.

— Abby. — disse, e o ferry assobiou.

— Vejo em você o que a Tess não vê. — eu disse. — Te vejo, Jack. E acho que você é incrível. Nos vemos aqui amanhã a noite, só.. só você e eu.

— Incrível? — disse. — Eu? — sou tão surpreso que tive que beijá-lo outra vez.

E na seguinte noite, peguei o ferry mais cedo, e sai de casa depois da janta e o encontrei na praia.

Meus pais não se perguntavam onde eu ia ou o que estava fazendo. Nunca se preocupavam por mim. Tess era quem recebia as chamadas telefônicas todo o tempo, os garotos brigavam para sair com ela, (incluindo uma briga memorável

durante um picnic com meus pais) e não importava que ela passasse o toque de recolher, em silencio sacudia a sua cabeça quando os meus pais exigiam saber onde tinha estado.

As festas terminaram quando ela deixou de sair com a Claire, agora só nos dizia uma e outra vez que conseguiria entrar em uma boa universidade, todo ele seguido por longos períodos de estar sentava em silencio no quarto. Mas os garotos ainda seguiam chamando, e as pessoas ainda queriam vê-la. Meu pai algumas vezes brincava dizendo que formávamos parte do Serviço de Mensagens da Tess.

Portanto, não, minha mãe e meu pai não se preocupariam por mim. Eu era livre, livre de alguma maneira. Era livre para fazer o que quisesse, para seguir o meu coração.

Livre para ser uma idiota.

E fui uma.

A pior parte disso é que não posso culpar o Jack. Ele nunca mentiu para mim. Quando se apresentou na primeira noite para me ver e não a Tess, me disse que gostava de mim, mas que ainda tinha sentimentos pela Tess.

— Só... acho que se chegasse a me conhecer, eu gostaria de você. — ele disse. — Sei que provavelmente soa tonto, e obviamente me gosto muito, já que estou aqui, mas... Argh! Isso soa menos estúpido na minha cabeça.

— Mas não te quer. — falo, e logo mordi o meu lábio quando vi cair seus ombros. — Não te entende. Eu faço. E somos tão parecidos e eu... eu posso falar contigo. Gosto disso.

— Posso falar contigo, também. — falou, e sorriu para mim. — Você não quer que aprenda como colocar Botox em mulheres velhas, como faz a minha família.

— Ou como esfolar um cara. — tinha escutado Tess dizer na ultima vez que falaram. Era boa para divertir os garotos. Eles a perseguiram, e ela os ignorava, e então terminavam se apaixonando por outra garota, uma que via as qualidades interiores que a Tess não tinha visto antes.

— Trouxe comida essa noite. — Jack me disse. — PB&J⁴, sem casca. Seu favorito, não é?

Disse que era, por que era o seu favorito, e eu assenti, pateticamente feliz que ele me notasse, que me escutasse. Quando terminei com o meu sanduiche, beijei uma mancha de manteiga de amendoim em sua boca.

Me devolveu o beijo, e eu fiquei ainda mais feliz.

Acho que aquilo poderia ter terminado ali, um par de visitas noturnas, algo de comida compartilhada e ao saber que alguém poderia ter sentimentos por mim, exceto que era muito agradável beijá-lo. E que me beijasse de volta. Jack era tudo o que queria de um garoto, lindo, inteligente, doce, e pensei...

Pensei que gostaria de poder fazer amor com ele.

Não, isso é uma mentira. Não pensei isso. Eu esperava isso, esperava que isso ocorresse com ele, queria ter sexo com ele. Queria seus pálidos braços ao meu redor, queria ver ele todo. Queria que ele visse tudo de mim.

Me disse que não acreditava que fosse uma boa idéia. Disse que eu só tinha quinze e ele tinha dezoito e ia ir para a universidade e que tinha que esquecer-lo.

— Não quero te machucar. É só... gosto muito de você. Não quero ser o garoto ao qual lembre e deseje uma morte dolorosa. E te conheço. Desejaria algo realmente horrível para mim.

⁴ PB&j: Seria o pão de forma, com pasta de amendoim e geléia.

Chorei. Ainda disse que não.

Assim que não próxima vez que o vi, dei um chá gelado *Long Island*⁵, uma bebida que minha mãe fazia unicamente em dias de verão, quando ela e meu pai compartilhavam uma taça e um sorriso de um ao outro, de uma maneira tão sonhadora que era tão lindo como grotesca era para mim.

Jack não disse que o sexo fosse uma má idéia com um grande copo de chá em seu sistema, só riu e disse que estava bêbado, as palavras saíram arrastadas, e logo acrescentou que o seu padrasto tinha razão e que devia ir mais nas festas.

— Me disse que não sabia como beber. Que imbecil. — disse, e me sorriu com tanta doçura, com tanta tristeza. — Isso é o que disse que serei. O que sou. Um imbecil. Lixo.

— Não é. — disse, me inclinando e embalando o seu rosto entre as minhas mãos, me pressionando contra ele. — Nunca tem sido. É a melhor pessoa que conheço, e eu te amo.

Fizemos sexo sobre uma manta entre as árvores que cresciam perto da praia.

— Te amo. — me disse durante o sexo. Exceto que disse. — Te amo, Tess.

Ficou imóvel rapidamente quanto disse, mas já era muito tarde. Ainda lembro o frio que repentinamente senti, o vento fazendo que toda a minha pele ficasse arrepiada por todo o meu corpo. A forma em que Jack se afastou de mim e se ajoelhou, encurvado e em silêncio, a postura perfeita de arrependimento.

Me disse que sentia, que era estúpido, e que não devia ter dito. Disse que sabia que tinha me machucado e que desejava poder voltar atrás no tempo.

⁵ Long Island Ice Tea: Vodka, rum, gin, tequila, suco de limão, açúcar, gelo e Coca-Cola (ou similares!)

— Foram simples palavras. — eu disse, interrompendo a sua desculpa. — Não tens que dizer...

— Abby, não. — disse ele. — É que disse que amava a sua irmã quando você e eu... não posso voltar atrás no tempo. Não devia ter dito isso.

— Mas eu...

— Não quero voltar a ser quem costumava ser. — me disse. — Eu não posso... não quero ser esse tipo de cara. E aqui estou, e eu... — entregou a minha roupa. — Eu sinto muito.

Não entendi. Eram só palavras. Eu o amava e sabia que ele gostava de mim. Isso não podia ser o suficiente? Era para mim.

E quando disse isso, por que fiz, me envergonhei muito, e me disse:

— Não é o suficiente para mim. Eu não posso... não posso te amar. Não como... não como você me quer. Não como desejaria poder fazer.

E isso foi tudo. Me disse que voltaria na seguinte noite, e assim fez, se sentou na praia com uma bolsa de papel em sua mão. Me escondi e o observei até que se foi.

Esqueceu a bolsa, e esperei até que escutei o ferry assobiar para ir buscá-la. Dentro tinha um sanduiche de manteiga de amendoim e geléia e uma nota. Duas palavras.

“Sinto muito”.

Me sentei ali, sentindo como o vento lançava areia sobre mim e minha roupa, sentindo o ar da noite umedecer a bolsa de papel. Atirei a bolsa dentro do rio sem o sanduiche dentro, já tinha suficientes químicos ali, e rasquei em pedaços a nota e os espalhei pelo caminho enquanto voltava para casa, vendo como os pequenos pedaços de papel se voltavam em cinzas à medida que se empapavam na rua.

Cheguei em casa e vi um filme sobre o fim do mundo com a Tess. Um par de dias mais tarde, veio para casa do trabalho e disse que Jack a tinha perguntado se alguma vez queria sair com ele.

— Me senti tão presa, como se tivesse que fazer alguma coisa, dizer algo. — ela disse. — Tinha um montão de pessoas nos olhando, e notei que queria que dissesse que sim. Posso dizer que todos queriam que dissesse que sim, para ter uma linda historia para contar aos seus amigos, e além disso ele seria feliz e todo mundo seria feliz, mas eu só... não pude. Estranho foi que depois de que o dissesse, me disse: “Desejaria não ter tido que saber da sua resposta. Desejava nem se quer ter perguntado.”, foi como “Por que disse isso?”

Por que ele precisava saber.

Por que às vezes, tens que romper o seu próprio coração.

Sei que Jack não queria me machucar. Mas fez, e todo o amor que senti por ele se voltou em ódio.

Odeio o Jack, mas odeio á mim mesma muito mais. Queria que alguém me visse, só a mim, e quisesse só a mim, e já tenho visto que isso não iria ocorrer. Mas, o que podia fazer? Só sair adiante e tentar de todos os modos. Foi uma estupidez. E paguei por ele.

Não tenho que me preocupar por isso agora. Tenho aprendido a lição e não quero nem pensar em tentar qualquer coisa com mais ninguém. Nunca. Só quero estar sozinha.

E assim sou eu.

Capítulo 15



Claire está fora quando passo pela sua casa, recolhendo os brinquedos que Cole deixou no jardim.

— Hey. — disse ela. — Quer me ajudar a recolher isso?

Me abaixo da minha bicicleta e a apoio contra a sua caixa de correio, logo me dirijo para o seu jardim.

— Obrigada. — ela disse. — Juro que estas coisas se multiplicam. Oh, e diga a sua mãe que agradeço pelo café, ok? Me chamaram antes que pudesse agradecê-los. Pensaram que eu era a única pessoa em todo o maldito hospital que sabe esvaziar um urinol.

— Tomasse um café com a minha mãe? — Não sabia que a minha mãe falava com a Claire. Seguramente não tinha voltado logo que a Tess deixou de falar com a Claire por que a única vez que conduzimos para a sua casa e mamãe saudou a Claire enquanto a Tess estava no carro, Tess não falou por três dias.

— Sim, me encontrei com ela quando seus pais vieram ver a Tess. De qualquer maneira, como está o seu pai? Ele parecia... não sei. Muito calado.

Dou-me de ombros, por que papai é um homem silencioso. Além disso, falar sobre o hospital me fez pensar em minhas próprias desventuras. Seguia sem entender por que Eli não tinha falado mais. As pessoas bem parecidas não gostavam de falar sobre eles mesmos? Tess seguramente fazia, embora inclusive tinha uma maneira de fazer isso, a qual te fazia sentir como se fosse algo que você quisesse.

— Por que está tão silenciosa? — a Claire disse. — Oh, espera. Seu plano. Abby, não acha que realmente funcionaria, ou sim?

— Vai funcionar. — falo. — Eu só... ok, como consegue um garoto com quem falar? O que perguntaria a um garoto se estivesse falando com ele? O que a Tess perguntaria?

Claire ri, mas o som é amargo.

— Tess nunca teve que perguntar...

— Exato. — falo. — Só pensei... pensei quando ele a viu, que ele começaria a falar. Mas não fez, e eu não... não sou boa com esse tipo de coisas.

Claire ri, um sorriso real dessa vez. — Está cheia disso, sabe. Pensasse que o garoto veria a Tess, diria seu nome e ela acordaria. Odeio arruinar isso, Abby, mas acredita tanto nos finais perfeitos e de “felizes para sempre” como a Tess fazia.

— Sim. — falo automaticamente e a Claire olha para o chão. Estendo o jogo que estou sustentando e acrescento. — E não faço... sabe que não sou como a Tess.

Claire pega o jogo e deixa escapar um pequeno suspiro.

— Pergunte sobre ele. — ela disse. — O que gosta de comer, se tem um carro, se joga algum esporte, o que seja. Só faz muitas perguntas.

— Isso é tudo?

— Isso é tudo.

— Ok, eu tentarei. — falei, e estendo outro jogo. — Deveria voltar para casa.

— Alguma vez te perguntasse o que ela pensaria? — a Claire disse. — Me refiro a nós como sendo amigas.

— Às vezes. — falo, e a saúdo enquanto subo na minha bicicleta.

Mas não faço. Tess estaria furiosa, e quando a Claire saúda, vejo que ela também sabe disso. Me pergunto se alguma de nós alguma vez será capaz de fazer algo sem a sombra da Tess se cercar sobre nós.

Essa é uma pergunta que não posso responder.

É uma pergunta que temo.

Capítulo 16



Em casa faço rapidamente a minha tarefa enquanto vejo televisão na sala de estar, termino ela quando mamãe e papai chegam. Papai se dirige diretamente para as escadas, parando somente para beijar a parte superior da minha cabeça e murmurando que me ama.

— O que está acontecendo com papai?

— Está cansado. — mamãe disse, e assinala os meus livros. — Como vai à tarefa?

Me dou de ombros.

— Igual ao seu pai. — ela disse. — Tinha apenas que não fazer nada e conseguia só boas notas. Tess era muito mais como eu, sempre tendo que estudar, sempre se preocupando pelas suas notas... — parou, olhando sobre seu ombro para a cadeira da Tess na mesa da cozinha.

— Tess obtinha boas notas, mãe.

— Oh, eu sei. — ela disse, voltando para mim. — Ela só... isso é tão fácil para você.

— Isso é por que cada professor decente fugiu da cidade quando o estado decidiu que o colégio de Ferrisville não cumpria com todos os mínimos padrões acadêmicos.

— E não por que é inteligente? — faço uma careta e ela toca o meu cabelo. — Seu pai tampouco pode aceitar bem os cumprimentos.

Para ser honesta, acho que sou tão parecida com papai como a lua é a palha, não importa o que mamãe diga. No entanto, suponho que pode ver o que penso, por que diz:

— Realmente te parece muito com ele, Abby. Na inteligência, no decidida que está... — aclara a sua garganta. — Inclusive te incomoda como ele faz.

— Papai não se incomoda. — sim, se incomoda, mas geralmente do tipo “maldizendo o cortador de grama quando não acende”. Não tem maneira de que possa ser como eu. Se parece com a Tess, alto e loiro, então, como poderia ser? Sei que as coisas foram difíceis para ele quando seu irmão morreu e ele era jovem, mas ainda assim...

Sei que papai não vai por ai querendo ser visto e logo se odiando por isso. Papai nunca fez nada tão tonto como tentar conseguir alguém que realmente nunca quis que o amasse.

— Seu pai costumava ser assim, estava tão infeliz depois de que John morreu. E sei que agora está incomodada pela Tess, mas...

Afortunadamente, o telefone soa, e quando ela responde subo pelas escadas.

Incomodada pela Tess?

Desejaria estar.

As coisas são que, estou algo incomodada pela Tess. Quero dizer, por que não acorda? O que é que está esperando? O que é que ela quer? Passo junto ao quarto de papai e mamãe e tento ser silenciosa por que a porta esta fechada, como se papai tivesse ido para cama, e logo entro no quarto da Tess.

Olho dentro dela e vejo todas as coisas que deixou sobre a sua escrivaninha, na cômoda e no chão, coisas que pensava empacotar. Não tinha a intenção de voltar para casa para ficar. Não tinha a intenção de nada disso.

Mas não tem voltado tampouco.

— Deveria acordar. — sussurro. — Mamãe acaba de me dizer que sou igual ao papai. Eu não sou como ele. — tomo uma profunda respiração. — Estou te dando o que você quer, Tess. Te encontrei um garoto, e ele é... deveria vê-lo. Tens que fazer isso. Só abra os olhos e poderá tê-lo.

Não há resposta.

Caminho para a sua escrivaninha.

— Alguma vez amasse alguém? — pergunto para a foto nele. Seu notebook está aqui também, conectada e pronta para funcionar.

Olho e falo a mim mesma que conseguirei que Eli fale amanhã.

Posso fazer perguntas. Qualquer um pode fazer isso.

Capítulo 17



Qualquer pessoa pelo jeito, menos eu.

As coisas começaram bem. Chego ao hospital, e encontro o Eli sentado na sala de espera principal, encurvado sobre um caderno, e ao vê-lo me surpreendo de novo por... bom, por ele.

Ele olha para cima, claro, e me obriga a não olhar para o outro lado, a não atuar como se me importasse que me surpreendesse olhando ele.

Se levanta, guarda o caderno na sua sacola e se aproxima de mim.

— Hey, como está?

— Bem. — falo entre dentes. — Pronto para ver o que estava esperando?

Ele começa a dizer algo, e logo só assente com a cabeça.

Enquanto nos dirigimos aos elevadores, passamos por Clement. Ele me saúda, e então leva o Eli aparte para falar com ele. Em sua maioria ele falar e Eli dá de ombros, embora em algum momento Eli nega com a cabeça “não” uma vez, firme.

— Como está? — Clement disse, se dirigindo para mim. — Pega o ferry na volta?

— Bom, já que ainda não posso caminhar pela água...

Ele ri e tira uma pastilha para a tosse.

— A Harriet costumava gostar de pegar o ferry. Costumávamos ir e caminhar pela praia. Recordava quando ia ao mar com a sua família na Inglaterra. Claro, seus pais nunca gostaram da praia, eles diziam que não era a Jamaica e que nunca seria, mas ela amava. Costumava comprar essas coisas horríveis que soam como Rock Candy⁶ quando era menina. Tem ouvido falar deles?

Balanço a cabeça e Clement assente.

— Exatamente. Mas ela insistia que eu era a única pessoa no mundo que não conhecia. Mulher obstinada e cabeça-dura. — suspira. — Sentiu saudades ao menos.

— Temos que ir. — Eli disse.

Clement o olha e diz:

— Não tem nada de mal em sentir falta de alguém.

— Não deveríamos ir? — Eli me pergunta com um toque de desespero em sua voz. Talvez ele só quer se afastar de Clement e suas histórias. Mas talvez também quer ver a Tess.

A idéia não me levanta o animo como deveria, pelo que me obrigo a sorrir ao Clement e disser:

⁶ Rock Candy (rocha de açúcar): é um tipo de confeitaria composto de açúcar cristal, é também utilizado na preparação de alimentos ou para adoçar chás.

— Olha, ele acaba de conhecer a Tess e quando ela acordar nunca conseguirá deixá-la e voltar à loja de presentes.

Clement olha ao Eli, logo a mim, algo deliberado piscando em seu olhar.

— Suponho que o chiclete estará a salvo, ao menos.

Sorriso e me despido com a mão enquanto subo ao elevador com o Eli. Ele não faz nenhuma das duas coisas.

— Não deve permitir que o Clement te incomode. — falo. — Ele não é tão ruim para ser velho, na verdade. Me pergunto como se parecia a sua esposa. Não tinha idéia de que ela era...

— O que? Negra?

— Não, o tipo de pessoa que realmente deixaria Milford e visitaria Ferrisville. — falo, com minha voz elevada. — Mas obrigada por assumir que sou racista.

— Eu... é só que todo mundo em Milford atua como se não é grande coisa quando alguém que não é branco aparece.

— Oh. — lanço um olhar para ele. — Sério?

— Sim. — disse ele. — É um nojo.

O elevador para e as portas se abrem. Nos baixamos e quando quase estamos na unidade da Tess, me dirijo para ele.

— Desculpa por ter gritado. E pelo Milford.

— Eu também. — ele disse, e quando eu concordo e começo a dar as costas, me para colocando uma mão no meu braço. Ele inclusive tem lindas unhas, nem mordidas ou irregulares, nem nada. As minhas sempre parecem como se alguém tivesse passado uma faca oxidada sobre elas.

— Isso deve ser muito difícil para você. Tem algo que eu possa, sabe... um, fazer para te ajudar?

Concordo com a cabeça, reconhecendo-o, mas nada mais, por que se falo alguma coisa temo que vou começar a chorar. Dou a volta, com ardor nos olhos, e começo a pressionar o código para que uma enfermeira abra as portas para a unidade da Tess.

Ele toca o meu braço de novo.

— Está usando a sua mão direita. — disse ele. — Colocasse o código com a esquerda na ultima vez.

— Então...?

— Não deveria... não se sente estranho ao fazê-lo com a mão errada? Não deveria começar de novo?

— Não, está bem, vê? — falo, e se abrem as portas com os sons da campainha, o que indica que podemos entrar.

Eu faço, mas ele não. O olho sobre o meu ombro.

— Vamos. — falo. — Tess está te esperando.

Tem os braços cruzados e apertados sobre o peito, e na realidade parece um pouco doente, mas ele me segue e se dirige diretamente a sala da Tess, praticamente marchando atrás de mim.

Me sento e escuto ele fazer o mesmo, mas quando o olho ele está golpeando a cadeira com o dedo de uma mão, como fez ontem, só que mais duro e mais rápido, e é quase como se estivesse contando algo em voz baixa.

— Então, Eli. — falo me perguntando se ele se incomoda muito em me ter ao redor. Olho para trás para os olhos fechados da Tess. — Me conte algo sobre você.

Nada. Nem da Tess. Nem dele.

Olho a ele que ainda está ali sentado tamborilando na cadeira.

— Sério. — falo. — Quero saber... um. — O que quero saber sobre o Eli?

Não, não vá por aí. Não preciso saber nada de ninguém. Mas o que queria saber sobre a Tess? A que universidade quer ir, que tipo de carro conduz, e que esporte joga. Fácil. E sempre posso me beliscar para me manter acordada se ele se sai do tema e continua falando.

Bem, vou começar com o esporte.

Realmente quero fazer isso, mas no final termino dizendo.

— O que estava fazendo quando entrei no hospital? — no seu lugar, seus dedos param.

— O que?

— Quando entrei te vi com um bloco de notas. O que estava fazendo?

Mentalmente me chuto por perguntar. E por notá-lo em primeiro lugar. E por admitir que percebê-lo.

— Oh. — disse. — Não te vi.

— Por que faria? Nem eu me vejo.

Ele pisca para mim e seus dedos se acalmam por um momento.

— Não faz?

— Não. — falo. Realmente lamentando a minha pergunta e pela honestidade de agora. — Quero dizer, sei o que tem para ver, sabe? — minha voz se quebra um pouco nas ultimas palavras, estúpida, tão estúpida, e aclaro a garganta. — Então, o que estava fazendo?

Seus dedos começar a tocar outra vez, mas ele os olha como se os estivesse vendo pela primeira vez, e logo apóia e pressiona as mãos contra os braços da cadeira.

— Desenhando. — disse em voz baixa. — Estava desenhando.

— Oh. — falo. Não esperada isso, mas que figura. Precioso e artista. — Você...? — seus dedos começar a se mover de novo. — O que acontece com toda essa tamborilada?

Se coloca de pé tão rápido que é como se alguém tivesse dado um patada para fora da cadeira.

— Acabo de lembrar que tenho que... tenho que fazer essa coisa para a escola. — disse ele.

— Oh. — volto a dizer. — Muito bem. Mas a Tess...

— Amanhã. — disse. — Nos veremos amanhã.

E logo se foi, quase correndo para fora da unidade.

— Suponho que não deveria ter te perguntado sobre os seus desenhos. — falo para a Tess. — prometo que amanhã direi o que você perguntaria. Sei que quer vê-lo de novo.

Eu também.

Não... não é que gosto do Eli nem nada, mas ele, tem algo diferente nele. Algo que parece quase... frágil. Como se tivesse uma parte dele que quisesse manter oculto. Que tem que fazê-lo.

Posso entender isso. Não quero, não com ele, não com qualquer um, mas faço.

Não falo para a Tess isso. Ela tem que pensar que o Eli é perfeito. Isso é o que quer.

Mas eu quero saber mais dele. Eu quero algo para mim.

Me aproximo e descanso o meu queixo em minhas mãos, olhando a Tess. Lembrando a mim mesma do por que estou aqui. Lembrando a mim mesma por que é algo que não deveria sentir.

Capítulo 18



Papai chega tarde essa noite em casa, muito depois de que mamãe tenha voltado do hospital. Sigo acordada, sentada no quarto da Tess, olhando todas as coisas que ela trouxe da universidade e que ia levar de volta. Roupa suja, livros, algumas fotos. Seu notebook. Seu lindo, brilhante, notebook.

Tenho um computador, ou algo assim. É que papai trouxe quando a Tess tinha dezesseis, obteve quando ela foi para a universidade, e então ainda tinha um aspecto elegante, mas beirando ao antiquado. Agora é basicamente imprestável e o disco duro que a Tess cuidadosamente limpou, seu “presente” (“Está quase novo!”) se mexe toda vez que o ligo e se congela se abro mais de um programa.

Tess tem um trabalho na universidade, enchendo alguns documentos de arquivo para um projeto que a biblioteca estava fazendo, a universidade deu aos novos estudantes um notebook, mas Tess poupou dinheiro e comprou um mais bonito, e parte de mim quer ele.

Poderia usá-lo por um tempo até que ela acorde, poderia experimentar ser capaz de escrever relatórios sem guardá-los a cada dez segundos, buscar algo em linhas sem me perguntar se o navegador mostrará toda a página.

Liguei o computador, e me encontro com a tela de senha. Não esperava isso, mas acho que é algo que terá que fazer na universidade.

Tento com o aniversário da Tess, mês, dia e ano.

Nada.

Tento o contrário.

Nada de novo.

Tento com seu nome, o nome da Beth e todos aqueles que ela alguma vez tenha falado na universidade, todos os garotos sorrindo nas fotos que trouxe de casa.

Nada ainda.

— Abby? — papai disse e me congelo, os dedos peneirando sobre o teclado, mas ele não me pergunta nada. Só diz:

— Sai para caminhar. Eu costumava... não tenho saído para caminhar em um bom tempo.

Ele entra e pega a foto que descansa ao lado do notebook.

— Ela parece... a Tess não parece feliz?

Concordo, um pouco assustada pelo olhar intenso e, no entanto, de alguma forma perdido em seu rosto.

— Espero que fosse. — ele disse olhando a foto.

— É. — falo, e ele pisca para mim.

— Ela é feliz. — continuo. — Essa é quem a Tess é, ela é feliz, ela é linda e todo mundo gosta de estar ao seu redor. Só olha as fotos, ela é feliz, essa é a Tess.

— Suas unhas combinam com a sua roupa. — ele disse, e olho de perto e vejo que são do mesmo rosado-avermelhado como a sua camisa.

— Justamente como a mamãe.

— Justamente como a mamãe. — ele disse. — Quando estava no colégio, sua melhor amiga Lauren falava disso, de como a Katie sempre se assegurava que as suas unhas combinassem com a sua roupa.

— Você costumava falar das unhas de mamãe com a sua melhor amiga? A Lauren que a mamãe fala o tempo todo?

— Costumava fazer isso, eu sai com a Lauren. — ele disse caladamente. — Antes, bom muito tempo atrás antes que sua mãe e eu nos conhecêssemos.

— Oh. — falo, porque, o que mais se pode dizer? Não sei o que é mais raro, que papai saísse com a melhor amiga da minha mãe antes de sair com ela ou que me esteja inteirando disso agora, no meio da noite.

O fato de que papai saísse com a melhor amiga de mamãe é definitivamente mais raro. Quero dizer, Lauren? Ela tem vindo antes de visita com o seu esposo, Evan e seus filhos e tudo. E eu nunca adivinhei isso... quero dizer, papai? E Lauren? Se Tess soubesse, ela se surpreenderia.

Tess. Ela sabia o que fazer agora, quer dizer, surpresa ou não, e ela estaria, compreenderia nesse momento por algo, enquanto eu... eu nem se quer sei o que dizer.

Me conformo com:

— Vou para cama. — e começo a me dirigir para o meu quarto.

— Na realidade a visse mover os seus olhos? — papai pergunta.

Paro e o olho.

— Sim.

— Então acha que... acha que ela pode acordar?

Concordo, surpresa de que se quer o pergunte. Não é como se pudesse fingir um coma, e Tess tem tanto para viver, as fotos que sustenta são uma prova disso, da Tess liderando a vida que sempre teve: fácil, cheia e feliz.

— Não acha?

— Faria o que fosse para tê-la de volta com nós.

— Eu sei. — falo. — E ela fará. Quero dizer, essa é a Tess, papai.

Ele sorri e eu me afasto para a cama, embora não durmo, passou um bom tempo antes que papai deixasse o quarto da Tess, quase com a luz do dia, e me pergunto o que viu nessas fotos que o colocou a perguntar as coisas que perguntou. Me pergunto se tem coisas que não estou vendo.

Capítulo 19



Eu vou para o hospital cedo na tarde seguinte, porque saio cedo da escola. Minhas duas últimas aulas foram canceladas para que todos nós pudéssemos nos sentar e nos reunir, sobre como melhorar nossas performances acadêmicas, e de jeito nenhum eu ficaria parada lá observando.

É muito cedo para Eli estar aqui, mas o procuro mesmo assim. Eu não o vejo, e por que deveria?

Lembro-me disso quando me sinto decepcionada.

Se eu pudesse ligar o meu cérebro para pensar da maneira que deveria, em vez da forma como ele faz.

Eu dirijo para ver a Tess, mas quando estou pronta para entrar na unidade eu paro, congelo, e encaro o interior do quarto da Tess.

Beth está aqui. Beth, que não vem ver a Tess desde antes que as aulas estivessem começado de novo, e quando ela se foi na última vez, algo no olhar dela, uma espécie de amarga tristeza, me fez pensar que ela nunca voltaria. Não disse nada a ninguém sobre isso, mas eu estava certa.

Ou pelo menos, eu pensava que estava.

— Beth? — eu digo conforme entro no quarto.

— Hey, Abby. — ela diz, e se afasta do lugar que estava sentada, afastando sua cadeira da cama da Tess. Ela estava segurando a mão da Tess, e vejo no momento em que ela afasta os seus dedos, seu polegar suavizando sobre o da Tess enquanto ela o solta. Seu cabelo está mais longo que da última vez que a vi, abaixo dos ombros, e as pontas foram pintadas de um profundo e rico roxo.

— Você não precisa se afastar. — eu digo, me sentando na outra cadeira. — Quando você chegou aqui?

— Há pouco tempo atrás. — Beth disse. — Eu queria... eu estava pensando nela ontem e pensei... — ela se estica e toca o cabelo da Tess brevemente, como se o toque a machucasse. — Ela está tão magra.

Olho para a Tess, nas cavidades sob as maçãs do rosto, no comprimento de seus frágeis braços. Não vejo nada de diferente, mas a vejo todo o tempo. Beth vê coisas que eu não vejo.

— Você vai ficar mais? Sei que os meus pais irão amar te ver.

Beth balança a cabeça.

— Não. Sem ofensa, Abby, mas não queria ver mais ninguém. Eu apenas... estava organizando o seu quarto, colocando as suas coisas nas caixas para enviá-las de volta, e comecei a pensar nela.

— Espera, enviar as coisas dela de volta? Você não precisa fazer isso. Ela vai precisar disso...

— Eu... eu tenho uma nova colega de quarto, Abby, não posso... Não posso deixar as coisas da Tess por lá.

— Não pode? Por quê?

Beth aperta os lábios.

— Abby, eu... eu tenho uma vida.

— Oh. Ok. Não deixe que a Tess ou eu te detenha. — eu falo. — Quando a Tess acordar, me assegurarei de dizer a ela que decidisse não ser a sua colega de quarto por mais tempo. Isso será agradável de se ouvir, não acha?

— Eu deveria ir. — Beth diz, e se levanta, olha para a Tess com a sua boca trêmula, e então me encara. — Escuta, sobre a Tess e eu morarmos juntas. Antes do acidente, nós conversamos, e a Tess disse que ia se mudar. Nós...

— Hey, imaginei que você estaria aqui. Eu vim mais cedo porque queria... oh — Eli disse — Eu não vi... Olá. — ele disse para a Beth — Estava procurando a Abby.

— Hey. — eu falo ao mesmo tempo em que a Beth diz. — Oi. — e então vira de volta para mim, dizendo:

— Você está trazendo garotos quando visita a sua irmã?

— Ele está aqui para vê-la. — eu digo. — Ao contrário das suas tão chamadas amigas, que decidem desaparecer e logo aparecer anunciando: “Oh, hey, eu estou me livrando das suas coisas, porque não quero esperá-la para que se mude”.

— Como eu disse, antes do acidente, Tess e eu...

— Um, eu devo voltar depois? — Eli pergunta, e é quando eu a vejo. Através do som da voz de Eli e da Beth, eu vejo a Tess.

Eu vejo seus olhos moverem por detrás das pálpebras fechadas, como se parte dela estivesse ouvindo.

— Tess. — falo, me inclino e pego a sua mão. — Tess, eu vi isso. Vamos, abra os seus olhos.

Mas ela não o faz.

Capítulo 20



Beth se vai, escapando enquanto as enfermeiras estão olhando para Tess e todos nós estamos esperando do lado de fora. Eu deveria ter notado, mas não o fiz porque estou observando o Eli, que está parado com os seus braços cruzados sobre o peito novamente, parecendo quase tão apavorado quanto ontem.

— Você precisa de uma bebida ou um pouco de ar ou algo assim? — eu pergunto, e é quando percebo que a Beth se foi.

— Droga. — digo. Eu não estive olhando para o Eli tanto assim. Ou eu acho que não. — Beth nem se quer ficou para se despedir da Tess?

— É ela que estava com você?

— Sim, sua colega de quarto. — eu digo, e percebo que por baixo de seus braços cruzados, Eli está golpeando os dedos das suas duas mãos contra a sua camiseta. — Você não precisa ficar, sabe. Tenho certeza que a Tess irá acordar agora, e claro que você pode voltar e vê-la porque eu sei que você quer, mas por agora...

— Certo. — ele diz — Eu vou... Estarei na cafeteria.

E então ele se vai. Ou, mais precisamente, foge.

Aguardo as enfermeiras sair. Quando elas fazem, tenho que esperar que elas chamem o médico, para o médico aparecer, porém tenho dinheiro suficiente para comprar uma revista e a lerei enquanto espero e espero e eventualmente o médico aparecerá e irá me dizer quanto tempo vai ser até que a Tess abra os olhos de verdade e quanto tempo vai ser até ela poder sentar. Andar.

Ir para casa.

Infelizmente, nada disso acontece. As enfermeiras não vêem nenhuma mudança em Tess. Eu explico sobre os seus olhos, e me falam que esse “distúrbio emocional” pode ser “estressante para a família”, e antes de me dar conta, estou saindo da unidade rapidamente, com nó no meu estômago e os meus olhos ardendo.

Abro a porta da escada, e então, com um soluço subindo para fora de mim, pego minha bolsa e joga-a tão forte quanto desço as escadas.

Por que ninguém mais vê o que eu vejo? Por que? Sei que só tenho dezessete anos, mas isso não faz de mim uma mentirosa ou estúpida, ou ambos. Sei o que vi.

Seco os meus olhos, piscando forte para fazer parar as lágrimas, e me dirijo para a cafeteria. Nesse momento, se eu voltar para o quarto da Tess, temo que começarei a gritar. Ou chorar. Ou os dois.

Pergunto-me se os meus pais vão ficar sabendo sobre o que aconteceu. Sei que vão. O que eles vão pensar? Vão pensar que sou uma mentirosa? Ficar decepcionados? Ou ambos?

Meus pais nunca ficaram decepcionados comigo, mas se a Tess não acordar, se eu me tornar em tudo o que eles têm, como serão capazes de evitar isso? Como não olhar para mim e pensar em tudo que Tess poderia ter feito?

Como eles não podem ver o quão óbvio eu não posso ser ela?

Eu não quero decepcioná-los, mas eu vou. Eu me desaponto tão facilmente, tão estupidamente, e nunca haverá um modo de eu ser como a Tess. Não consigo ser perfeita. Não consigo fazer as pessoas felizes. Não consigo fazer as pessoas querer ser eu.

Isso deveria me fazer ficar com raiva, mas não faz. Eu não quero nem tentar ser como a Tess. Queria que ela apenas tivesse voltado para a escola depois da festa. Mas não, ela tinha que vir e ver os meus pais de novo. Ela queria falar com eles sobre suas aulas, pedir os seus conselhos, e agradecê-los por estar lá para ela.

Em outras palavras, ser a filha perfeita enquanto fico me esquivando desejando que eu estivesse em qualquer outro lugar. Não fui a nenhuma festa na véspera de ano novo, fui até a casa da Claire e comi pipoca de microondas com ela enquanto as pessoas na televisão não deixavam de falar em como o próximo ano será o melhor de todos e apresentavam atos musicais que com um playback nos encoraja a “Celebrar!” até eu dizer a Claire que a minha resolução para o ano novo era nunca dizer a palavra “Celebrar!” como se fosse um comando.

Dirijo-me até a cafeteria, compro um refrigerante da máquina contra a parede, e abro a lata, olhando ao redor da sala. Normalmente sento perto da árvore de plástico no canto, observando as pessoas olhando para o rio atrás da janela e silenciosamente contando quanto tempo tenho que esperar até que as enfermeiras terminem seja lá o que elas estão fazendo e eu poder voltar para a Tess.

Conto, porque se não fizer, poderia facilmente ser absorvida a olhar pela janela. A observar o rio.

Em me colocar de pé, ir embora e nunca mais voltar.

O hospital é depressivo. É cheio de morte à espera, só esperando, e a unidade da Tess é tão silenciosa, como se o mundo tivesse ido embora, e se eu pudesse, nunca voltaria aqui.

Eu venho aqui, estou aqui, não porque é a coisa certa a fazer, mas porque quero que a Tess esteja aqui, realmente aqui.

Eu a quero fora desse lugar e que volte para a sua vida. Quero ela de volta na escola.

Eu quero que a vida seja como era depois da Tess ir para a universidade. Estaria ainda sob a sua sombra, mas não diretamente sob ela. Não esmagada embaixo dela. Mesmo a Tess não podia preencher Ferrisville de longe. Ela era uma lembrança. Uma forte, mas ainda assim, só isso.

Mas agora ela está aqui, é uma tragédia, e me define completamente mais uma vez.

E ali é quando vejo o Eli sentado do outro lado da sala, me olhando.

Forço-me a olhar diretamente a ele, de qualquer forma não sei o que fazer quando ele me olha. Por que ele está mesmo se dando ao trabalho de me olhar?

Ele levanta a mão, então a balança.

Há hesitação lá, vejo e isso incomoda, e me odeio por isso, mas cumprimenta.

Corre.

Isso é o que eu quero fazer. Quero correr e correr até estar muito longe daqui, de Ferrisville, de tudo. Quero correr até poder me olhar e não desejar ser mais como alguém que eu nunca vou ser.

Eu quero correr, mas eu sei o que acontece quando você pretende que as coisas sejam diferentes. Segurei o Jack e pensei que ele poderia me amar, mas não podia. Não queria.

Pensei que estava livre da Tess quando ela se foi para a universidade, mas agora estou atada tão fortemente a ela aqui, cuspiendo, rosnando e tentando acordá-la.

Estou aqui e mais uma vez há um garoto na minha frente, um garoto que somente verá a Tess, e lá no fundo, em um lugar que tentei destruir, parte de mim o vê e o quer. Quer ele, quer que ele me veja.

Estúpida. Tão, tão estúpida. Endireito os meus ombros e ando até o Eli porque lembrarei a mim mesma do por que estou aqui. Por que ele está aqui.

Lembrarei a mim mesma que isso tudo é por causa de Tess.

Lembrarei a mim mesma que não sou nada quando estou perto dela.

Capítulo 21



— Oi. — Eli disse quando chegou na mesa. — Eu... eu ia voltar em um tempo. Só pensei que com tudo o que esta acontecendo, talvez precise de algum espaço.

Dou de ombros, por que não sei o que fazer com a sua bondade. Eu não... não sei o que fazer com alguém como ele. Nem se quer sei por que quer que me sente com ele.

Além disso, ele esta me olhando, e longe das luzes florecentes do hospital, com a luz do sol brilhando desde afora e fazendo que o rio se veja quase belo, ele é, é como se o tempo devesse se congelar ao seu redor. Quero examinar, tocar a sua boca, seu cabelo, e o oco oculto da garganta que assoma a sua garganta.

Penso em tudo isso, quero tudo isso, e ainda não capturou a sua aparência.

O olho fixamente. Sei o que estou fazendo. A coisa é que, ele também esta fazendo.

Claro, sou eu a que fica boba na frente dele.

— Entao. — me obrigo a dizer enquanto me sinto e tomo um pouco do meu suco. — Tenho alguma coisa no rosto?

— Não. — ele disse. — Só estava pensando sobre as coisas que tem dito, sobre tudo isso. E bem, sem ofensa, mas é um pouco... é como se nem se quer fosse uma pessoa real para você.

— Acho que é uma pessoa. — falo, sentindo uma pontada. — Só... — Engulo, por que não posso dizer que era lindo e que tenho medo. — Desculpa, não estou babando por você como todas as demais fazem, mas suponho que isso se pode arrumar. Como é? — gesticulo com o meu rosto e faço uma careta com a boca aberta de admiração (por desgraça, sai com bastante facilidade) e o olho.

— Não posso evitar me parecer assim. — ele disse, Omo se tivesse chifres saindo da sua cabeça ou algo assim.

Isso me faz sentir nervosa. Ele esta me fazendo sentir nervosa.

— Bom, eu... eu acho que é perfeito para a Tess, e sim, é por como se parece. Ou assim era, antes que me desse conta de que também é agradável. Mas você... me refiro, sabe como te vê. Tem visto um espelho antes e depois de tudo, não?

— Edstá bem. — ele disse, dando de ombros.

— Está bem?

— Sim. — ele disse, e logo duvida por um momento. — São seus... os são seus pais são como você? Vem visitar ela todos os dias?

— Sim. — falo, e termino o meu suco, empurrando a lata para um lado. — Eles quase vivem aqui.

— Não tenho visto os meus pais desde o ano passado. — ele disse.

— Oh, então esta internado na Saint Andrew`s?

— Não. — ele disse. — Vivo aqui, em Milford. Só... não os tenho visto desde... será um ano em duas semanas e um dia. Eles viajam muito e por ele devo... eles pensaram que me enviar a uma escola aqui seria bom.

— É?

Ele da de ombros.

— É diferente. Milford é muito...

— Pitoresco?

— Pequena. — ele disse. — Milford se parece pequeno para mim.

Aposto que é de Los Angeles ou algo assim.

— onde vivia?

— Connecticut.

Não era o que esperava. Mas então, toda essa conversa tinha sido assim, não? Jogo o meu suco no lixo perto de nós.

— Sente falta?

— Não realmente. — disse ele. — Mas ao menos ali a gente não... estou cansado de explicar quem sou para as pessoas daqui.

— Bom, inclusive em Milford, não tem muitas pessoas como... me refiro, é cem vezes aposto. — falo. — Quando a Tess acordar, ela pode te ajudar a lidar com isso.

Ele fica me olhando.

— Me refiro ao fato de que não sou branco. — ele disse. — Me canso de explicar isso.

— Oh, não queria... me refiro, não pensei...

— Acha que as pessoas daqui não se importam? — Eli disse. — se impostam. Todo mundo sempre diz coisas como “Oh, é ótimo que Saint Andrew`s aceite a diversidade”, o qual significa, “Oh, meu Deus! Tem um garoto assistindo que não é branco, os resultados das provas poderiam cair e minha querida Winthrop não poderia entrar na Yale!”

Ri por que ele tem razão, é assim que as pessoas daqui falam, e quando me vê, falo:

— Não, não é... é só que.. assim é como eles falam. De vez em quando a escola envia o seu coro cantar na casa de retiro da cidade e os garotos atuam como se caminhar pela cidade fosse tão ousado. Como, “Olha pra mim! Estou em um lugar onde as pessoas não tem números depois dos seus nomes!” Simplesmente nunca pensei...quero dizer, não pensaria que você...

— Sei o que pensa de mim. — ele disse, e pela primeira vez, há algo afiado em sua voz.

Engulo forte e me pergunto por que tem um olhar de confusão e nostalgia em seus olhos. Deve ser como são as coisas para ele aqui. Posso compreender isso e tomo uma respiração profunda.

— Realmente incomoda que as pessoas sejam tão sacanas contigo, por que não diz aos seus pais?

— Meu pai cresceu aqui. — ele disse. — Entao não é como se não soubesse o que ia me acontecer.

— Espera, seu pai cresceu em Milford? Tem parentes aqui? Espera, claro que sim. Por que não conta que todos esses safados...?

— É complicado. — disse ele. — Tem conhecido alguém que vive em seu próprio e pequeno mundo?

— Como um imaginário?

— Não, simplesmente como... não sei. No passado basicamente.

Nego com a cabeça.

— Bom, assim é a minha família. Todos querem que as coisas sejam como eram antes.

— Acho que nisso te entendo. — disse lentamente. — Quero que a Tess acorde por que... quero que acorde só por que sim, mas também... é como se a vida de todos esta congelada por que a Tess está assim.

— Não gosta da palavra “coma”, não é assim? — ele disse.

— Sei que esta em coma, sei o que dizem os doutores. Mas você não... “coma” é uma palavra sem esperança, essa palavra que significa ir, e Tess não foi.

— Não quer dizer...

— Sim, fizesse.

Ele para por um momento.

— Essa é a coisa. Sou... sou metade japonês, parte negro, e isso é o que conta em Milford, a parte branca. — disse me voz baixa.

— E?

— E isso, justo agora, fui eu dizendo exatamente o que sou a única pessoa que não se importa com o que sou. — ele disse. — É... sabe, você não gosta de dizer

“coma”. A mim não gosto de ser dividido em pequenas peças de cor. E eu... digamos que entendo o que é estar incomodado. Mas você... voce é tão...

Horrível. Espero por ele, ou uma palavra como essa.

Ele engole.

— Forte. — disse suavemente. — Acho que é forte.

— Forte? — meu coração começa a bater com força, e ele concorda.

E logo diz:

— E triste. É... é a pessoa mais triste que já conheci. É como se estivesse se afogando com ele.

Me afasto da mesa e me coloco de pé tão rápido que a minha cadeira cai enquanto me levanto. A agarro antes que toque o chão, logo a levo a golpe contra a mesa enquanto agarro a minha bolsa.

E logo quase corro da cafeteria. Me obrigo a não correr, mas me movo rápido, meus olhos escorrem e estou incomodada, falo a mim mesma, vou por que estou incomodada.

Mas não estou. Estou assustada.

Estou assustada por que ele me viu. Por que ele me vê.

— Abby?

O escuto atrás de mim, mas o ignoro, rodeando um grupo de pessoas esperando pelo elevador e me dirijo para a entrada.

Quando saio me obrigo a parar. Ele não vai me seguir. Não sou a classe de garotas que os garotos perseguem, muito menos tipos como o Eli.

Vou encontrar ele na segunda-feira e vou levar ele diretamente para ver a Tess. Não mais conversa fiada com ele.

— Abby. — disse ele justamente atrás de mim e, para minha vergonha, pulo. Estou muito surpresa.

— Pareço que quero falar contigo? — falo, tentando soltar tanta ira como pude em minha voz, mas ele veio aqui, veio atrás de mim, e eu não sôo tão irritada em absoluto.

Pareço assustada.

— Não. — disse ele. — Mas eu... sobre o que disse antes, não queria te irritar.

— Não me irritasse.

Ele me olha então, e posso dizer que ele sabe que estou mentindo.

Raios, eu sei que estou mentindo e fazendo muito mal.

— Bom, se me incomodasse. — falo. — Não quero e nem preciso que sinta lastima por mim.

— Eu não...

— Sim, sente. Me afogando em tristeza? É assim como pareço para você? De verdade?

— Sim.

Isso é tudo. Uma palavra. Ele não disse com nenhum tipo de força ou ira, nem nada parecido. Ele só disse exatamente o que é verdade e dou a ele as costas.

— Não, espera. — disse, tocando o meu braço, e eu fico quieta. — Desejo... vejo o que esta fazendo aqui. Todos os dias vem e espera e você... é tão feroz. Determinada. E gostaria... gostaria de ser assim.

Me obriguei a olhá-lo. Dizer algo que fizesse isso sobre ele outra vez, por que não posso acreditar que ele vê coisas que não sejam terríveis e sujas em mim.

— Entao poderia ir para casa?

— Entao... entao poderia fazer muitas coisas. — ele disse, e mete as mãos em seus bolsos. — Quer que... quer que nos vejamos amanha?

— É sábado.

— Eu sei.

— Venho a noite. — falo, e não me envergonho de não ter vida, não faço. Exceto que nunca tenho estado com um garoto em uma noite de um final de semana. (Ou de dia, se vem ao caso). — Meus pais vem durante o dia e logo eu, eles te deixam ficar até as oito, assim que normalmente venho as sete.

— Bom.

— Oh. — não posso evitar. Não pensei que estivesse de acordo. Pensei que teria planos.

Mas então, Eli esta se convertendo rapidamente a ser muito mais complicado do que eu pensava que era.

— Entao, te verei na sala de espera onde... por onde está a Tess? — ele disse, e eu concordo, logo volto e me afasto para o estacionamento de bicicletas.

— Nos vemos. — ele disse, mas pretendo que não posso escuta-lo. Não é só que o Eli é mais complicado do que pensava, é também mais interessante.

Ele é...

Não, me falo. Não. Ele não é nada para mim. Ele é para a Tess. Ela acordara. Vera. Ele verá ela.

Isso é tudo o que fará falta.

Isso ;e tudo o que fará falta, e então ele vai ser dela e eu estarei.

Vou estar bem.

Estarei.

Capítulo 22



Não percebi até que vi a costa de Ferisville que nunca voltei a ver a Tess. Estava tão apegada em minha estranha conversa com o Eli que...

Me esqueci dela.

Escorrego para dentro de casa, onde mamãe e papai estão me esperando na sala, como se soubessem o que tinha feito.

Exceto que não sabem, por que quando me aproximo deles, ambos dizem “Oi”. A voz de mamãe é tão cálida como sempre, mas tensa, e a de papai ressoa e parece tão distante.

Por tudo o que a mamãe disse que lembrava a ele no outro dia, agora mesmo ele me lembra a Tess, e como ela era quando estava fora da vista pública e se incomodava, justamente como a forma em que estão me olhando como se não estivesse aqui, como se nós não estivéssemos aqui. Igual a Tess que fazia às vezes.

Como quando se inteirou da Claire, ou quando voltou para casa da universidade antes do acidente.

Nesse momento, imaginei que estava preocupada por suas qualificações, mas agora penso em como a Beth disse que a Tess ia se mudar, e me perguntei se a Tess tinha perdido outra amizade, se a Beth tinha feito algo que a Tess não podia ser capaz de perdoar.

— O que aconteceu? — pergunto ao papai, e ele pisca como se não tivesse me visto entrar apesar de ter dito “Oi”.

— Não foi nada que precise se preocupar. — mamãe disse, me olhando antes de olhar o papai, que a olhava tão ferozmente que... bom, se eu fosse ela, bateria nele.

— Nada? — falo, com a minha voz se elevando, e mamãe me olha de novo.

— Agora não, Abby.

— Agora não, está...?

— Vá para cima. — disse, em sua voz significava “não discuta, ou de outro modo...” e, caminho com força para fora, no entanto, golpeio a porta enquanto saio.

Então vejo as escondidas pela janela da sala, me agachando para que não pudessem me ver.

— Sabe o que o Doutor disse, Dave. — mamãe disse. — Não é... não é tão simples. Tess está... — ela para.

— Eu sei. — papai disse, e há um momento de silêncio.

Quando mamãe fala de novo, sua voz é afogada, como se tivesse apoiada nele.

— Estou preocupada pela Abby.

Eu fico tensa e me pressiono contra a casa mais perto da janela.

— Pela Abby? — papai disse. — Por que?

— Não sei. — mamãe disse. — E esse é o problema. A olhei outra noite e ela só... me lembrava tanto da primeira vez que voltasse depois da morte de John. Ela está... tão calada. Tão incomodada. Tão assustada. Mas se esconde, ou tenta fazer, e a Tess sempre foi tão... ela era...

Me coloco de pé. Sei como a Tess era. Tão feliz. Tão blá, blá, blá. Tão diferente de mim.

Vou para a entrada e caminho até a casa da Claire. Todas as luzes estão apagadas, mas Claire está sentada no alpendre, molhando os seus pés no que se parece uma cubeta.

— Isso é uma cubeta? — pergunto.

— Mamãe pediu emprestado o banho para pés que me conseguiu para o natal na semana passada, e não tenho visto desde então. — Ela disse. — Minha suposição é que disse que pensava que não funcionava bem e papai o pegou e separou em peças e ela não se atreveu a me dizer ainda. — Gira ao redor os seus pés dentro da água. Escuto ela salpicando contra as bordas da cubeta. Abro a porta e caminho até onde ela está sentada.

— O que está acontecendo contigo e com o Eli? — disse. — Todo mundo estava falando de como saísse correndo do hospital e ele te seguia.

— Não foi assim.

— Não?

— Não. Não corri. Só fui. Rapidamente.

Ela ri.

— Então ele te seguiu.

— Sim, mas não da maneira em que você está dizendo. Estávamos falando da Tess.

— Oh. — disse. — Por que?

— O que quer dizer com, por que? De quem mais vamos falar?

— Bom, ele é mais do que lindo, isso é alguma coisa.

— É por isso que está vendo a Tess. — falo, e ela se inclina para trás, se deitando, olhando o teto do alpendre.

— Por que o Eli tem que ser da Tess?

— Você tem visto. — falo. — A quem mais ele poderia pertencer? E além disso, alguma vez alguém que a tenha visto tem decidido que preferiria passar tempo comigo, ao invés dela?

— Prefiro estar contigo em qualquer momento.

— Os ex-melhores amigos não contam.

Claire ri de novo, mas o som é mais suave agora, quase arrependido.

— Isso é verdade.

Me sento e deito ao seu lado. O interior do alpendre é mais fácil de olhar do que o vasto e vazio céu noturno. É real. É definido. Tem um principio e um fim.

— A Beth foi ver a Tess. — falo.

— Sim. — Claire disse. — Escutei. Também escutei que te incomodasse por isso.

— Bom, sim. Ela disse que estava guardando em caixas as coisas da Tess e inventou alguma merda de como ela e a Tess tinham falando disso antes, e que a Tess ia se mudar. Como se a Tess não tivesse mencionado isso quando voltou para casa.

Claire se senta, e escuto o chapinhar da água quando levanta os seus pés para fora da cubeta.

— A Beth e a Tess, já não iam viver juntas?

— Isso é o que ela disse. Acho que a Beth encontrou um novo companheiro de quarto e quer se desfazer das coisas da Tess. Que tipo de amiga é essa?

Claire fica em silêncio, e chuto suavemente.

— Se supõe que deve dizer “uma amiga de merda”.

— Pobre Tess. — Claire disse ao invés, sua voz em um sussurro.

— O que significa isso? — falo, me sentando.

— Nada.

— Claire.

— Ok. — disse. — Vi... vi a Tess sozinha uma vez quando voltou para casa pela primeira vez, no supermercado. Estava comprando bolacha de obreia⁷ de chocolate.

— Oh. — disse, por que cada vez que ela estava realmente incomodada, Tess podia e comia enormes quantidades de bolachas de obreias de chocolate, do tipo passadas de moda que vem em uma caixa e se desmoronam se a tocam muito forte.

⁷ Bolacha de Obreia: Muito utilizada na doçaria regional portuguesa, a obreia é uma folha muito fina, tipo hóstia. Serve de base para bolachas de amêndoa...

— Sim. — a Claire disse. — Quando vi isso, soube que algo andava mal. Não sabia o que era, não sabia que ela e a Beth estavam brigando.

— Não me disse nada.

— Imaginei que era a Tess sendo a Tess. Pensei que eram as qualificações. Você sabe que ela sempre...

— Sim. — falo. — Ela se preocupava... se preocupa por elas. Pobre Tess.

Claire suspira.

— Abby, você está tratando com um monte de merda agora mesmo. E sei que pensa que se a Tess acordar arrumará tudo, mas...

— Sei que não arrumará nada. — falo. — Não sou estúpida. Mas ao menos ela estará acordada. Estará melhor.

— E já não será a pobre irmã pequena da Tess. — me olha e se dá de ombros. — Fui sua melhor amiga por anos, Abby. Também vivi em sua sombra.

— Alguma vez... sentiu saudades? — falo.

— Não. — Claire disse, e essa única palavra é tão forte, tão definitiva, que sei que está mentindo.

No entanto, deixo passar, e me inclino para trás de novo, olhando para o teto, os quadros que criavam, um modelo simples onde tudo estava ordenadamente ordenado. Onde não tem espaços abertos, nem áreas cinzas. Não tem lugares onde podem sentir falta de alguém, apesar de que lembrar em como eram só te fazem desejar que desaparecessem.

Não é que gostaria disso para a Tess. Não exatamente. Só quero ela de volta em sua vida. Estou cansada de que na minha tudo se trate sobre ela.

Capítulo 23



Quando chego em casa, mamãe ainda está acordada, pintando as unhas com as pernas cruzadas no sofá.

— Como a Claire está? — ela pergunta, como se a nossa conversa anterior não tivesse acontecido. Como se a Claire fosse a única pessoa que eu vejo.

Claro, ela foi à única. Não que isso me impeça de dizer:

— O que a faz pensar que eu estava com a Claire? — só para ver se mamãe pensa se tenho uma vida atualmente.

Ou poderia tê-la.

— Vi você andando para a casa dela quando você terminou de ouvir do lado de fora da janela. — ela disse. — Você sabe, quando eu digo para você sair, não queria dizer para deixar a casa e depois ouvir a nossa conversa.

Flagrada, mas não me importo.

— O que há de errado com o papai? E por que você estava falando com o doutor sobre a Tess? Alguma mudança?

Mamãe pausa, o pincel do esmalte na sua última unha.

— Seu pai e eu queremos saber como a Tess está... como está o seu estado.

— E como está?

— Nenhuma mudança.

— Então, por que papai está chateado?

Mamãe cuidadosamente pinta a sua última unha, e então fecha o frasco.

— Porque todos nós estamos. Olha, Abby, adoro que você passe tanto tempo com a Tess, mas você não pode... Você não pode deixar alguém assumir o controle da sua vida, ser tudo para você. Por você. Confie em mim.

Eu me mexo, desconfortável com o que ela está dizendo. Com o quão perto ela está da verdade: que a Tess está assumindo o controle da minha vida.

Mas o que mamãe não vê é que não existe “eu” quando a Tess está por perto. Isso nunca haverá.

Não é que papai ou ela tenham tentado me transformar na Tess ou algo assim. Mas Tess é a mais bonita, a mais especial, aquela que as pessoas amavam porque ela era tão radiante e amigável, e sempre sabia o que dizer. E não importa o quão difícil eu tenha tentado, eu nunca poderia brilhar como ela.

— Você está pensando no que eu falei? — mamãe pergunta, e balanço a cabeça, observando os seus olhos, que estão calmos e controlados.

Olho para ela e quase acredito que as coisas ficarão bem.

— Vi a Beth hoje. — digo. — Aposto que as enfermeiras te contou, mas a razão de eu ter ficado chateada foi porque ela me disse que está encaixotando as coisas da Tess. Ela poderia muito bem ter dito, “Não acho que a Tess irá voltar”.

— Ela está encaixotando as coisas da Tess? — mamãe diz, e ali, nos seus olhos, por um momento, há um flash do que ela realmente está sentindo.

Surpresa.

Preocupação.

Medo.

— Bem, a Tess pode mover as suas coisas de volta. — ela disse, e está sorridente e calma.

E mentindo.

Eu a deixo, porque eu sei como é a necessidade de acreditar em mentiras. Uma vez acreditei que poderia fazer alguém que amava a Tess, me amar.

Uma vez acreditei que alguém poderia me enxergar, somente eu. Uma vez pensei que poderia ser feliz como a Tess foi.

Eu sei melhor agora.

Capítulo 24



Papai e mamãe saíram para ver a Tess no momento em que eu acordo, gosto de dormir o mais tarde que eu consigo nos finais de semana. Passar de meio-dia é melhor ainda. Quem decidiu que a escola tem que iniciar quando ainda está escuro lá fora, deveria ser baleado.

Tomo um longo banho e seco o meu cabelo, depois penso no que devo vestir para ir ao hospital. Então fico furiosa comigo mesma por fazer isso, porque a Tess não se importa com o que eu visto e não é como se eu esteja tentando impressionar alguém. Certo?

Não que eu esteja imaginando impressionar o Eli, mesmo se de alguma forma consiga encontrar uma roupa que me faça parecer mais alta e curvilínea. Finalmente me visto apressadamente com uma velha camisa e jeans que estão enrolados na bainha, porque eles são muito longos para mim. (Ainda tenho que conseguir um par de calças que não acabam arrastando pelo chão, em algum momento ou outro).

Mamãe e papai chegam no final da tarde, justo quando eu finalmente desço as escadas e estou pegando algo para comer. Ambos parecem cansados e tristes, como eles sempre chegam depois de visitar a Tess, e especialmente nos finais de semana, quando acho que eles lembram da Tess nos arrastando até a praia ou da Tess suspirando sob sua lição de casa ou a Tess recebendo ligações atrás de ligações ou falando com três ou quatro ou doze pessoas que param para dizer “Oi” a ela.

— O que você tem feito? — papai pergunta, tentando soar animado e falhando miseravelmente.

Aponto para a minha tigela de cereal.

— Você não tem que ficar em casa o tempo todo, você sabe. — ele disse. — Você pode sair. Se algo... Se algo acontecer, nós acharemos um jeito de entrar em contato contigo.

Não falo nada, porque ambos sabemos que eu não saio. Não saía quando a Tess vivia aqui, e não saio agora, exceto para visitá-la.

Termino rápido a minha comida e escapo para o ferry.

Quando chego ao hospital, Clement está sentado no lado de fora, olhando para seu relógio.

— Você parece como um passarinho. — ele diz quando me vê. — Todo esse cabelo e esses olhos.

— Os pássaros não têm cabelo, Clement.

— Eu sei disso. — ele disse, e soa quase que petulante por um momento, como uma criança, como Cole. — No entanto, penas, cabelo, é basicamente a mesma coisa. É tão difícil assim receber um elogio?

— Obrigada por dizer que eu me pareço com um pássaro. — falo, e ele balança a cabeça para mim e procura em seu bolso uma pastilha para a tosse.

— Nunca empreste seu carro a qualquer um. — ele disse enquanto desembrolha a pastilha para a tosse e coloca em sua boca. — Você sempre acaba esperando para que isso volte.

— Você emprestou o seu carro para alguém? — Não sabia que o Clement gostava de alguém em Milford o bastante para emprestar algo, muito menos o seu carro.

— Disse ao Eli que ele podia pegar o carro, enquanto eu estivesse no trabalho. — Clement falou. — Mas aqui estou, trabalho quase terminado, e meu carro está aqui? Não. Seu pai era a mesma coisa, só que ele trazia o carro de volta sem gasolina. Você não faz isso, faz?

— Eu não tenho um carro. — digo para ele, apontando para a minha bicicleta assim que percebo o que esteve na minha cara esse tempo todo.

Clement é avô de Eli. A família da qual o Eli falou. A razão do por que ele está trabalhando no hospital.

Falando do óbvio. Eu fecho o cadeado da minha bicicleta e falo a mim mesma que não vou perguntar ao Clement onde o Eli foi, ou o que ele tem feito hoje.

— Tenho certeza que o Eli estará logo aqui. — digo em vez disso, o que não é realmente melhor do que perguntar por ele, porque continuo o mencionando.

— Eu sei. — Clement disse. — Ele está vindo se encontrar com você. O que ele disse para você na cafeteria, aliás? Ele não disse nada quando o perguntei.

— Ele não está vindo se encontrar comigo. Ele está vindo para ver a Tess.

Clement bufa, então asfixia-se com a pastilha para a tosse. Eu sei que deveria bater em suas costas, mas ele se sente tão frágil quando eu timidamente dou uma palmadinha de leve nele que fico receosa de parti-lo ao meio.

— Maldita coisa. — ele disse, afastando a minha mão. — Sempre acabo engolindo elas. Harriet me fez ficar viciado nelas, sabe. Me chateando e me incomodando para que deixasse de fumar e, finalmente, trouxe para casa uma caixa de pastilhas que deveriam me ajudar a parar. Até hoje, eu gasto mais tempo tomando-as do que eu jamais fiz sentado em torno de 10 minutos depois do jantar com um cigarro.

— Espera. Você não está comendo pastilhas para tosse? Você está comendo essas coisas para parar de fumar?

— Quem come pastilhas para tosse? — Clement pergunta. — Você sabe qual é o gosto dessas coisas?

— Não. — eu digo, dobrando os meus braços em meu peito. — Nós não temos do outro lado do rio. Nós só tivemos goma de mascar ano passado, sabe.

Clement sorri para mim, depois olha para fora do estacionamento e diz. — Ah, ali está o Eli.

Sigo o olhar de Clement e vejo um longo e caro carro arrancar para dentro do estacionamento.

Eli sai, movendo-se até nós, e juro que realmente me arrepio por dentro quando o vejo vindo, esta pequena sacudida quente aquecendo o seu caminho através de mim.

Lembro de Jack, recordo-me.

Lembro da Tess.

— Desculpa. — Eli diz assim que chega até nós, entregando as chaves para o Clement. — Eu esta... Eu estava no telefone.

— Tem gasolina no carro? — Clement pergunta e sorri, e Eli balança a cabeça. — Bom. — disse. — Agora posso voltar ao trabalho. — e depois se direciona de volta para o hospital, deixando Eli e eu sozinhos.

— Eu pensei... Pensei que ele estava indo embora. — eu falo, me sentindo um pouco constrangida por estar sozinha com Eli mesmo nós estando no estacionamento do hospital e ter algumas pessoas ao redor. É só que... Bem, é final de semana. E Eli está parado perto de mim.

— Ele não gosta de ficar muito em casa. — Eli disse. — Ele... ele diz que fica entediado, mas acho que quando ele está lá, fica triste. — ele cruza os braços, tocando os dedos de sua mão direita contra o seu cotovelo. — Você estava... Ele não disse nada enquanto você estava esperando, disse?

— Apenas que me pareço como um pássaro. — eu falo, e Eli me encara. — Eu também não vejo isso. — digo a ele, e entramos.

Capítulo 25



Claire está no quarto da Tess quando chegamos ali.

— Hey. — falo surpresa. — O que está fazendo aqui?

— Algum doente me chamou, então estou aqui. Você sabe que não rechaço um pagamento extra.

Caminho até ela e olho para a Tess. — Como ela está?

— Somente estou revisando as suas intravenosas. — a Claire disse. — Estão com falta de pessoas a mais que o usual, então estou me assegurando que ninguém fique para baixo ou algo assim.

Me sento na minha cadeira usual e Eli vem, parecendo um pouco preocupado e vacilante.

— Então, você é o Eli, que está aqui para conversar com a Tess. — a Claire disse, e Eli assente, cruzando os seus braços sobre o seu peito. Estou começando a

acreditar que é tímido. A quietude, todo o assunto de cruzar os braços, são todas as coisas que as pessoas fazem quando estão nervosas.

Claire me olha, levantando uma sobrancelha como se soubesse de algo, e logo diz:

— Bom, tenho que voltar ao trabalho, revisar mais intravenosas e essas coisas. Divirtam-se.

— Adeus. — Eli disse ao mesmo tempo que a Claire disse “Divirtam-se”, e ali é quando vejo os olhos da Tess se mover de novo. Debaixo das suas pálpebras fechadas, há movimento, como se tivesse vendo alguma coisa. Como se algo, alguém, estivesse agarrando ela.

— Visse isso? — falo, me colocando de pé e me aproximando da Tess, animando ela para que abrisse os olhos.

— Ver o que? — a Claire disse, e o Eli disse:

— Sim.

Os seguintes minutos passaram lentamente. Tess não abriu os seus olhos, mas o doutor do turno estava sendo chamado, e eu, sentada, impacientemente esperando ele.

Claire não ficou, no entanto. Disse que não viu nada.

— Desculpe. — disse ela, depois de que perguntei por que se sente assim pela milionésima vez. — Não estava olhando para a Tess. Estava falando contigo.

— Mas...

— Abby, na verdade tenho que voltar ao trabalho. — ela disse e passa junto a mim, nem se quer olhando para trás enquanto deixava o quarto.

— Está seguro de que chamou o médico? — pergunto a enfermeira que supostamente tem feito a chamada.

Ela diz: — Tenho certeza. — Sua voz cheia com algo que soa terrivelmente como pesar.

Trago saliva.

Enquanto fico perto da estação das enfermeiras, esperando, Eli está calado e estranhamente é uma presença tranqüilizadora. Gosto de que ele não esteja tentando me dizer como o doutor estará aqui rapidamente ou algo assim. Olho um par de vezes para ele que me sorri, logo volta a desenhar nessa folha de papel que deve ter obtido de uma das enfermeiras.

Caminho para ele, não para estar de pé junto a ele, e sim para ver o que está desenhando. Reconheço a mentira, quero ver o que está fazendo, mas também quero estar perto dele e sigo caminhando para lá de todos os modos.

Eli não é um artista. Somente rabiscava, como eu faço algumas vezes, como montões de pessoas fazem, rabiscavam linhas e caixas, e na verdade percebo que ele é um garoto, junto com toda a sua beleza, ele é uma pessoa, e então...

E logo, pela primeira vez em quase dois anos, quero fazer algo mais com um garoto do que esperar que se vá para longe. Quero tocá-lo. É uma maneira de “somente pensa nisso”, na realidade. Não como... como fiz com Jack, não sou assim tão estúpida, não vou pretender que poderia ser alguém com quem Eli quer ser visto, mas quero que agarre a minha mão, me diga sem palavras que tudo estará bem. Que alguém está aqui comigo.

Não tenho querido que alguém me console por muito tempo, mas quero isso agora.

— Não tens que esperar. — falo para o Eli, por que querer algo e fazer algo por ele são duas coisas muito diferentes, e confio em meu coração e meu corpo tanto como acho que a enfermeira que disse que tinha chamado o doutor na verdade chamou.

O que posso dizer, não muito.

— Não me importo. — ele disse, fazendo outra caixa na parte direita do papel, logo na esquerda.

— O doutor não vai vir.

— Virá. — Eli disse.

— Não. — falo. — Ninguém... ninguém acredita em mim.

Eli deixa de desenhar e me olha.

— Eu acredito.

Cruzo as minhas mãos entre sí, para que assim não estendesse elas para alcançá-lo. Me esforço a pensar em Tess. No que ela precisa.

— Pode... se perguntar ao Clement, ele poderia ser capaz de conseguir um doutor aqui?

Eli nega com a cabeça.

— Ele não... não tem nenhum poder real.

— Mas doou todo esse dinheiro...

— Ele não pode... não funciona assim. — Eli disse, e quando ri por, oras, claro que o dinheiro faz coisas em todas as partes, ele toca o meu braço. — As pessoas em

Milford pensam que ele é estranho e não sei... não sei se alguém poderia inclusive falar se não fosse pelo fato de que ele é, você sabe.

— Rico.

Eli baixa o olhar para o seu caderno.

— Sim.

Volto para o quarto da Tess. Ela está deitada ali, perfeitamente como se seus olhos não tivessem se movido, como se não tivesse nada que tivesse visto atrás das suas pálpebras fechadas.

— Acorda. — falo, a minha voz irritada, um sussurro e quando ela não se move agarro o seu tablete. Sim, sei que não deveria tocá-la, e não, não me importava e escrevi uma nota sobre o que vi na parte posterior de um cartão em branco, que uma vez foi atada a um ramo de flores que floresceu intensamente no canto. E logo a pego em seu mural de porta papeis.

Essas flores... elas murcharam há anos atrás, mas meus pais guardavam os cartões, tendo elas para que a Tess as olhasse. Supus que ela não se perderia na parte de trás de uma delas assinada pela Beth. Estúpida Beth empacotando as coisas da Tess, e sua estúpida assinatura, toda alta em letras maiúsculas como se ela fosse uma classe de estrela.

A enfermeira que tinha chamado o médico entra então, me vê pegando o cartão no mural da Tess e disse:

— Precisa ir agora.

— Estou esperando o médico. — falo, e ela coloca as mãos no meu ombro.

— Abby. — disse, e estou surpresa de que saiba o meu nome. Quase ninguém usa ele aqui, sou somente uma visitante, sou a irmã da Tess. — Às vezes os pacientes

se movem um pouco. Não é... é um bom sinal, claro, mas não quer dizer que ela vá acordar esta noite.

— Sei o que vi.

— Sente falta dela. — a enfermeira disse, e começou a rir por que sim, sinto a falta da Tess, mas não como ela pensa. Não sou a irmã devota. Não sou a nobre e simples garota que sacrifica tudo para que a sua irmã volte. Quero que a Tess acorde para que eu vá.

— Tess. — falo, olhando ela. — Por favor.

Nada.

— Pode... — a enfermeira disse, fazendo gestos para o Eli, dando um olhar de “me ajude aqui”.

— Vi também. — Eli disse. — Então por que não podemos esperar o doutor aqui?

Funciona. Não posso acreditar, mas faz, e então esperamos. Ele e eu, sentados no quarto da Tess, cada um de um lado da sua cama.

Pego um longo tempo para dizer, não por que não saiba como, e sim por que tenho medo de dizer.

— Obrigada. — saiu, logo que nós tivéssemos sentado ali por um tempo, e estava certa ao ter medo de dizer por que quando ele disse “claro”, como se não fosse nada, queria que ele tivesse dito algo mais, e nem se quer olho para a Tess para ver se sua voz a moveu. Eu só...

Estou muito ocupada pensando em como tem movido a mim.

Capítulo 26



O doutor não veio e as horas de visita terminaram.

Pergunto-me se posso esperar mesmo assim, sabendo que me diriam não.

Fiz, mas a enfermeira que acompanhava o doutor colocou uma mão sobre os meus ombros e disse:

— Você sente falta dela. — como se o que eu sinto pela Tess fosse assim tão simples, disse: — Se o doutor tiver algo para informar, nós nos asseguraremos de te fazer saber. — enquanto saio da unidade.

— Obrigada por, sabe, por antes. — falo ao Eli enquanto deixamos o hospital.
— Te vejo amanhã?

Ele nega com a cabeça.

— Clement e eu vamos à igreja, e logo tenho essa coisa de família.

— Oh, claro. — estúpida. Ele já renunciou a sua noite de sábado por estar aqui, por que deveria renunciar também o seu domingo?

Dou de ombros, como se não me importasse se ele viesse ou não.

Mas acho que devo me importar. Pela Tess, ao menos. Então me permito dizer:

— Sei que a Tess gostaria disso. — antes de começar a caminhar.

— Hey, posso... posso te levar para casa?

Congelo. Não quero, mas não posso evitar. Ninguém me perguntou isso antes. Jack às vezes me acompanhava para casa depois de conversar, mas nunca tinha perguntado e ambos sabemos que só fazia por uma oportunidade de ver a Tess.

Tomo uma respiração profunda.

— Quer falar um pouco mais sobre a Tess ou algo assim? — pergunto, principalmente me lembrado do por que estou aqui, por que ele está aqui, mas quando disse. — Sim, claro. — Sinto uma mordida do meu rompimento com o Jack, desses estúpidos pedacinhos de esperança, sangrando e abertos.

Me sinto suja em seu carro, minha roupa de merda é uma lembrança de que não pertenço aqui. Tess pertenceria, pertence, a esse carro. Eu não.

— Tess pertence aqui. — falo, e Eli, saindo do estacionamento do hospital, me olha como se não entendesse. — A esse tipo de carro. — falo. — Posso vê-la aqui, sabe? Ela gostaria.

— Não gosto. — Eli disse. — É como dirigir um ônibus. Costumava... costumava ter o meu próprio carro. Meus pais me disseram que me conseguiriam um carro quando completasse dezesseis anos por que isso é o que todos fazem e eles queriam... eles queriam que eu fosse como todos os demais. Eu ia ter um, mas...

— Um carro esportivo super rápido? — falo. — Me deixe adivinhar, queria um vermelho, não é?

— Prateado. — disse com um rápido sorriso. — Mas chegamos no lugar e estava esse carro na esquina, algum carro que pertencia a uma idosa e que seus filhos tinham herdado quando ela morreu e parecia tão triste. Alí sozinha, sabe? E seus filhos não se incomodaram em limpar o porta-luvas. Quando o vi por dentro, tinha uma lista de compras. Ovos, pão, chá, tudo isso em uma pequena letra de idosa. E fiquei pensando. O que foi a última coisa que escreveu? Ela tinha feito a lista e tinha posto no carro, assim lembraria quando saísse, e ela nunca chegou a sair e só... você sabe.

O olhei, em transe, apesar de mim mesma.

— Então não teve o carro esportivo?

— Não. — disse. — Tinha um sedã azul com baixa quilometragem. Tinha esse enorme e suave fundo de plástico na alavanca de cambio, acho que é por que a idosa tinha mãos ruins ou algo assim. Quando estava zangado, ficava nele. Meus pais... — ele bateu os seus dedos contra o volante. — Meus pais pensaram que estava louco.

— Então... o que aconteceu?

— Meus pais venderam. — disse. — Antes que viesse aqui eles não... eles não estavam realmente contentes comigo.

— Não, quero dizer, o que aconteceu com a lista de compras?

— O que? — disse.

— A lista de compras. O que aconteceu com ela?

— A deixei no porta-luvas. — disse. — Não queria tira-la. Era primeiro o seu carro, sabe? Além disso, não sei. Meus pais nunca tinham feito nada como uma lista de compras.

— Não gostam de comprar?

— Eles gostam de comprar. — Eli disse. — Mas não comida. Tem gente que faz por eles. Elegem os cardápios, compram a comida e fazem. E todas essas coisas.

— Verdade?

— Sim. Eles não... não é como se a casa estivesse de pé por eles. Alguém cozinha, alguém limpa, alguém se encarrega da lavanderia.

— Certo. — falo, como se não fosse grande coisa, mas interiormente estou me sentindo mais suja. Os pais de Jack tinham dinheiro, mas não como isso, não dinheiro para que alguém faça todas essas pequenas coisas que fazem, para que uma casa esteja de pé. — Deve sentir saudades de tudo isso.

— Não. — disse simplesmente. — Então, como é, você não dirige?

Me pergunto que tipo de problemas terá os seus pais. Um garoto que compra o carro de uma idosa, por que os seus familiares não se incomodaram em perceber que ela deixou uma lista de compras, realmente não parece o tipo de cara que fosse enviado a viver aqui.

Mas então, uma vez a Tess e a Claire tinham sido tão boas amigas que a Tess tinha contado as duas como se fossem praticamente uma pessoa e logo ela afastou a Claire do seu coração como se fosse uma pedra que precisava ser lançada para longe.

— Não tenho carro. — falo. — Tinha, mas era da Tess, ela comprou para ir e vir da escola com o dinheiro que ganhou trabalhando no *Organic Gourmet*. Me deu depois que terminou o seu primeiro semestre, quando decidiu que não precisava vir tanto para casa, e se fazia, ela e a Beth poderiam...

— Beth. Essa é...

— Sim. — falo. — A garota de antes. De todas as formas, ela e a Beth voltaram aqui então e a Tess deixou o carro. Ela disse que podia conduzi-lo se quisesse. Quando tive a minha licença pela primeira vez, a cada lugar que eu ia as pessoas se aproximavam do carro e diziam: “Tess?” e então pareciam decepcionados e tentavam se cobrir quando viam que só era eu.

— Cada vez?

— Quase sempre. — falo suavemente, como se a lembrança desses primeiros meses em que tive o carro, das pessoas me perguntando pela Tess e seus olhos se escurecendo quando me viam, não me doesse.

— Por que? — ele disse. — Quero dizer, ela é bonita, mas não entendo por que faz soar como se não fosse nada comparado a ela.

— Não sou nada. — falo, apesar de que acho que é bastante preciso. Embora soasse como se sentisse auto-compaixão ao dizê-lo, e não quero começar a ir por aí. Me derrubei nela depois do Jack, em meio aos meus ataques de ira para ele, para a Tess e para mim mesma, e o que conseguia? Nada. — Só... uma coisa sobre viver com alguém como a Tess é que te faz enfrentar as coisas. Inclusive se não quiser.

É o mais perto que tenho estado de contar sobre o Jack a alguém que não fosse a Claire. Não sei como me sentir sobre isso. É estranho o quão fácil é para eu falar com Eli.

É genial.

Eli está em silêncio por um longo momento, e então giramos na rua que conduz ao cais. Tem alguns carros esperando, estacionados com as suas luzes acesas, lançando um tênue resplendor na escuridão.

— Então, ainda não respondesse a minha pergunta do por que não dirige.

Engulo, e quase desejo que ele me perguntasse sobre coisas que já tenha enfrentado, essas que me empurram a falar de uma forma que conduziria a Jack. Isso eu poderia desviar. Isto não. É por que estou aqui. Por que ele está comigo.

— Ela estava conduzindo o meu... seu carro. — falo. — Era o dia de ano novo, na parte do dia. A parte de “dirigir a salvo”. Ela tinha passado a noite na casa da sua amiga, depois da festa e ela... foi um acidente. Seu carro foi destruído e... bom, já sabe do resto.

— Então você pensa, pensa que se você tivesse estado dirigindo essa noite, talvez...?

— Não. — falo. — Foi um acidente. Um terrível e trágico acidente. Se eu tivesse tido que dirigir o carro, teria feito. Não estou, não estou tão louca sobre a minha bicicleta. — minha bicicleta que costumava usar para passear ao redor no verão que me apaixonei pelo Jack. Minha bicicleta que coloquei a um lado só para tira-la quando o acidente da Tess levou o meu carro. Minha vida como a conhecia.

— Oh. — Eli disse, enquanto o ferry soprava o seu galhos, indicando aos passageiros que partiria rapidamente. Saio e o animo para que abra o bagageiro antes de fechar a porta.

Não tem carro atrás dele, mas ele não começa a voltar enquanto me movo ao seu lado, não começa a girar e dirigir para longe. Em vez disso, faz rodar a sua janela para baixo.

— Abby. — disse, e olho para ele, retendo o fôlego apesar de que estava no carro com ele, apesar de que passei a noite ao seu lado.

— O que? — falo, desconcentrada, sem fôlego, por que tenho passado todo esse tempo com ele e ele se manteve falando comigo, manteve atuando como se eu fosse interessante e se mantém se despedindo. Se mantém em me fazer pensar em coisas

estúpidas como se pudesse dizer que viesse ao ferry comigo. Que viesse para casa comigo.

Sacudo a minha cabeça, mas é muito tarde. Estou tremendo.

— Há algo mais que te assusta? — Eli disse.

Você, penso. Estou aterrorizada de ti. De como a tua amabilidade faz que me gostasse apesar de mim mesma. De como me faz sonhar sobre coisas que nunca tinha sonhado antes.

De ti, penso. Mas não falo.

Capítulo 27



Minha família toma café da manhã todo domingo de manhã. Meu pai faz panquecas, e minha mãe faz bacon e normalmente alguns ovos mexidos.

Quando a Tess era mais nova, ela tirava os cortadores de biscoitos e transformava as panquecas de papai em corações e estrelas. Às vezes, se ela estava chateada com alguma coisa, ela não fazia, e outras vezes, bem depois que ela parou de falar com a Claire, e então outra vez quando ela começou a se preocupar muito com a universidade (pela qual ela basicamente parou de dormir), se recusou a descer para tomar café.

Ela residia na esplêndida e solitária miséria de seu quarto, e mamãe tentava convencê-la a descer e meu pai eventualmente levava uma bandeja até ela. Eu o pegava mais tarde, a comida intacta e a Tess continuava estendida na cama observando o teto. Ela poderia estar envenenada então, respondendo os meus passos com um olhar gélido ou pior, agindo como se eu nem estivesse lá. Olhando através de mim como se estivesse olhando através da Claire.

Mantivemos o café da manhã depois que a Tess foi embora para a universidade, contudo papai começou a experimentar com a sua receita de panqueca (os pães de gengibre foram um sucesso, os de fubá, não tanto) e mamãe mudou para bacon de peru e "ovo produtivo" depois da sua última consulta ao médico.

O mantivemos também depois do acidente, depois que ficamos sabendo que a Tess não estava voltando para casa imediatamente, embora as panquecas tivessem pedaços de casca de ovo durante as primeiras semanas e mamãe tendeu a esquecer o bacon até que ele começou a queimar.

Essa manhã, papai fez panquecas de manteiga de amendoim, e eu peguei a geléia de morango e passei em um, vendo-a esguia e melada, escorrendo por todo o meu prato.

— Você deveria ir visitar a Tess com a gente hoje. — Mamãe disse, depositando dois pedaços de bacon de peru em meu prato.

— Isso é pelo o que aconteceu ontem à noite?

— O que? — Mamãe disse.

— Esquece. — eu murmuro, mas é tarde demais. Mamãe se senta ao meu lado e diz — Abby. — com sua voz “conte-me-tudo”.

Eu conto, e ela olha para papai assim que termino de contar, e então me olha de volta.

— Nós sabemos que você quer que a Tess acorde, e nós queremos isso também. Mas não há nenhuma indicação...

— Eu sei o que eu vi.

— Nós... — Papai diz, e mamãe olha para ele, balançando a sua cabeça levemente.

— Ela tem o direito de saber, Katie. — ele disse, sentando com seu próprio prato de panquecas. — Nós algumas vezes vemos... Algumas vezes nós vemos coisas que parecem como movimento também. — papai disse. — Eu... Nós víamos mais isso antes, logo quando... Logo quando ela foi ferida. Mas o doutor disse que ela não iria responder, não como você pensa. A atividade cerebral dela é... Mínima.

— Mínima. — eu ecôo, meu apetite sumindo. Tess está no hospital tempo suficiente para eu aprender a sua linguagem, e função cerebral mínima significa que o doutor acha que a Tess, a Tess que eu conheço, a Tess cujos livros e roupas estão esperando no andar de cima, se foi. O doutor acha que tudo o que sobrou foi uma casca vazia.

— Nós pensamos que poderia vir conosco hoje porque... Bem, seu pai e eu decidimos transferir a Tess para um... — Mamãe pressiona as suas mãos juntas, atando-as e fazendo os nós dos dedos se encontrarem em uma branca linha reta. — Para um mecanismo de cuidados a longo prazo. É passando Milford, em Oxford Hill.

— O que? — eu digo, aturdida, e encaro papai. — Por quê?

Ele olha para a mesa. — Nosso seguro não vai... Eles têm que ir com a avaliação do médico, ou eles dizem que tem, e não podemos dar ao luxo de mantê-la no hospital por muito tempo.

— Quanto tempo? — sinto que não posso respirar, mas sei que posso, ainda estou falando.

Ainda vivo.

— Cerca de uma semana. — mamãe disse. — Talvez um pouco mais, mas não temos certeza. Nós temos que esperar pela papelada para ser finalizado.

— E se ela acordar? — eu digo. — Ninguém estará lá. Ela estará sozinha e...

— Ela não estará sozinha. — papai disse. — Sua mãe e eu continuaremos a visitá-la. Isso não vai mudar.

— E eu? Como eu vou poder ir até Oxford Hill de bicicleta? É praticamente 32 quilômetros a partir do ferry, e eu não posso... — paro e engulo as palavras.

Não consigo dizer o que quero. Não posso, "Não posso fazer isso". Não consigo dizer, "Não quero passar o resto da minha vida aqui ou em um quarto com a Tess". Não posso deixar os meu pais, quando a única pessoa que conhecemos que deixará uma marca no mundo está trancada em sua própria mente.

— Eu... Eu terei de começar a visitá-la com vocês de novo. — eu digo — Eu posso encontrar com você depois que sair do trabalho, como antes.

— Não. — papai diz.

— Não? — Mamãe e eu dizemos ao mesmo tempo.

— Você tem escola. — papai disse. — Você tem que começar a pensar sobre a universidade, o SATs. Você tem coisas que precisa fazer.

— Dave. — Mamãe disse. — Se ela quer ver a Tess, nós poderíamos...

— Eu desisti de tudo para ficar sentado ao lado de John. — papai disse — Você... Olhe para o que você fez para os seus irmãos, para sua mãe. Eu não quero isso para a Abby.

— Ela não está fazendo isso. — mamãe disse. — Ela está visitando a irmã dela. Ela não é... ela não é você, Dave. Ela não é eu.

— Quando foi à última vez que você saiu? — Papai me pergunta e depois olha para mamãe. — Nós dois sabemos que ela não sai, Katie. Ela vai para a escola, vai para o hospital, e volta para casa. Nós continuamos deixá-la a fazer isso, nós mantemos a Abby com a gente, e antes de você saber, ela estará bem no lugar onde estive quando tinha dezoito anos. Onde estive depois que John morreu.

O rosto de mamãe ficou pálido, mas ela diz: — Se ela quer ver a sua irmã, não acho que você ou eu devemos dizer a ela...

— Três vezes na semana. — Papai diz. — Isso é tudo. Depois que a Tess... Depois que ela se mudar do hospital, esse é o máximo que ela pode ir.

— Você não pode decidir isso. Ela não é você, David! Ela não se desligará e reiniciará a sua vida inteira em uma grande...

— Ela não vai gastar todo seu tempo ficando em casa ou no hospital? — Papai disse a cortando, e os olhos de mamãe parecem reluzir algo como uma memória ou medo. — Ela não vai gritar com as pessoas quando não estamos por perto, não se sentará curvada como ela está agora, como se fosse tão miserável?

— Parem! — eu digo.

E então falo mais uma vez, mais alto, minha voz ecoando pela cozinha, e as palavras apenas despejaram para fora de mim. — Ela não está... Parem de falar da Tess como se ela tivesse ido. Parem de falar dela como se ela não estivesse aqui. Ela está aqui, e ela vai acordar. Nós não podemos... Nós apenas não podemos pensar que ela não irá acordar.

Estranhamente, a expressão de mamãe cai. Eu estou concordando com ela, estou dizendo a ela que eu preciso estar aqui, que eu entendo o quão importante Tess é. Mas ela está me olhando como se eu tivesse a esbofetado.

— Abby, eu... Querida, Tess não será a mesma. — ela disse. — Nunca. Você entende isso, certo?

Papai balança a cabeça para ela, como se quisesse que ela parasse de falar, e eu deveria estar feliz por ela estar me dando o que eu secretamente quero por um longo tempo. Que alguém, finalmente, acredita que eu preciso de uma vida que não é tudo sobre a Tess.

Não estou feliz.

Não estou feliz, porque é como se ele não acreditasse que a Tess pudesse acordar.

Como se ele acreditasse que ela nunca irá acordar.

— Não te entendo. — digo, e me levanto, subindo para o meu quarto. Eu não bato a minha porta. Fecho gentilmente, como a Tess faria.

Ninguém vem atrás de mim. Ouço os meus pais conversando. Não consigo entender o que eles estão falando, mas ouço o murmurinho de suas vozes, e quando ouço nada além de silêncio volto para o andar de baixo.

Eles me deixaram uma nota. Eles foram ver a Tess. Eles me amam. Eles voltariam logo.

Eu amasso o papel e subo. Paro no quarto da Tess.

— Acorde. — eu digo. — Apenas acorde.

Eu quero acreditar que ela irá acordar. Eu quero acreditar que ela me ouve agora, que ela me ouve quando estou com ela. Mas no fundo, tenho medo que não. No fundo, não acho que ela me ouve. No fundo, tenho medo que ela nunca irá acordar.

Eu quero que ela volte, quero mesmo. A coisa é que, não consigo mais imaginar isso. Não como costumava. O que era tão certo, tão claro, se tornou nebuloso.

Se tornou em algo que nem consigo ver.

Não falo com os meus pais quando chegam em casa. Eles não parecem notar, embora, porque eles estão claramente com raiva um do outro. Tanta raiva que nem se quer falam um com o outro.

Então estou calada, nós estamos calados, e penso no que aconteceu. No que foi dito.

E na segunda, depois da escola, vou direto para o hospital. Para a Tess.

Capítulo 28



Estou no banheiro do ferry. É pequeno e fede, mas tem um espelho em cima da pia e então estou aqui em pé, segurando minha respiração e penteando o meu cabelo.

Digo a mim mesma que não estou fazendo isso porque estou indo ver o Eli.

Mas estou. Claro que estou.

Ele tem sido a única coisa que não deixo de pensar desde domingo de manhã.

Meus pais e seu silêncio, sobre “o que devo refletir sobre isso no caminho até a escola”. Tess saberia o que dizer, teria sido capaz de fazê-los falar. Sempre podia conseguir que fizessem o que ela quisesse, mesmo dizendo "O que há de errado?", até eles responderem, ou contando a eles algum problema seu que eles poderiam intervir e corrigir ou alguma tristeza que precisava ser consolada. Eles a consolaram quando ela estava furiosa com a Claire, e tomaram medidas para levá-la a um conselheiro de admissões quando ela estava preocupada com a universidade.

Tess poderia ajustar as coisas agora, e eu não.

Estou tão cansada de saber disso. De ser lembrada, de novo e de novo, que eu não sou a Tess.

Mas não é como se eu tivesse uma folga. Na escola, todos perguntam sobre ela. Pessoas na minha sala, professores, e até mesmo os que trabalham na cafeteria querem saber como ela está. Sei que as pessoas estão sendo simpáticas, sei que se importam, mas isso apenas me faz lembrar o que aconteceu. Que eu sou. O que não consigo fazer.

E até mesmo no ferry, cercado de pessoas que sei que vão trabalhar, ou voltando para casa, ou fazendo sabe-se o quê, há perguntas.

"Como está a sua irmã?", ou "Fale para os seus pais que nós estamos pensando neles e rezando pela Tess", ou "Parece que foi ontem que a Tess e eu estávamos na mesma classe/festa/fazendo algo incrível e/ou nos divertindo. Sinto a falta dela. Diga a ela isso, você irá dizer?".

No momento em que ferry aproxima nos cais, estou mais do que pronta para sair, como sempre estou, e pedalo até o hospital como se um fantasma, ou uma sombra, estivesse me perseguindo.

Eu acho que, de alguma maneira, uma está.

Quando chego ao hospital, tranco a minha bicicleta e vou procurar por Eli. Não o olho enquanto nos dirigimos para o quarto da Tess. Forço o meu coração e a mente com o pensamento de ver a Tess acordando. Imaginando-a: ela respira profundamente uma vez, duas, e os seus olhos tremem. Se abrem. Ela suspira. Sorri.

Vê Eli, e sorri mais.

Meu coração paralisa, uma lamúria dolorosa, e me obrigo a continuar pensando. A olhar o que deveria acontecer. O que irá acontecer.

— Eu sei que você vai dizer que está bem, mas está tudo bem? — Eli disse, e eu balanço a cabeça, lembrando os anos de Halloween com a Tess. Lembrando de como costumava querer as mesmas fantasias que ela, até que percebi que os sorrisos que recebia foram sempre às versões mais fracas dos que ela recebia, que eles estavam tristes com o conhecimento de que eu não tinha ainda percebido. Sorrisos que sabiam que eu não era a Tess. Sorrisos que sabiam que eu nunca seria a Tess.

— Claro. — digo.

— É só que... Eu passei por aqui ontem a tarde. — ele disse — E não te vi.

Ele estava aqui?

Ele estava procurando por mim?

— Eu... Eu não estava aqui ontem. — eu digo, inserindo o código para a unidade. — Meus pais estavam, entretanto. Suponho que os conhecesse, certo? Enquanto estava conversando com a Tess e tudo mais.

Me pergunto por que eles não mencionaram isso, e logo lembro do silêncio frio e tenso de ontem a noite. Meus pais não estavam falando sobre nada e eles provavelmente assumiram que o Eli tinha visto a Tess e havia se apaixonado por ela.

Esse pensamento dói mais do que deveria.

— Não. — Eli diz. — Eu apenas... Eu estava lá fora, procurando por... Vendo se você estava aqui, e eu os vi através da porta e imaginei que eles tinham que ser os seus pais. E você se parece com o seu pai...

O alarme soa, sinalizando que podemos entrar e quase abafando as minha tentativa de riso.

— Eu pareço como o meu pai? Tem certeza que estava procurando no quarto certo? Porque a Tess tem os cabelos e os olhos do meu pai e...

— Sim, tenho certeza. Vocês dois têm essa... Vocês dois têm esse jeito de olhar para alguém como se fosse a única pessoa do mundo.

— Isso não soa como eu.

— Na outra noite, quando nós estávamos conversando, eu... — ele pausa e eu paro, olhando para ele. Meu coração batendo a toda velocidade.

— O que? — eu digo, e eu quero que isso saia como se não me importasse, como se estivesse apenas fazendo uma pergunta, mas a minha voz é silenciosa. Esperançosa.

— Pensava que é exatamente assim que você parece quando está olhando para a Tess. — ele disse.

Meu coração afunda. Estúpida, tão estúpida. Achava que ele iria dizer que queria que eu o olhasse dessa maneira? Mas eu aceno como se entendesse.

Não entendo, entretanto. Primeiro minha mãe diz que ajo como papai, e agora Eli diz que me pareço com ele. Ou, pelo menos, temos a mesma expressão.

Isso significa que papai vê a Tess como eu vejo? Sente todas as coisas que sinto? A preocupação, medo, amor?

É muito louco para pensar, e então empurro isso para longe, entrando no quarto da Tess.

— Hey. — eu digo, sentando na minha cadeira habitual. — Estou aqui. Assim como o Eli.

— Hey Tess. — ele disse, e olha para mim. Eu finjo que não sinto o seu olhar, mas eu sinto.

— Eu... uh, eu não tenho nenhuma irmã ou irmão. — ele disse. — Eu costumava ter um cachorro, mas ele tinha que ser colocado pra dormir quando eu tinha dez anos, porque ele tinha câncer.

Isso é triste, realmente triste, e quando o olho e digo, "Sinto muito", ele sorri.

Ele sorri e tudo, até mesmo os meus dedos, se estremece.

Clareio a minha garganta e volto a olhar para a Tess. — Então, acho que você e o Eli tem algo mais em comum... ele gosta de cachorro também. Lembra de como você tentava falar com o papai para ir atrás de um cachorrinho depois de você descobrir sobre C... Bem, na escola?

— Oh, eu não quero outro cachorro. — Eli disse. — Depois de ver q... Quando Harvey morreu, eu... — ele descansa as suas mãos contra os braços da cadeira, com os dedos contraídos. — Eu não posso arranjar outro cachorro.

— Mas talvez um dia, você poderá, certo? — eu falo, apontando para a Tess.

— Não. Eu gosto de cachorros, mas ver alguém que você ama morrer é... — Ele clareia a garganta e olha para mim. Realmente olha para mim, direto em meus olhos e tudo mais. Me forço a olhar de volta e só solto a respiração que estou segurando quando ele olha para a Tess.

Me obrigo a ficar feliz por ele estar olhando para ela.

— Quando você ama alguém você fará tudo por ele. — Eli disse para ela. — Bem antes de Harvey morrer, eu dormia na lavanderia com ele. Ele não podia ir a nenhum outro lugar, exceto pelo meu quarto, e até mesmo lá, ele só podia ir durante a manhã, mas eu não gostava de ficar pensando nele lá sozinho. Eu queria... Eu queria que ele ficasse melhor, assim como a Abby quer que você fique.

Ele respira fundo. — Abby realmente quer que você acorde. Eu nunca tinha visto ninguém acreditar em alguém como ela acredita em você. Todas as enfermeiras falam sobre ela. Como ela vem aqui o tempo todo, como ela lê para você. Coisas assim. Supostamente ela até mesmo grita se alguém não aparece o mais rápido possível quando um de seus... Bem, quando alguma coisa aqui começa a apitar. Você... Você tem muita sorte, Tess.

Os olhos da Tess não se movem, porém tenho que forçar os meus a não se moverem. Eu tenho que me obrigar a não olhar para ele, de não olhar com espanto para o que ele acabou de dizer.

Ninguém nunca tinha falado que a Tess é sortuda por ter-me. Nunca.

— Oh, agora você tem que acordar. — digo a ela, ouvindo minha voz quebrar um pouco e espero que o Eli não tenha ouvido. — Você tem que dizer a ele como eu costumava tentar ouvir você e Clai... e seus amigos falando quando você ainda morava em casa, ou sobre aquela vez que disse que a pessoa que tentou colocar o brócolis no vaso sanitário era você.

— Você não gosta de brócolis? — Eli disse, e a Tess não se move nenhum pouco.

— Não, ela gosta. — digo. — Estranho, né? Quando você acordar, Tess, eu irei fazer um montão disso e trarei pra você. Você e o Eli poderão comê-lo.

— Desculpa, não consigo comer brócolis nem por você. — Eli disse, e eu finalmente olho para ele, sabendo que deveria estar feliz por ele estar aprendendo sobre a Tess, que ele está conversando com ela como se ela estivesse aqui, como se ela fosse acordar. Mas não estou, entretanto. Não como eu deveria estar.

E quando o olho, ele não está olhando para a Tess. Ele está olhando para mim. Ele está falando comigo.

— A Tess consegue ser bem persuasiva. — eu digo, mas a minha voz sai fraca, soando toda nervosa, e quando a enfermeira caminha para dentro do quarto, eu solto a respiração que não tinha percebido que estava segurando e guincho. — Oi, como você está?

— Eu preciso checar a máquina. — a enfermeira disse, apontando para o monitor perto do Eli. — Eu acho que isso está... Oh maldição. Nós precisamos colocar um novo desse aqui agora, e vocês precisam... — ela faz um movimento gesticulando em direção à porta.

— O que foi? — eu digo, olhando para a Tess, tentando ver se algo mudou, se ela parece pior. — Há algo errado?

— Não, não. — a enfermeira disse, sua voz seca. — Eu apenas preciso colocar uma nova máquina aqui, e eu preciso de você fora daqui para fazer isso.

Eu levanto, e o Eli também.

— Eu... Eu quebrei isso? — ele pergunta, mas a enfermeira não o responde, está muito ocupada mexendo no display e gesticulando para a outra enfermeira juntar-se a ela.

Por tudo isso, elas algumas vezes me deixam louca, as enfermeiras aqui realmente são muito impressionantes, porque em apenas alguns segundos eu e o Eli nos movemos para fora do quarto da Tess e elas estão agrupadas ao redor dela, com os rostos calmos a medida que avançavam em uma intrincada dança, envolvendo cabos e máquinas e soros e o imóvel corpo da Tess.

— Bem, nós podemos tentar voltar daqui a pouco. — eu digo, dirigindo-me para a sala de espera e sentando em uma das cadeiras. Há um senhor sentando em uma perto da televisão, a cabeça inclinando para um lado enquanto ele ronca alto.

Eu viro para perguntar ao Eli se ele quer ir a algum lugar e vejo que há algo errado com ele. Muito, muito errado.

Ele se senta também, mas as suas mãos estão batendo contra a cadeira tão rápido que é como se ele... Eu não sei. Tenta empurrar os seus dedos na cadeira, ou algo assim. E o olhar em seu rosto... É como se ele fosse sair correndo e gritando, ou vomitando. Ou talvez os dois.

— Você está bem? — eu digo, e então lembro da sua pergunta para a enfermeira. — Hey, você sabe... você sabe que você não quebrou a máquina, certo?

Ele balança afirmativamente, mas é duro, um olhar irregular, e então ele salta para a porta. Eu ouço o que penso que seja um "Já volto" ou "Tchau", mas o que quer que seja sai numa rapidez e mal se ouve sobre o senhor que ronca.

Estranho. Talvez ele esteja doente. Ou triste. Ele estava apenas falando sobre o seu cão morrer, e isso me deixa triste só de ouvir. Devo tentar encontrá-lo, ter certeza de que ele está bem?

Não. Se eu fizer algo, devo achar o Clement e dizer a ele o que está acontecendo. Não quero ficar excitada sobre o que poderia estar de errado com o Eli, porque ele é só um cara. Ele não é especial para mim de nenhuma maneira.

Exceto que ele é, porque sou uma idiota. Uma idiota completa saberia melhor, e sabe, mas ainda assim vou a procura do Eli de qualquer forma.

Não demoro a achá-lo. Dirijo-me para as escadas e ele está lá, sentando no degrau na minha frente.

— Hey. — eu digo. — Você... Você quer que eu vá atrás do Clement?

— Não. — ele disse, tão forte que é quase como um grito. — Quero dizer, não. Estou bem.

Sei que deveria dizer, "Tudo bem, vejo você depois", e sair, mas não faço.

Eu fico. Eu falo.

— Você tem certeza? — e sento perto dele.

— Sim. — ele disse. — Só... que nós não saímos chispando como nós supomos que devemos, e comecei a pensar sobre como eu poderia ter tido o meu primeiro passo para fora da unidade no meu pé direito e não com o meu esquerdo, e então eu não conseguia parar de pensar sobre como algo terrível estava para acontecer, embora eu tenha tentado muito forte não pensar assim, e...

— Espera, o que? — eu digo, totalmente confusa.

— Eu... Eu tenho essa coisa. — Eli disse. — Eu... algumas vezes eu penso em coisas que tem que ser feitas de um certo modo e se não forem feitas eu, um... — ele se rompe, batendo seus dedos contra suas pernas e então enrolando-os em punhos, mais apertados como se estivesse tentando pará-los. — Eu fico chateado e penso que coisas terríveis vão acontecer e... Oh, inferno. — Ele olha para mim. — Eu tenho TOC⁸.

⁸ Transtorno obsessivo-compulsivo: é um transtorno de ansiedade caracterizado por pensamentos obsessivos e compulsivos no qual o indivíduo tem comportamentos considerados estranhos para a sociedade ou para a própria pessoa; normalmente trata-se de ideias exageradas e irracionais de saúde, higiene, organização, simetria, perfeição ou manias e "rituais" que são incontroláveis ou dificilmente controláveis.

Capítulo 29



Terminamos conversando nas escadas até que escureceu. Eli tinha começado a mostrar sinais de transtorno obsessivo compulsivo quando começou a escola e descobriu que unicamente podia fazer o seu trabalho de certa maneira.

— E se não fizesse. — ele disse. — Ficava... nem se quer sei como descrever. Era como se fosse morrer... quero dizer, na realidade senti como se fosse morrer... e tudo por que não fiz as coisas como achava que tinha que fazer.

Piorou quando ele ficou mais velho e os seus pais enviaram ele nos médicos com baixa medicação e disseram que simplesmente tinha que dizer a si mesmo para que parasse.

— Fizeram soar como se fosse muito fácil. — ele disse. — Como se somente pensar nisso fosse suficiente, que conseguisse. “Olha, caminhar através de uma porta quarenta vezes para impedir que morresse e a atravesso sobre o meu pé direito é estúpido!” como se não soubesse. Sabia. Eu sei. Simplesmente... não posso evitar.

Penso em como ele caminha um pouco atrás de mim, como se tivesse que fazer, e em como sempre o encontro movendo os seus dedos como se estivesse inquieto.

Ou contando alguma coisa.

Penso sobre como reagiu quando pressionei o código na porta com a minha mão esquerda em vez da direita. O quão estranho pensei que ele estava atuando depois.

Deve ter estado muito perturbado.

— Des...desculpe. — falo. — Eu não sabia.

Ele me olha.

— Não sabia?

Nego com a cabeça.

— Vá. Pensei que... pensei que era a única coisa que pudesse ver. — disse. — Depois que colocaram a Harvey para dormir, fiquei pior. Costumava tomar duas horas para ficar pronto para sair de casa a cada manhã. Meus pais... não estavam felizes. Fui ver mais médicos, tinha meus medicamentos ajustados, tudo. Mas não... não podia melhorar. Inclusive agora, ainda tenho que... — assinalou as suas mãos.

— Então viesse para ver outro médico ou algo assim? — falo.

Ele ri, mas é um som triste e amargo.

— Não. Bom, vejo um médico. Mas os meus pais... eu envergonho eles. Todos os seus amigos têm filhos que podem, como meu pai disse, controlar a si mesmos. Mas quanto mais furiosos ficam pior eu fico, e... bom, como disse, envergonhava eles. Então me enviaram para viver com o Clement. Passei anos escutando o meu pai se

queixar desse lugar, nunca viemos de visita, sabe, nem sempre, e ainda assim eles me enviaram para cá.

— Isso é tão... seus pais são chatos. — falo.

Ele ficou me olhando.

— Desculpe, mas são. Você é incrível e... — paro em seco, consciente do que acabo de dizer. Em voz alta. — Como seja, eles são.

— Eles não... bom, sim, são. — ele disse. — Odeio estar aqui. Bom, não de tudo. Clement está bem. E você...

Sustento a respiração, esperando apesar de mim, mas ele não termina a frase, só se cala e bate os seus dedos contra as suas pernas.

— Realmente odeio isso. — ele disse finalmente, vendo os seus dedos. — Odeio o meu cérebro. Se funcionasse bem, os meus pais... não sei. Não atuariam como se eu fosse algo do que eles precisam esconder. — ele me olha. — Como se sente ao ter pais que realmente gostam de você?

— Pergunte isso para a Tess. — falo, e dou conta do amargo que deve soar isso por que ele inclina um pouco a sua cabeça, como se tivesse surpreso. Imediatamente me sinto culpada, não só por que os meus pais são grandiosos em comparação aos seus, e sim também por que não é culpa dos meus pais que eu não seja a Tess. Não é culpa de ninguém.

— Não queria que soasse assim. — falo. — Meus pais são bons. É só que desde que ela se acidentou, é... eu não sou a Tess, e isso tem se convertido em algo tão grande e obvio que... é tudo no que posso pensar. Não posso ganhar tudo como ela ganha. Não sei como brilhar igual a ela. Ela saberia o que fazer agora se eu estivesse onde ela está. Ela sempre sabe o que fazer e eu... não.

— Para mim parece que está fazendo bem as coisas.

— Mas não é assim. Se a Tess não acordar nos próximos dias será transferida para casa. E os meus pais... isso está quebrando os seus corações, sabe? Não estão felizes e a Tess sempre podia conseguir que eles, ou qualquer pessoa, deixassem o que seja que estavam fazendo e se focassem nela.

— Isso soa... não sei. Ela soa como algo dramático. — Eli disse.

— Não era... bom, ela sabia como chamar a atenção. — falo. — Mas você a viu.

— Sim. — Eli disse. — Você é tão bonita quanto ela, sabe.

Ri de verdade pela primeira vez em muito tempo, ri até que o meu coração bateu dentro do meu peito, um latido vibrante e esperançado.

— Bom. — falo quando terminei, e me ponho de pé, começando a avançar escadas abaixo, para fora. — Obrigada por isso, por ser, por ser tão lindo.

— Olha, falo sério. — ele disse, se levantando e me seguindo, sua voz tranqüila. — Por que está tão segura de que a sua irmã é melhor do que você?

— Por que ela é. Sempre tem sido.

— Quem disse?

— Todos.

— Bom, eu não sou todos. — disse enquanto saímos do hospital, e sorri para mim.

Sorri de volta. Não posso evitar.

Não posso evitar de querer acreditar.

Ambos estamos em silêncio enquanto atravessamos o estacionamento de bicicletas, mas enquanto estou tirando as tiras de segurança da minha bicicleta, ele disse:

— Obrigado por, sabe, escutar.

— Eu gosto de escutar. — falo, e logo me chuto mentalmente. — Quero dizer que não foi grande coisa.

— Foi para mim. — disse. — É a única pessoa além do Clement a qual tenho falado sobre o meu transtorno. E Clement... bom, não é como se já não soubesse.

Olha, aqui vai outra vez, chegando a mim por que é tão, tão endemoninhadamente doce. Não retrocede quanto tento afastá-lo.

— Eu tampouco... é o único ao que tenho falado sobre a Tess. Sobre como não posso ser como ela, quero dizer.

— Como disse, ela parece... dramática. — ele disse. — Você...

Se ele disser que sou forte ou confiável ou algo desse estilo, morrerei.

— Acha que é uma sombra ou algo assim. — disse. — Sua sombra. Mas não é. Você também brilha. Te verei amanhã, ok? Vou ver o Clement agora.

— Ok. — consigo dizer, e logo simplesmente fico ali, observando ele caminhar de volta ao hospital

Ele acha que eu brilho.

Penso nisso todo o caminho até em casa. Nisso, e em Tess.

Capítulo 30



A Tess não era, não é, dramática. Não realmente. Quer dizer, ela sempre soube o que queria e obteve sem se importar com nada, desde boas notas em sua escola de sonho até me assegurar de que ninguém falava com a Claire uma vez que a Claire ficou grávida, mas isso não era drama. Isso era vontade. E a Tess tinha muita.

Mas enquanto a brisa que criada pelo ferry, que recorre a água e que sopra em mim, começo a pensar em outras coisas. Como em como a Tess atuou quando se inteirou que a Claire estava grávida. Ela estava irada. E não só do tipo raivosa. Foi como se de verdade estivesse louca. O pior foi quando viu a Claire caminhar pela nossa casa quando estava começando a se notar. Nem se quer lembro de onde a Claire estava vindo, pode ser que só estava caminhando, mas a Tess a viu simplesmente... saltou. Foi na geladeira, o abriu e tirou as almôndegas do Crock-Pot que mamãe tinha feito para uma semana. E logo saiu.

A próxima coisa que soube era que a Claire estava gritando e papai tinha saído para fora em uma corrida com a mamãe seguindo ele. Tess simplesmente estava ali, com a Crock-Pot caída no chão e suas mãos sujas de carne, com molho vermelho

coabrindo elas. É a única vez que lembro da Tess atuando tão irada, quando tinha a oportunidade de que alguém de fora de casa pudesse vê-la. Ninguém mais fez, exceto eu, meus pais... e a Claire.

Ela não voltou a caminhar perto da nossa casa até que a Tess se foi para a universidade.

Mas essa tinha sido a única vez que a Tess tinha sido dramática, no sentido que penso que o Eli se refere. Quer dizer, a Tess podia se acalmar ou ficar odiosa às vezes, mas também, colocava muita pressão em si mesma. É como se entrasse em pânico pelas suas notas e pelo fato de que não era a estudante com as melhores notas durante a última metade do seu último ano, e logo ia com esse estúpido conselheiro de admiradores.

Eu estava encantada de que a Claire já estivesse fora da escola para então, tão grávida, e embora ela nunca tivesse dito, acho que estava cansada de que a Tess comandasse a sua vida, que decidiu deixar a escola e terminou conseguindo o seu diploma depois. Claire foi a única pessoa que a Tess... ela foi a única pessoa com que a Tess foi verdadeiramente cruel alguma vez.

Mas acho que essa era só a Tess sendo... bom, a Tess. Ela podia ser fustigadora⁹. Como com os garotos, por exemplo. Sempre encontrava algo ruim neles, sempre. Eles não eram suficientemente agradáveis, ou eram imaturos, ou tinham cortes de cabelo que ela não gostava. E talvez, depois de anos em que a gente fizesse o que a Tess queria, Claire se juntou com o Rick depois de que a Tess disse que não deveria, e a Tess não pode perdoá-la por isso.

⁹ Fustigadora: Que se castiga.

Me dirijo para casa quando o ferry atraca no porto, cansada e alegre por tudo o que tinha passado... por Eli. Por vê-lo, por falar com ele, por que ele disse que eu brilho. E logo paro no caminho, surpresa.

Beth está aqui.

Mamãe e papai estão com ela, estão ao lado do seu carro parecendo perfeitamente educados, eles não são bons nisso, e a Tess herdou essa habilidade, mas pode dizer, pela forma em que papai tem as suas mãos dentro dos seus bolsos, que ele não está feliz. Mamãe tampouco está por que está jogando com o esmalte em seu dedo mindinho enquanto assente ao que seja que a Beth está dizendo.

A Beth está aqui e agora que não estou olhando para mamãe e papai, vejo as caixas em seu carro.

Beth está trazendo de volta as coisas da Tess.

— Olá. — falo, me aproximando do carro da Beth e me assegurando que a minha bicicleta batesse quando me abaixo. — O que aconteceu?

— Beth passou pela casa. — disse mamãe, tão casual e calma, exceto pelo esmalte que está ficando em pedacinhos nas unhas.

— Oh. — falo e me giro para a Beth, pretendendo que não visse as caixas. — Vai ir com os meus pais para ver a Tess? Isso é ótimo!

— De fato, estava dizendo aos seus pais que vi a Tess, e a você, no outro dia. — Beth disse. — E que estou vivendo com alguém agora, e ela precisa ser capaz de mover as suas coisas. Então, tenho, bom, tenho trazido as coisas da Tess de volta para você.

— Por ela. — falo. — Tess ainda está aqui, Beth. A visse, lembra?

Beth deve ter um pouco de coração, depois de tudo, por que fica pálida com isso.

— A vi. — disse, com voz calma. — E eu... me rompe o coração. Tess era tão vibrante, tão linda. Pensei que votaria a ser quem era, mas agora... — ela para e se volta para os meus pais. — Já tínhamos decidido que... não queríamos mais ser companheiras de quarto. Não sei se ela disse isso a você ou não.

— Eu... não sabíamos. — mamãe disse.

E Beth disse: — Lamento.

— Certo. — murmura, e mamãe me lança um rápido olhar de advertência.

A ignoro.

— Simplesmente quer esquecê-la. — falo a Beth, enquanto mamãe me lança outro olhar e papai coloca uma mão no ombro, tentando me confortar e me acalmar. — Mas, como pode esquecer a sua melhor amiga?

— Abby, é o suficiente. — mamãe disse. — Vá para dentro.

— O que? Que a Beth entregue as coisas da Tess como se ela não estivesse, você acha certo?

— Abby. — papai disse. — Vai.

— Não tens idéia do que está falando. — a Beth me disse, e logo olha para os meus pais. — Deus, não tem dúvida que a Tess estava feito um nada. Se vocês dois...

— Pare. Está dizendo coisas sobre as quais não sabe nada. — papai disse, sua voz suave, mas muito irritada, e logo me olha. — Abby, está é a última vez que falo. Vai, para dentro. Agora.

Ok.

Entro em casa e observo os meus pais e a Beth baixar quatro caixas no carro da Beth. Isso é tudo. Todas as coisas da Tess cabem em quatro caixas.

Quatro caixas e agora a Tess está deitada em silêncio em uma cama de hospital. Ela merece mais que isso. Merece ter a sua vida de volta.

Abro em um golpe a porta principal e me dirijo para fora mais uma vez, mas é muito tarde para dizer umas quantas coisas para a Beth pela última vez, por que ela esta retrocedendo pela nosso caminho em direção a rua. Parece como se estivesse limpando os olhos, mas se estão tão triste na realidade, poderia ter ficado, poderia ter ido ver a Tess.

Poderia não ter empacotado todas as suas coisas e tê-las trazido aqui como se a Tess já tivesse ido.

— Bom. — mamãe disse, olhando as caixas. — Suponho que é melhor levarmos para dentro. Só tem quatro, Dave. Ela tem vinte anos e, como podia ser isso toda a sua vida?

— Katie. — papai disse, com voz impotente, e a aproxima dele. — São só coisas. Sua vida era muito mais que isso.

É. Espero que mamãe o corrija.

Mas não faz. Só fica ali, apoiada nele.

— É. — falo, finalmente, e observo papai piscar para mim. — Sua vida é mais que o que seja que há nessas caixas. — E logo agarro uma e a levo escadas acima.

Quando volto, não tem recolhido nenhuma das outras, mas estão me esperando.

— Abby, não sei se realmente tem pensado no que te dissemos sobre a Tess. — mamãe disse. — Tem uma possibilidade de que volte, mas é muito pequena. E seu cérebro está... tem muito machucado. Se a Tess acordar, não será a mesma.

— Ainda será a Tess. — falo. — Ainda será a sua filha, não é assim?

Agarro outra caixa e subo. Mamãe e papai não me seguem e quando os olho desde a janela perto das escadas, estão conversando, o brilhante cabelo de papai esta parecendo como o da Tess.

Ao menos estão falando de novo. No entanto, não parecem felizes.

Desejaria que a Tess estivesse aqui. Ela saberia como conseguir que mamãe e papai entrassem... Saberia o que dizer para fazê-los ir com ela e se afastar daquelas ultimas caixas.

No entanto, eu não posso fazer. Só os observo e desejo poder fazer com que as coisas melhorassem. Pensei que poderia, mas agora... agora, não estou tão segura.

Capítulo 31



Eu realmente fui para casa depois da escola no dia seguinte. Depois da noite passada, com a Beth e a reação dos meus pais com ela, e o que eles me disseram, eu não tenho certeza de que visitar a Tess vai fazer algum bem.

Eu não acho que estou ajudando ela.

Eu não tenho certeza se eu já fiz isso.

Eu também não estou certa de que deveria seguir vendo o Eli. Estou começando a ter ideias, eu estou começando a desejar, querer, e eu não preciso disso.

Acho que passarei a tarde assistindo televisão, mas enquanto estava voltando para casa, passando por todo mundo — o carteiro empurrando um envelope etiquetado com “Não dobre” em uma caixa de correio, a mulher que costumava ser a gerente da fábrica antes de se aposentar e minha mãe pegar o trabalho, e as duas não-muito-pequenas crianças que a Tess costumava ser babá — perguntaram por ela.

Todos eles me dizem que estão pensando nela. Que eles têm saudades dela. Que nada é igual sem o seu rosto sorridente, ou os seus olhos brilhantes, ou que ela fazia o melhor chocolate quente.

Eu vou pra casa, mas só para pegar dinheiro para o ferry. Tess está em toda parte e sempre estará, então por que lutar contra isso?

Chego ao hospital mais tarde do que o habitual, é claro. Eu imaginava que o Eli já tivesse ido, mas ele está sentado ao lado do bicicletário, com os dedos batendo em suas pernas cruzadas.

— Oi. — eu digo ao alcançá-lo. — O que você está fazendo aqui fora?

— Eu estava esperando lá dentro, mas eu... — Ele olha para as mãos. — Estou num mau dia, com as batidas e essas coisas, e havia uma criança esperando para ver alguém e ele ficava me perguntando o que eu estava fazendo e então me imitava... não importa.

Ele cuidadosamente aquietou suas mãos, sem jeito, forçando-as a permanecer quietas.

— Eu também pensei, pensei que talvez você não iria querer me ver depois que eu... depois que eu lhe disse todas essas coisas. — disse ele.

— Eu pensei em não vir. — falo, e ele aperta as mãos sobre os joelhos tão forte que eu podia ver a tensão nelas. — Mas não por causa de você. Eu... os meus pais disseram algumas coisas na noite passada sobre a Tess. Sobre como... eles disseram que ela nunca mais será a mesma, que seu cérebro está... ela nunca mais será a mesma.

— Oh. Sinto muito. Você está... você está bem? — Ele disse, e quando o fez, todas as lembranças que eu tinha dito a mim mesma, todas as coisas que eu jurei que não iria esquecer, se foram. Assim mesmo. Só por causa dele.

— Eu estou bem. — Consegui dizer, e tento não olhá-lo quando ele se levantou.

Eu tentei, porém, e eu estava feliz por ele estar andando um pouco atrás de mim à medida que avançamos no interior do hospital. Isso me deu uma chance de me recompor. Ou pelo menos fingir, mas então entramos no elevador lotado e ele ficou bem perto de mim e ele cheirava tão bem, como o sol, e algo como cheiro de sabão em pó e algo mais, algo que é só dele, eu sei tudo sobre feromônios, mas nunca acreditei neles até agora.

Clement entra no elevador um andar antes do de Tess e diz:

— E como você está hoje? — Voltando-se para mim.

— Tudo bem. — eu digo, e ele olha para o Eli. — Então, eu estou autorizado a dizer que eu sou seu avô agora?

Eli cora e cruza os braços sobre o peito. — Eu nunca disse... — Ele para, e os dedos começam a bater.

Clement parecia surpreso e então sussurrou para Eli. Eu tento fingir que não consigo ouvir o que eles estão dizendo, mas o elevador é pequeno e Clement não é exatamente silencioso.

— Eu sinto muito por incomodá-lo. — ele disse. — Sei que você não disse que eu não deveria falar com o seu pai, mas eu suponho que é pela forma como seu pai fala sobre mim e...

— Está tudo bem. — Eli disse. — Eu apenas... os meus pais sempre dizem que eu... Eu não quero envergonhá-lo. Ok?

— Impossível. — Clement disse, e Eli murmura alguma coisa, então as portas do elevador se abrem quando ele para novamente, desta vez ele não espera para eu sair primeiro.

— Me desculpe. — ele disse quando eu o alcanço. — Eu... Eu ainda estou me acostumando com o fato de que eu tenho um avô. Sem mencionar que eu estou vivendo com ele.

— Isso é ruim?

— Essa é a coisa. — Eli disse. — Ele é... ele é muito bom para mim, muito mais do que os meus pais sempre foram, e eu... eu não sei. É estranho.

— Complicado.

— Sim. — ele disse, e sorri para mim.

Eu sorri de volta — eu não posso evitar — e começo a digitar o código do quarto.

— Espere. — Eli disse.

— O quê?

— Olhe. — disse ele apontando, e eu olho. Eu vejo a Claire no quarto da Tess, movendo-se, endireitando as coisas.

— Oh, é apenas a Claire. — eu digo. — Ela trabalha aqui.

— Não, não é isso. Ela visita muito sua irmã, não é?

— Certo. Ela trabalha aqui, lembra? — Eu digo, e digito o código, puxando as portas abertas enquanto elas zumbem.

Claire sai enquanto nós estamos quase no quarto, acenando pra mim e erguendo as sobrancelhas apenas o suficiente para eu saber que ela está pensando coisas sobre o Eli e eu. Eu sacudo a cabeça pra ela, e ela apenas sorri.

Felizmente, Eli parece não notar o olhar da Claire, e nós sentamos no quarto da Tess como nós fizemos todas às outras vezes que ele esteve aqui.

— Oi. — eu digo a ela enquanto me sentava. — Eu e o Eli estamos aqui, e você provavelmente deveria salvá-lo de ter que responder qualquer pergunta idiota que eu possa imaginar.

— Como o quê? — Eli disse.

— O que é melhor, detergente em pó ou líquido? — Eu digo, e depois dirijo um sussurro para Tess. — Vê? Você tem que me ajudar aqui.

— Líquido. — Eli disse. — Minha vez. O que é melhor, flocos de milho ou farinha de aveia?

— Eca, para ambos. Eu não gosto de nada que vai na torradeira e que tenha cobertura sobre ele, ou melhor ainda, que vem em pacotes congelados.

— Ou waffles. — Eli disse. — Clement faz apenas uma coisa, waffles. Mas ele é realmente bom nisso.

Eu posso ver o Eli comendo waffles agora, com um olhar sonolento e vestido com... o que ele iria usar para dormir? Boxers? Eu mentalmente me livrei desse pensamento. Tess. Pense em Tess.

— A Tess gosta de waffles. Ela e a Claire costumavam fazer os congelados e em seguida colocava sorvete neles. — Faço uma pausa, consciente de que acabei de dizer um nome de que eu sei que a Tess não queria ouvir.

— Me desculpe. — eu sussurro para ela, e depois digo: — Eli, qual é a sua ideia de um primeiro encontro perfeito? — Ah... simplesmente. Ótimo. Eu sei que o meu rosto deve estar vermelho vivo agora, porque parece que está pegando fogo. Por que eu perguntei isso?

Eu sei por quê.

— Não parar de falar sobre a escola. — Eli diz, sorrindo.

Eu olho para ele, esperando que meu rosto não esteja ainda vermelho brilhante, e reviro os olhos, então aceno na direção de Tess, olhando para o seu rosto.

— Eu realmente não sei qual é o meu primeiro encontro perfeito. — ele diz depois de um momento. — E você?

— Eu não sei também. Eu nunca estive em um encontro. Tess costumava falar sobre eles, apesar de tudo. Sair para jantar, ir ao cinema, coisas assim. — Eu aperto a mão da Tess suavemente e lhe digo: — Eu sei que você sente falta disso tudo.

— Comida favorita? — Eli pergunta, e a Tess não se move.

— Ela gosta de nuggets de peixe. — eu digo, observando o rosto dela de perto. Ainda nada. — Eu estava apenas brincando. Ela gosta de espaguete com almôndegas. Ela come isso a cada ano em seu aniversário.

— Então você gosta de nuggets de peixe?

— Sim. — eu murmurei. — O melhor é colocá-los em um enrolado com um pouco de queijo, maionese e alface.

— Sério? Sanduíches de nuggets de peixe?

— O que há de errado com isso? — Eu digo, e olho pra ele novamente.

Ele estava me observando, sorrindo como se ele gostasse do que visse, e todo o meu corpo, da minha cabeça aos meus pés, sentiu-se vivo de uma maneira que eu pensei ter esquecido.

— Nada. — disse ele. — Eu nunca pensei em comer nuggets de peixe dessa maneira. Você quer almoçar comigo amanhã?

— O quê? — Eu largo a mão da Tess, estou tão assustada, e ela faz esse macio e nauseante som quando atinge a cama, como se fosse uma coisa, como se ela não estivesse viva. Como se isso não fosse ela.

Eu olho para ela novamente, desejando ser a melhor irmã, uma pessoa inteligente. Desejando, como eu sempre desejei, que eu pudesse ser como a Tess. Que eu poderia, e saberia, sempre saberia o que fazer.

— Eu disse, você quer almoçar comigo amanhã? — Eli disse, seu rosto vermelho. — Você pode vir me encontrar na escola. Estamos autorizados a levar um convidado se tivermos pontos Saint suficientes e... de qualquer maneira. Você quer vir?

— Pontos Saint? Sério?

— Sim. Nós temos por chegar a tempo e essas coisas.

— Espere, você ganha pontos apenas por ir à escola? — Pessoas ricas realmente tem de tudo. Eu queria ser recompensada por ir à escola, embora a ideia de que a recompensa é a chance de trazer alguém para o refeitório para comer o escondidinho de carne e frituras murchas não é muito atraente.

— Basicamente. — disse o Eli. — Então... você... você... quer vir?

— Por quê?

— Porque o que?

— Por que você quer que eu vá?

— Porque eu... nós estávamos falando de comida e eu tenho todos esses estúpidos pontos Saint e achei... Eu não sei. — ele resmunga. — Eu apenas pensei que você gostaria de vir.

Ele poderia, ele poderia realmente querer que eu vá almoçar com ele? Tipo, como uma coisa? Uma espécie de encontro, coisa assim?

Eu olhei para ele novamente e percebi que eu estava louca. Ele poderia ter qualquer uma, e ele provavelmente está me chamando para almoçar porque... porque talvez ele queira.

Oh, eu odeio o meu cérebro, mas ele não vai deixar de seguir esse pensamento. Que expectativa.

Eu olho para a Tess. — Você pode me ver lá? — Eu pergunto a ela. — Estacionaria a minha bicicleta no estacionamento e as pessoas iriam desmaiar de horror.

— Será que Tess nunca foi? — Eli disse.

— Claro. — eu digo a ele, cuidando para não olhar para ele, para continuar assistindo Tess. — Ela namorou um cara por um par de semanas e ele a levou para um jantar. Lembra-se Tess? Mamãe pintou suas unhas, e o meu pai tirou cerca de uma centena de fotos. Eu nem me lembro do nome do cara. Qual era?

Nada, e enquanto eu olhava pra ela, o silêncio se estendeu, tornando-se desconfortável. Olho para o Eli e o vejo olhando para mim de novo. Desta vez, ele parece aborrecido. Quase com raiva.

Bom. Eu finalmente fiz isso. Fiz ele ficar com raiva, e eu aposto que ele vai embora. Eu tento ignorar a forma como as minhas entranhas se remexem com a ideia de não vê-lo novamente, ou pior, vê-lo aqui e ele não falando comigo, ou pior ainda, dizer olá e seguir em frente como se eu não fosse nada para ele.

— Eli, o que há de errado com você? — Eu me forço a dizer. Eu tento parecer que estou chateada, tentar dizer isso com contestação na minha voz, mas ele sai quieto. Triste.

— Você é tão ruim como todo mundo que vive em Milford. — ele disse, e não é isso o que eu estava esperando que ele dissesse, isso não tão é verdadeiro, que eu estou muito assustada para reagir a tudo isso.

— Sim. — ele disse quando eu não digo nada. — Você é. Você... veja, eu não gosto de Milford também, mas você age como todos os que vivem aqui... não sei. Maldosos ou algo assim. Como se o fato de eu ir para a Saint Andrew's significasse que você possivelmente nunca pudesse...

Ele limpa a sua garganta.

— Só porque eu... eu não posso fazer com que os meus pais não tenham dinheiro, ou Clement, mais do que você pode ajudar a Tess aqui.

— Você não pode comparar essas coisas! Você... nunca aconteceu nada de ruim com você ou... — eu parei, pois percebi o que eu havia dito. Quão errada eu estava.

— Sinto muito. — eu digo. — Eu não deveria ter dito isso, mas eu não sou uma esnobe. Não como você pensa. Eu só... Eu não pertenço a Saint Andrews.

— Por quê? É apenas um lugar, como aqui ou...

— Como aqui?

— Tudo bem. — ele disse, e me dá aquele sorriso tímido e hesitante que acelera o meu coração, dolorosamente batendo feliz em meu peito. — Não é exatamente como aqui. Aqui a loja de presentes não cobra cinquenta dólares por uma caneca de café com um provérbio nela.

— Eu aposto que o chiclete é mais barato, apesar de tudo.

— Não quando eu estava trabalhando. — ele disse, e agora eu sorri para ele. Eu não faço nada. Ele é tão... ele deveria ser ilegal.

Ele realmente deveria ser. Ele me fez pensar coisas e querer coisas, e olhando ele olhar para mim como se ele estivesse feliz em estar fazendo isso, eu não posso salvar a mim mesma.

Eu digo: — Tudo bem, se eu encontrá-lo para o almoço amanhã. Que horas devo encontrá-lo? E onde?

E eu estou feliz. Essa é a pior parte. Eu estou, estupidamente, devastadoramente feliz. Eu não estou pensando na Tess. Eu não estou pensando sobre o que eu senti quando me apaixonei por Jack.

Eu não estou pensando em nada. Eu estou feliz, e não me importo.

Capítulo 32



Claro que, a única vez que tenho a intenção de sair cedo da escola para, bem, fazer algo mais que visitar a Tess, sou pega. Ou ao menos o meu conselheiro, com as suas brilhantes e desgastadas calças, e sua constante xícara de café em sua mão, me vê sair e me diz:

— Abby, você tem permissão para sair mais cedo da escola?

— É claro. — falo, porque, mesmo se eu não estivesse pensando em sair, agora tenho que fazer, por que não quero ouvi-lo dizer que eu posso ir vê-lo se eu quiser, para conversar, ou pior, saber o quanto sentem a falta da Tess. Como se eu já não soubesse disso.

Como se alguma vez eu pudesse esquecer.

— Como a Tess está? — Grita enquanto subo na minha bicicleta. — Todos sentimos a falta dela, você sabe.

Você viu?

— Eu sei. — Lhe digo, e vou em direção à balsa.

Não fico nervosa, está bem, não fico muito nervosa, até que subo na balsa até Milford e vou de bicicleta até o hospital. Saint Andrew's está perto, apenas algumas ruas organizadas e limpas de distância, mas não estive em nenhum lugar de Milford em anos. Não desde, bom, desde que vim aqui para visitar a Tess, quando ela trabalhava no restaurante orgânico.

Quando eu queria, tinha a esperança de ver o Jack. Mesmo se ele estivesse observando a Tess.

Dou a volta na estrada que conduz a Saint Andrew's, não é um edifício grande, e a escola começa quase imediatamente, é claramente velho e caro de manter edifícios pontilhados de ladrilho, principalmente sobre a grama impossivelmente verde. Me dirijo para uma estreita estrada, onde está um sinal claro e legível que diz: ESTACIONAMENTO.

Há um descanso para bicicletas no outro extremo do estacionamento, triste e enferrujado, e deixo a minha bicicleta ali, me perguntando se é estúpido colocar o cadeado. Quero dizer, em Ferrisville, ou talvez no hospital, alguém poderia querer levá-la, mas aqui? A minha bicicleta parece ainda pior que o descanso.

— Hey. — ouço e procuro ao redor, vejo o Eli.

— Hey. — falo. Havia me dito que se encontraria comigo no estacionamento ontem, mas de qualquer jeito o meu coração está fazendo um ruído surdo dentro do meu peito, como se tivesse sido surpreendida.

Ou feliz.

— Não estava seguro, pensei que talvez não viesse. — Ele disse, e, como pode alguém como ele soar inseguro? Como?

— Estou aqui. — falo, tentando e falhando em não olhá-lo fixamente.

Embora não possa evitar. Eli parece como o ideal de um garoto de uma escola particular, vestido como um modelo com roupas para uma revista, uma visão de como os garotos devem parecer, mas que nunca parecem.

Estando de pé aqui, olhando-o, com a luz do sol brilhando sobre ele, fazendo destacar o seu cabelo, os seus olhos, o seu rosto, tudo nele, não tenho ideia do porque me quer aqui. Sei que o sol brilha sobre mim. Sou muita baixa, magra, estou tão longe de ser perfeita, tanto quanto se pode imaginar.

— Está pronta para irmos? — disse. E me dou conta de que as suas mãos estão se abrindo e fechando nas suas costas, seus dedos flexionados como asas de borboletas.

Ele tampouco é perfeito, eu entendo isso, sei como se sente.

Coloco uma mão em seu braço.

— Está bem?

É a primeira vez que pergunto a alguém mais, sem ser a Tess, meus pais e a Claire, se está bem, e isso me assusta. Mas tenho que perguntar. Quero me assegurar de que o Eli está bem, eu me preocupo com ele.

— Igual à sempre. — disse. — Estou feliz, realmente feliz de que tenha vindo.

Meu coração faz ruídos secos em meu peito de novo, e sei que todos os sentimentos que vim tendo todo o caminho até aqui, não eram os nervos. Nunca foram os nervos. Era emoção, esperança.

Eram por ele.

Deixo a minha mão em seu braço para sentir o calor da sua pele através da sua camisa, e falo:

— Eu também.

Caminhamos para o que ele me diz ser a cafeteria, parece como os outros luxuosos e antigos edifícios de ladrilhos, exceto que tem umas poucas janelas a mais, e mesas e cadeiras em seu exterior, e a medida que nos aproximamos eu fico olhando para o Eli.

Agora que eu vim e o toquei (ainda que tenha sido só em sua manga), eu admito que estou feliz de estar aqui, que quero estar aqui, posso admitir algo mais. O acordo que estou preso com ele, que é sobre a Tess, não tem sido perto dela por um tempo. Eu ainda quero que acorde, mas não quero que se apaixone por ele, e não quero que ele se apaixone por ela.

Quero que ele se apaixone por mim.

É estranho, mas depois de ter sido tão cuidadosa por tanto tempo, depois de obrigar-me a recordar a dor de ver que finalmente o Jack não me amava e que nunca ia fazer, eu não tenho medo de como me sinto. Pensei que estaria, mas a verdade é que sinto, me sinto como eu fiz durante essas intensas semanas com o Jack, quando o mundo parecia ter um lugar para mim nele, não como a irmã da Tess, mas como eu mesma.

Não estou dizendo que quero correr ao redor e abraçar todo mundo, e saltar através dos campos de flores, mas o firme nó de raiva que vivia e respirava ao redor de mim e de meu coração, se afrouxou.

E é por isso que a minha primeira impressão sobre os companheiros de Eli, não me fazem querer encontrar enormes pedras e atirar sobre as suas cabeças, embora

eu os veja me olhando e me descartando, capazes de detectar os meus jeans baratos e a minha camisa “Não desbotou a propósito” que demonstra de onde sou.

Eli não me descartou. Eli me quer aqui.

Embora uma vez que estamos na cafeteria, não parece querer estar aqui de verdade. Não parece chateado, exatamente, e os seus dedos não estão se retorcendo, mas parece... parece como se estivesse mantendo tudo muito quieto dentro dele, como se estivesse disposto a manter a calma.

O problema é que se nota. Posso vê-lo, em como a fluida graça do seu andar é mais lento, rígido, e como se mantém olhando ao seu redor. Em como pode deter os seus dedos, mas seque esperando que alguém o veja fazendo algo que não querem ver de qualquer jeito.

E então me dou conta de outra coisa. Ninguém fala com ele. Passaram ao menos vinte meninos com blusas brancas e calças caquis, e constelações de acne, que variam desde poucas estrelas a galáxias inteiras, e ninguém disse nada.

Até eu consigo um “hey” das pessoas da escola, que eu vejo em minha sala, garotas que costumavam me chamar de “amiga” e passavam um tempo em minha casa na esperança de falar com a Tess, antes de ir para a faculdade e as atraísse para mim.

Eli não consegue nada, e enquanto esperamos na fila para pegar a comida que parece melhor que qualquer coisa que já tenha visto na cafeteria da escola de Ferrisville, ou francamente, que em qualquer lugar, eu me dou conta que todo mundo age como se ele nem estivesse aqui.

Conseguimos a nossa comida e nem se quer tivemos que pagar, suponho que isto faz parte da mensalidade, e caminhamos de volta para a parte principal da cafeteria. É esplendida, cheia de janelas e luz, e acredito que tem uma suave música

no ar. É como um museu ou algo assim, ao menos até ver todo mundo comendo normalmente, os garotos brigando furiosamente com os alimentos e é igual os que fazem na minha escola.

Não é que não estivesse sentindo que eu não pertencesse aqui exatamente. Mas é uma recordação de que os garotos são garotos, inclusive se der a eles uma toalha de mesa, é um bem vindo.

Espero o Eli para fazer um movimento para sentarmos em algum lugar, mas ele está ali de pé, segurando o prato de comida com tanta força, que os seus dedos estão brancos pela tensão, as pontas batendo contra a parte inferior uma e outra vez.

— Me perdoem. — disse um garoto, todos zombam e o empurra para além de mim, em direção a uma mesa.

— Também poderia ir. — disse ao Eli quando passa. — A última coisa que alguém aqui quer ver é como você tem tique¹⁰ com as coisas, enquanto tentamos comer. Já é bastante ruim ter que te ver nas aulas.

Idiota. Posso mudar isso, dou a volta e acidentalmente bato nele com o prato, jogando tudo nele, sobre ele.

— Genial, encontrasse uma amiga tão fodida quanto você. — Disse o garoto, franzindo o cenho e logo em seguida acrescenta: — Retardada. — em minha direção.

Estou pronta para tirar esta beligerância de sua cara, por que não gostei da forma como ele falou com o Eli, mas o semblante de Eli passou da falsa calma a uma raiva controlada, dor, e essa dor que chega até a mim, que me para.

¹⁰ Tique: como contração abdominal, estalo dos dedos, piscar excessivo dos olhos ou movimentos bruscos com a cabeça, e etc...

Posso suportar a raiva. Pegá-la e prende-la em uma grande bola dentro de mim. Posso suportar isso, eu entendo.

Mas a dor, não tenho nenhuma defesa contra a dor. Parte da razão pela qual eu odiava tanto o Jack naquela noite que eu percebi que ele nunca iria me querer, foi que ele estava realmente arrependido. Ele poderia ter me mantido ao lado dele e tentado chamar a atenção da Tess. Mas ele não queria me machucar.

E é isso que quebrou o meu coração. Como a Tess está silenciosa em sua cama no hospital, como os meus pais olham as caixas com as suas coisas, o silêncio da tristeza, o infinito profundo de sua alma que me dá medo. Não há nada que eu possa fazer para empurrá-lo para trás. Para mantê-lo afastado.

A ira pode tentar romper um coração, mas a dor é o que o faz.

Não sei o que fazer, no entanto. Não sei como arrumar as coisas. A Tess continuaria calma? Não sei como fazer tudo ficar bem.

Mas tenho que fazer algo. Olho ao meu redor, vejo um mar de camisas brancas, nada útil, e há uma porta perto de algumas janelas que dão ao jardim dos sonhos.

— Pode-se comer ao ar livre? — Pergunto ao Eli, que assente com a cabeça rígida, com os nós das mãos ainda brancas ao redor de seu prato, e entendo a expressão de seu rosto.

Se vê preso, impotente e furioso, e essa é uma sensação que eu conheço muito bem. Sei o quanto lhe dói. Saber como se mantém pra baixo, como todos os dias têm milhões de maneiras para ver que não há nada que possamos fazer para mudar quem ou o que você é.

Me aproximo da porta, porque é a única coisa que me ocorre fazer, e quando estamos fora, vejo uma mesa vazia e vou para ela.

Chego ao mesmo tempo que um garoto de pele leve como ébano.

— Oi. — ele disse ao Eli, e assente com a cabeça para mim.

— Oi. — disse Eli, e por um momento acredito que nem sequer vai se sentar. No entanto, ele o faz, e o que se segue é raro e tenso, eu me pergunto se todas as sensações vertiginosas que tive antes, eram prematuras e infantis.

Ninguém fala. Eli não fala comigo ou com o outro garoto que veio se sentar conosco. Ele só come a sua comida, um pouco atrás do outro, sem nenhum prazer em seu rosto. Sem expressão, realmente, exceto por uma espécie de determinação.

O outro garoto não fala tampouco, apenas pega um livro e começa a ler.

Consigo engolir metade do sanduíche que pequei e me pergunto se devo voltar ao estacionamento, quando ouço uma voz alegre exclamar:

— E está é a construção de Fennelson, onde nossos estudantes jantam.

Olho para cima e vejo um garoto de meia idade, que é claramente uma espécie de conselheiro de Saint Andrew's, por que sua melhor roupa não pode ocultar a ficha de "Ajudo os estudantes", "Na realidade, ajudo!". A atitude praticamente salta dele.

— Ah, e nós temos um convidado hoje. — disse, sorrindo para mim, mesmo quando os seus olhos registram a sua constatação por minha roupa "Não sou de Milford". — Nós oferecemos aos nossos estudantes a oportunidade de levar para fora do campus convidados para almoçar, sempre que ganharem o direito de fazê-lo através dos pontos Saint. É uma das muitas coisas que fazem de Saint Andrew's ser tão especial.

Se aproxima da mesa.

— E, é claro, além de nossa dedicação a preservação das tradições de uma educação rigorosa, também estamos comprometidos com a diversidade.

O outro garoto da mesa olha por cima e então, sorri com falsidade e com fúria a todas as pessoas ao redor, todas as pessoas de “raça branca”, e me dou conta que todos estão assentindo com a cabeça, tipo: “Oh, sim, é claro que é importante.”, com os seus olhares perdidos entre os outros edifícios, os outros estudantes, ou inclusive os seus relógios.

— Não importa que eu seja estudante de mérito nacional. — murmura o garoto. —Notifico porque eu sou negro!

O guia turístico/animador da escola ouvi o bastante disse para clarear a garganta e dizer:

— Muito bem, vamos passar para a outra construção, temos um laboratório de ciências fantástico aqui.

— Não me agrada essa merda. — disse quando o grupo de turista se vai.

— A mim tão pouco. — Disse Eli, a primeira coisa que disse em todo o tempo que tem estado aqui, e acho que finalmente, com uma quantidade de ajuda é vergonhoso. Mas ainda estou feliz que ele tenha dito algo.

O garoto não responde, no entanto, apenas encolhe os ombros, bebe o restante do seu suco antes de se levantar e sair.

Eli fecha os olhos como se estivesse infinitamente cansado. Quando os abre depois de um segundo, me atrevo a apertar e tocar a borda de uma de suas mãos.

— E o meu... é o meu TOC. — disse Eli com voz tranquila. — Todos eles viram, você viu?

Talvez devesse fingir que não os vi, mas se Eli se sente igual a mim a respeito da sua vida, e ao ver os seus olhos cerrados agora, acho que a última coisa que quer é ouvir coisas como, “Oh, as coisas vão ficar bem!”.

— É tudo o que conta, não é?

— Sim. — disse, e abre os olhos, realmente me olha pela primeira vez desde que chegamos da cafeteria. — Assim que você pode ver por que quando fala o quão grandes são as coisas para mim, vê por que eu não consigo.

— Sinto muito. — parece uma palavra muito pequena para se utilizar e é uma palavra que estou farta de qualquer maneira, uma palavra que tenho escutado muitas vezes e estou certa de que ele também. Faço uma respiração profunda e olho para baixo, para o prato.

— É horrível quando a gente te olha e vê outra pessoa em seu lugar.

— É horrível. — disse. — É assim que se sente quando as pessoas a vêem como a Tess?

— Assim é como as pessoas nos vê. Sobre tudo desde...— clareio a garganta, me obrigo a olhá-lo. — Desde o acidente, sei que me olham para vê-la. Ver o que está pensando, ver como... minha família não é o mesmo sem ela. Antes, era só eu que não era ela. Agora é eu que estou aqui e ela não.

Nunca disse esta última frase em voz alta antes. Nunca havia deixado de pensar.

Mas assim é com é, e isto é o que está em meu coração com toda a raiva e o medo que está preso dentro de mim. Eu estou aqui. Ela não. E isso não parece justo para ninguém. Posso senti-lo, eu vejo.

E isso me faz sentir mais que enojada e assustada.

Deixa-me triste, muito triste.

— Quer sair daqui? — Eli disse olhando-me, só a mim, e me deixa ver isso.

Olho para trás.

Quero ir com ele, e por isso concordo.

E então o fazemos.

Capítulo 33



Depois de termos saído da escola, com a minha bicicleta colocada no banco traseiro do carro de Clement, Eli nos dirige para o centro de Milford.

Eu não digo nada. Eu gosto dele não ter automaticamente virado em direção para o hospital, para a Tess. Eu gosto dele ter me chamado para ir com ele. Eu gosto dele me querer com ele.

Eu gosto dele.

Eu poderia fingir que não sabia para onde estávamos indo, mas se o lugar de Eli é semelhante ao meu... o almoço em sua escola mostrou-me que talvez é ainda pior, que talvez a única pessoa que ele tenha no mundo inteiro é o Clement... então sei exatamente para onde estamos indo.

Para a sua casa.

Estou certa, e a casa de Clement se parece como pensei que se seria: grande e antiga, não a maior casa do quarteirão, mas de alguma maneira a mais grandiosa, com uma certa aridez em sua imagem, que faltava nos jardins e nas casas exuberantemente pintadas a uma distância discreta.

— Clement não é muito de decorações. — Eli disse após termos estacionado e andado em um gigante hall de entrada, fazendo toda a grandeza pela ausência do nada. É apenas um cômodo com um grande teto arejado, arqueado de vazio antes do resto da casa. — Ele disse que Harriet não gostava de desordem.

Eu tento não ficar de boca aberta quando Eli me leva por um corredor com vários cômodos grandes ramificando-se em ambos os lados, mas é um pouco difícil não fazer. A casa dos meus pais é grande para os padrões de Ferrisville, nós temos o andar de cima, ao invés das casas de único andar que a maioria das pessoas têm, mas não é nada comparado a isso.

O corredor acaba em uma grande sala de estar escura, com pesadas mobílias de madeira e um tapete oriental, com um massivo e profundo azul que afunda até a metade dos meus sapatos. Logo depois pude definir o que parecia ser com a cozinha.

— Essa era minha avó. — Eli disse, pegando a foto com moldura de prata grande.

Uma mulher corpulenta com pele amendoada e vastos olhos escuros brilhantes... olhos de Eli... ela sorri para a câmera, um braço pendurado exuberantemente ao redor de Clement, que está a contemplando como se ela fosse uma deusa.

Eu sorrio para a foto, porque isso se encaixa tão bem com as coisas que Clement disse sobre Harriet, como a forma do seu amor por ela ainda brilha em sua voz. — Ela tem seus olhos. Ou eu acho que você tem os dela.

— Isso é o que Clement diz. — ele disse. — Minha mãe gostava de lembrar meu pai disso quando eles estavam brigando sobre mim.

Ele me passa outra foto, silenciosamente. Um verdadeiro casal bonito: um alto e elegante homem e uma pequena mulher de cabelos pretos, estão vestidos com

roupas de casamento, sorrindo para a câmera. Eu não posso evitar encarar o vestido de casamento da mulher, a cauda tão longa que está arrastada para um lado, e está organizada para que se movimentasse como a água ao longo dos passos de onde estão parados.

— Meus pais. — ele disse, e vejo que ele tem o formato da maçã do rosto de seu pai, elevadas e fortes, e o cabelo de sua mãe. Há uma intensidade entre eles, porém, um sentido de urgência mal contida, que não vejo em Eli.

— Nenhuma foto sua? — Sorrio para ele.

Ele balança a cabeça. — Meus pais costumavam mandar, mas fiz Clement remove-las quando vim para cá. Eu não gosto... olhar para elas só me faz lembrar o muito que costumava tentar ser quem eles queriam.

Ele me vê o olhando e disse. — Espera ai, vou lhe mostrar uma. — ele sai do cômodo e ouço os sons de seus passos na escada.

Depois de um momento, ele retorna com uma foto e a passa para mim.

É o Eli... posso dizer só de olhar... se parece tão novo, talvez três ou quatro anos. Ele está sorrindo para a câmera, um sorriso hesitante, e suas mãos estão agarradas apertadas ao redor de um estufado cachorro que aposto que era com quem supostamente ele brincava, ou posava. Eu penso em Cole, com seu sorriso fácil e exuberante, e me pergunto o que o faz parecer tão tenso, tão ansioso.

— Você parece nervoso. — eu digo, e Eli pega a foto de volta, colocando-o voltado para baixo no final da mesa.

— Eu estava. Meus pais estavam lá, e eles queriam que eu parecesse feliz. — ele disse. — E não “inquieto”. Assim que eles costumavam dizer como eu ficava.

Inquieto. Não foi até que a minha primeira escola os pedissem para me levar ao médico, que eles admitiram que algo estava errado comigo.

— Primeira escola?

— É. — ele disse, movendo-se para longe da foto e sentando em um longo e baixo sofá.

Depois de um momento, eu sento perto dele. — Então, o que aconteceu?

— Como você parecia quando era criança? — ele disse, colocando seus pés acima da mesa de centro a nossa frente.

— Mesma coisa de agora. — eu digo, não o cortando pela mudança de assunto. — Apenas costumava tentar e... eu costumava tentar de me vestir como a Tess. Quero dizer, eu sempre tive que vestir suas roupas antigas... — Isso o incomodaria? Não, isso não parecia o entediar. — Mas costumava tentar e deixar o meu cabelo parecer como o dela e coisas assim. Nunca funcionava, obviamente.

— E você sempre viveu aqui.

— Em Ferrisville, sim.

— Isso é realmente diferente de Milford?

Eu coloco os meus pés próximos aos dele na mesa de centro. Eu aponto para seus brilhantes e caros sapatos de couro preto que parecem demasiadamente confortáveis. Então aponto para os meus “costumavam ser brancos, mas agora estão desbotados” Canvas Sneakers¹¹.

— Eu tenho Sneakers também.

¹¹ Canvas Sneakers: Marca de tênis, estilo All Star.

— E eu aposto que você não os comprou fora da caixa onde estavam escritos “Compre um par, ganhe outro grátis”.

— Meus pais tem dinheiro. — ele disse, uma pequena risada escapando. — Não poderia ter sido enviado a todas as escolas sem isso.

— Quantas escolas?

— Muitas. Uma dúzia, pelo menos. — ele segura suas mãos perto das minhas brevemente. — E tudo por causa disso. Bem, disso e por causa do meu cérebro de merda.

— Você não deveria... Você não é assim. — eu digo — Eu nem tinha percebido que você tem TOC até você ter me contado.

— Certo.

— Sério. — eu digo — Eu pensei que você estava nervoso por causa da Tess, porque ela é tão... Bem, porque ela é a Tess e ela é bonita.

Ele silencia por um momento.

— Eu realmente não sei como dizer isso. — ele finalmente disse. — Então, não fiquei com raiva, está bem? — ele morde os lábios, cruza os braços, e depois lentamente os descruza. — Eu apenas... eu não vejo o que há de tão legal nela.

— Isso porque ela está desacordada. Se a Tess estivesse acordada, você veria. Ela é o tipo de pessoa que todos querem olhar. Como você.

— Você está brincando? Fui convidado a deixar minha última escola porque estava demorando muito para preparar-me para fazer um trabalho... Eu tinha que amolar meu lápis certo número de vezes, e então eu tinha que ter todos os meus papéis alinhados ao longo da borda direita da mesa e... Enfim, eu tinha que fazer

muitas coisas, e eu não terminava nada. E sim, pessoas olham para mim afinal, e em todas as outras escolas que eu estive, mas não como você pensa.

Não tenho certeza se fiz cara, mas acho que sim, porque ele sorri para mim e disse — Eu juro! Não foi até que eu vim aqui, e você deve ter percebido que isso parou. Palavra do meu... De quem eu sou, do meu... Você sabe... tem estado circulando.

— Como se você nunca tivesse conhecido uma garota que não se importasse? — eu digo, e sei que agora estou fazendo cara. Quer dizer, sim, sei que ele tem TOC, mas ele está também agindo como se fosse um monstro e tenho certeza que ambos sabemos que ele não é.

Ele silencia por um segundo, e depois olha para fora da janela que mostra o reluzente gramado verde. — A Tess gostava de quando os garotos a queriam por causa de como ela parecia?

Não falo nada porque ele está certo, Tess sabia que era bonita, mas sempre evitava os garotos que apenas a viam assim, e ele disse. — Exatamente. É tão estranho eu querer alguém que realmente gosta de mim mesmo que eu não... Mesmo que eu não possa... — ele sopra a respiração — Eu quero alguém que não se importa que eu tenha que atravessar a porta de certo jeito e outras coisas.

— Certo, entendi isso. — eu digo — Mas você continua a agir como se fosse um yak doente ou algo do tipo e...

— Yak¹²? — ele disse, sorrindo.

¹² Yak: Um bovino, parecido com um boi. É um animal muito bem adaptado para enfrentar a neve e o frio intensos. Vive nas montanhas e planaltos do Tibet. Seu pêlo grosso e pesado cai em longas franjas pelos lados do corpo, formando uma capa isolante quase perfeita para o animal.

— Sim. — falo, sorrindo de volta. — E você não é. Quero dizer, quem não tem problemas? Então é por isso que acho difícil de acreditar que você está sem nenhuma garota ao seu redor.

— Bem, você está aqui comigo.

— Como se eu contasse. Você entendeu o que eu quis dizer.

— Claro. — ele disse. — Tantas escolas para garotos e meu pai me manda justo para onde têm garotas em todos os lugares. Escondidas nas paredes e tudo mais. Não sei como continuo as perdendo. E por que você não conta?

— Porque eu não conto. — eu falo a ele, meu estômago tremeluzindo porque penso que poderia contar para ele, e eu definitivamente sei que quero. — Você está apenas sendo legal, e é fofo, mas você não tem que fazer isso. Eu sei que você nunca teria me notado se eu não tivesse perguntado a você sobre a Tess.

— Tá bom, você está certa, eu nunca a notei antes de você ter vindo falar comigo. — ele disse, e meu coração afunda. Eu não queria estar certa, mas pelo visto estou.

— Quero dizer, Clement mencionou você, mas eu estava muito ocupado tentando passar por cada turno na loja de presentes sem contar todas as revistas, — ele continua — Era por isso que eu estava dando todas aquelas balas. Para tentar e me parar de fazer contar. Mas então você veio, e você era tão intensa e... Bem, um pouco estranha, mas eu gostei disso. E então eu queria te conhecer, e tem sido a melhor coisa que aconteceu comigo aqui. Ou sempre, sério.

— Um pouco estranha? — estou tentando soar como se estivesse calma, como se eu apenas estivesse tendo uma simples conversa relaxante com ele, mas:

Eu nunca conversei com ninguém além da Claire.

Eli e eu estamos sentados terrivelmente perto agora.

Apesar do que Eli parece pensar, eu não sou imune para como ele aparenta, e quando você combina isso com quão legal ele é, você tem...

Você quer. E agora, eu quero puxar Eli pelo sofá ou, melhor ainda, quero que ele me puxe pelo sofá.

— Abby. — ele disse, e ninguém, nem mesmo Jack, disse meu nome desse jeito, como se fosse bonito, como se o detivesse. Como se desejasse. Mal consigo respirar, os batimentos do meu coração descendo em meu estômago, a falta de ar de antecipação, porque sei que ele irá me beijar; eu vejo o mesmo choque que estou sentindo por todo o seu rosto, surpresa com o quão forte podem ser os sentimentos, que você acha que você não entende que os têm.

Ele se move para mais perto, tão perto que tenho que fechar meus olhos por estar tonta com a ideia de não haver uma saída entre onde termino e ele começa, e o sinto, o mais suave roçar de sua boca sobre a minha, um quase beijo, um teste, e me curvo na sua direção, excluindo qualquer distância entre nós, qualquer lugar, e...

E Clement disse: — Eli, aí está você! Você não apareceu no hospital, então peguei carona com o Dr. Henry, que perguntou se tínhamos esse estúpido presunto que ele mandou, como se isso fosse me convencer de cortar a árvore de Harriet plantada quando nos mudamos, porque está “bloqueando a sua visão”. Eu pergunto a você, quem gostaria de nove quilos de presunto? E quem pensa que um presunto enorme é o presente perfeito para... Oh, Abby! Olá!

Ele vem até o sofá, gentilmente dando palmadinhas no meu ombro. — Eu estava me perguntando onde você estava também desde que não a vi visitando a Tess. Acho que você não gostaria de um sanduíche de presunto, gostaria? Nós temos muito presunto, não temos Eli?

— Sim. — Eli murmura, e Clement disse. — Vamos para cozinha, vamos? — e espera, sorrindo para mim, enquanto Eli levanta, com as mãos nos bolsos, e o segue até a cozinha.

Clement sabe o que está acontecendo. Ou o que estava quase acontecendo. E a teia que eu estava presa, a teia que estava com o Eli, de saber que ele queria estar comigo... foi desfiada.

Porque quem eu esqueci enquanto eu estava pensando em nada além de mim mesma e o que eu queria?

A Tess.

Capítulo 34



Quero fugir, mas não quero ser rude com o Clement. E eu não... eu não quero que Eli pense que eu não quero estar aqui. Porque eu quero.

Esse é o problema. Eu quero ficar aqui. Eu realmente quero. E eu tentei... Tentei tanto não fazer isso.

— Tenho que ir. — falo, colocando a minha cabeça na cozinha. Clement está fatiando um enorme presunto enquanto Eli está ao seu lado, com um leve rubor escuro em seu rosto, enquanto mexe com um pão de forma.

— Você tem certeza? — Clement disse, olhando para mim perto o suficiente para que eu ficasse nervosa e lhe desse o meu usual sorriso irritado, mostrando todos os dentes. Ele sorri de volta e fica olhando, como se ele soubesse o que eu estou pensando. Como me sinto. Próximo a ele, Eli lança um rápido olhar para mim, e depois volta a olhar para o pão.

— Ao menos, me deixe fazer um sanduíche para você. — Clement disse, assinalando para que eu entrasse na cozinha. — Eli e eu teremos bastante presunto para durar mil anos. ||

— Está bem. Eu realmente não estou com fome, e eu... com o ferry e essas coisas, eu tenho que ir lá, então...

— Oh. — Clement disse, parecendo surpreso. — Bom, deixe eu e o Eli levá-la para fora, certo?

Aceno, um pouco preocupada sobre como dizer adeus ao Eli, mas no fim não tenho a oportunidade de falar, porque Clement me acompanha até a porta falando sobre o hospital com o Eli seguindo atrás.

— Nos vemos amanhã? — Clement pergunta, batendo no meu braço, e quando eu aceno de novo, disse: — Bom. Eu vou te buscar. Estou trabalhando no balcão de informações, porque a Phoebe Van Worley está indo ver a filha que acabou de ter um bebê. ||

Olho para trás depois de sair, e a última coisa que vejo é o Eli olhando para mim sobre a cabeça de Clement, ele é mais alto do que Clement, com um sorriso tentador no rosto.

Eu sorri de volta, mas lembro de como esqueci a Tess logo que tirei a minha bicicleta para fora do carro de Clement. Vou em direção a Milford e passo pelo hospital me sentindo terrível, mas é tarde demais para parar agora. Se fizer isso, verei os meus pais, e não posso suportar a ideia de ficar sentada e observá-los assistir a Tess.

E não posso suportar que eles saibam que eu não a vi hoje.

Pedalo até o ferry e vejo a Claire a três carros de distância. Mas não estou com vontade de falar com ninguém e não me dirijo a ela depois que todos nós embarcamos.

Em vez disso, me sento na minha bicicleta e escuto a batida rápida da água contra o ferry, e enquanto deixamos Milford, vou para frente do barco para vê-lo passar junto ao carro da Claire.

Não estou pensando sobre a água, no entanto. Não estou nem pensando na Tess.

Estou pensando no Eli, e em como quase nos beijamos.

É algo bom que não tenhamos feito? A parte mais prudente de mim disse que sim. Deixando de lado a Tess, o que eu não posso, é claro que eu não posso, há o fato de que eu...

Não posso pensar em nada de ir mais além, aparte de que estou assustada. Não quero que o que aconteceu com o Jack aconteça comigo de novo. Eu não quero me apaixonar e quebrar o meu próprio coração.

— Eu sei no que você está pensando. — Claire disse.

Me viro, surpresa, e vejo que ela está de pé ao meu lado.

— Você não foi hoje. — ela disse, e sorri para mim. — Onde você estava? ||

Eu dou de ombros.

— Clement também estava procurando por alguém. — disse ela, ainda sorrindo. — Ouvi ele perguntando sobre o Eli, acho que ele não estava por perto também. Gostaria de saber onde ele estava?

Sacudo a minha cabeça para ela.

— Isso é tudo o que você tem? Tens que melhorar nisso se quiser que o Cole te fale uma vez que tenha passado dos, digamos, seis.

— Você estava com o Eli, não estava? — Claire cantarola, e quando eu murmuro, disse. — Eu sabia! Conte-me tudo, com muitos detalhes, já que eu não tenho vida.

— Não há nada para contar. Eu o vi, nós conversamos, e agora estou aqui falando com você. ||

— Visse onde? — ela disse. — E você deveria ouvir como você disse “*conversamos*”. — sua voz abaixa na última palavra, preenchendo-a com insinuações.

— Não foi grande coisa. ||

— O que significa que foi.

— Claire.

— Abby. — ela me repete, e então me cutuca com o cotovelo até que eu olhe para ela.

— O quê? — Eu digo.

— Você merece ser feliz, você sabe. — ela disse. — Eu sei que tudo mudou por causa da Tess, mas isso não significa que você tem que parar de viver. Só porque ela não... ||

— Não diga “não está aqui”. Ela está aqui. Você a vê quase todo dia. Só porque ela não está acordada, não significa... ||

— Isso não era o que eu ia dizer. — Claire disse. — O que eu ia dizer é que só porque a Tess não é capaz de voltar à sua vida agora, você não tem que desistir da sua.

— Nada de desistir. — eu falo, forçando a minha voz a soar suave, como se o que estamos falando não significasse nada para mim. — Eu só passei um par de horas com um garoto. Não é grande coisa. Não é como se eu significasse algo para ele. Quero dizer, você já o viu. Ele poderia ter qualquer uma.

Claire dá de ombros.

— Ok.

Suspiro, porque sei o que o seu “Ok” significa.

— Tudo bem o quê? ||

— Nada. Só que... bem, as pessoas que podem ter qualquer um que queira ainda tem que escolher alguém. E por que esse alguém não pode ser você? ||

Apontei para mim mesma.

— Você acha que terá demanda de meninas baixas e esqueléticas? ||

— E eu não sou a Tess. — a Claire disse. — Mas uma vez alguém me amou. ||

— Sim, mas você e o Rick não deram certo. ||

Ela pisca, e logo assente.

— Mas você não sabe se as coisas não vão funcionar com o Eli. E para de tentar mudar de assunto. Me fale mais sobre hoje. ||

Então eu conto a ela um pouco sobre ir a Saint Andrew's, passando sobre algumas coisas da cafeteria, já que eu acho que pertence ao Eli, é a sua história para contar, se ele escolher.

E Eli escolheu compartilhar a sua história comigo.

— Ok, você está sorrindo, mas você já parou de falar. — Claire disse. — Então você deixou a escola e... esperar, eu sei. Você foi para a sua casa, certo? ||

— Sim. — eu falo, e quando ela faz um sinal para que eu siga contando, balanço a cabeça para ela. — Não aconteceu nada. ||

— Oh, você está mentindo. Eu posso dizer pela forma como você mente, merda, você está corando!

— Cala a boca. — murmuro, e ela ri.

— Então, você está na casa dele e depois...

— Eu fiquei na casa dele por um tempo e depois saí. É isso. ||

— Abby... ||

— Realmente, isso é tudo, eu juro. — falo. — Quero dizer, nós quase nos beijamos...

Claire sacode os dois braços em sinal de vitória até que eu bato nela com o meu cotovelo e digo: — Pare com isso. Não é grande coisa. ||

— O fato de que demorei tanto tempo para que você me conte algo significa que é uma grande coisa. E quero dizer o que eu disse antes, você sabe. Você merece ser feliz.

Quero acreditar nela. Quero desesperadamente acreditar nela, de verdade, quero pedir-lhe para me dizer de novo, assim que mudo de assunto.

— Você viu os meus pais hoje? ‖

— Não, eles não estavam lá quando eu saí. Por quê? Você acha que eles vão descobrir que não estava no hospital? Será que eles... te obrigaram a ir ver a Tess todos os dias? ‖

— Não. — eu falo. — Nada disso. É só... Espero que eles estejam bem. Ontem a Beth nos entregou todas as coisas da Tess, só as meteu em caixas e se foi. Disse que a Tess tinha dito que ia se mudar, e agora ela está vivendo com outra pessoa, mas por que é tão difícil segurar as coisas do seu colega de quarto? Especialmente quando se é alguém que você viveu por... — Minha voz falha, com tudo o que eu acabo de dizer se remoendo em minha cabeça.

— Bem, talvez o seu dormitório seja pequeno? ‖

— Elas tinham um apartamento. — falo distraidamente. — Tess disse que ela e a Beth queriam mais espaço, então elas se mudaram do campus juntas após o primeiro ano.

E foi aí que me dei conta. O que a Beth estava tentando dizer sobre o porquê dela e da Tess terem decidido parar de viver juntas, quando eu a vi no hospital. A maneira que a Beth havia tocado cabelo da Tess, e o olhar em seu rosto quando ela fez.

O jeito em que olhou para a Tess quando ela pensou que não havia mais ninguém em volta para ver. A tristeza.

O amor.

Beth e Tess não eram colegas de quarto. Beth e Tess viviam juntas. Penso em todas as vezes que a Tess veio para casa, e como quase sempre a Beth estava com ela.

Penso em todas as fotos que a Tess tinha, todos esses garotos. E sempre, em cada uma das fotos, Beth segurava a câmera. Beth, quem realmente olhava a Tess.

Beth e Tess estavam juntas.

— Merda. — falo.

— O quê? — a Claire disse, e eu digo a ela. Seus olhos se abrem, mas eu não consigo ler a sua expressão.

— Você sabia? — Eu pergunto, mas não consigo ouvir a sua resposta, porque o ferry acaba de atracar e todos nós temos de voltar para os nossos carros. Ou, no meu caso, bicicleta.

Acho que a Claire vai esperar por mim quando eu saltar do ferry e me levar para casa para que possamos falar mais sobre o que eu acabei de descobrir, mas ela não faz.

Embora não estou tão surpresa. Se eu estou chocada, ela deve estar... não posso nem sequer imaginar como ela deve se sentir. A Tess, com sua fila interminável de namorados, vai para a faculdade e se apaixona pela sua companheira de quarto. Sua companheira de quarto, garota.

Pedalo para casa, atordoada, e me sento na sala, pensando. Quando mamãe e papai chegam em casa, olho para eles. Eu me pergunto se eles sabem.

Olho para eles, em seus rostos cansados, seus olhos tristes, e não, eu não acho que eles sabem. Eu não sabia, e eu vi mais da verdadeira Tess, a doce e a obscuridade nela, que mamãe e papai.

Devo a eles?

Não. Não é a minha história. Era a da Tess, e se ela queria compartilhá-lo, ela teria feito. Mas ela manteve-o para si mesma.

Todos nós temos nossas próprias histórias secretas, e talvez, isso é o que eu posso dar a Tess. Posso deixar a sua história guardada, a parte oculta do seu coração, só para ela.

Só... espero que ainda permaneça com ela. Espero que o “eu” que ela conhece siga em algum lugar dentro de si mesma. Espero que ela ...

Espero que, lá no fundo, nesse lugar onde nenhum de nós tenha estado, que Tess siga ali.

Capítulo 35



Agora que sei tudo sobre a Beth, ter o Eli falando é — bom, não é necessário que ele fale. Mas então, muito profundamente, sei que realmente nunca tem sido sobre ela, não é que quisesse que fosse desde a primeira vez que levantei o olhar sentada junto a ela e o vi me olhando.

Eli estava me esperando quando cheguei ao hospital, sentado na sala de espera inclinado propositalmente sobre o seu caderno, com sua caneta na mão.

Embora levantasse o olhar no momento em que eu cheguei, como se soubesse que eu estava chegando. Como se estivesse me esperando.

Falo a mim mesma que tenho que colocar uma armadilha no meu cérebro. Sei que o meu coração não é o problema. O coração é só um músculo e o que faz bater tão rápido são os pensamentos martelando na minha cabeça, o nome de Eli ressoando através de mim.

A armadilha em meu cérebro não está funcionando realmente, e juro que o escuto se quebrar quando ele me vê e sorri. Me obrigo a pensar no rosto do Jack

quando falava da Tess, lembrar o quão segura estava de que podia fazer que isso mudasse, que eu podia fazer que esse olhar fosse meu. Que podia fazer que se tratasse de mim.

O fato é que Eli nem uma só vez tem olhado para a Tess da forma em que o Jack fez.

O fato é que o Eli não é o Jack.

O fato é que não tenho ideia do que fazer. Nunca antes tinha sido querida, e embora uma parte de mim teme que vá ver algo que na verdade não está ali, uma parte ainda maior de mim teme que vá ver algo que nunca tenha visto antes. Que vou ver algo real, e que é para mim.

— Hey. — falo, antes que ele possa dizer algo. — Eu... isso não é... a Tess não está melhorando. E eu não... não sei se alguma vez melhorará.

Não dei conta do quão certo soaria, quão verdadeiro temia que fosse, até que falei. Por toda a raiva e o medo que me tem levado dia após dia ao hospital, alguma coisa a mais também o tem feito. A esperança.

Achei que a Tess acordaria. Não podia imaginar um mundo sem ela completamente nele. E ao tentar imaginar, me deixava à frente de outra verdade que pensei que tinha alcançado, mas na realidade não tinha feito.

Eu amo a Tess. Queria algo melhor para ela que isso. Queria que voltasse, para estar aqui, para estar completa.

— Desculpe. — Eli disse, e tenho escutado essas palavras como chuva por meses, uma e outra vez, mas agora são novas. Eli está me olhando, e vejo que realmente sente por mim. Por como me sinto. Sempre tem sido capaz de atravessar as palavras que solto, mas é mais que isso.

Ele me vê.

Vou dizer a ele que já não tem que se encontrar comigo. Vou dizer a ele obrigado, se os meus lábios pudessem lembrar como formar as palavras. Vou dizer...

— Vou vê-la. — falo. — Você... quer vir comigo?

Eu... tenho... dito o que queria. Para alguém que é tão bom mantendo as pessoas afastadas, estou segura de que agora é uma droga.

Mas então, não quero que o Eli vá. Queria que eu fosse melhor em mentir, mas esse desejo se desvanece quando ele me sorri e diz:

— Sim, claro. — como se nunca tivesse sido uma pergunta em absoluto.

Passamos Clement quando estamos caminhando para a unidade da Tess. Nos cumprimentou e disse:

— Abby? Talvez eu te veja logo?

— Como? Agora mesmo? — falo, e ele faz o seu sorriso ofegante e vai pelo corredor abaixo.

— Ele realmente gosta de você, sabe? — Eli disse. — Me disse que deveria te convidar para ir para casa de novo.

— O que? Tem mais presunto que quer se livrar? — falo tão ligeiramente como posso, palavras simples para substituir as que quero dizer. A pergunta que quero fazer.

Quer me ver outra vez?

— Provavelmente, mas prometo que tirarei todo o presunto se está disposta a vir e jantar uma noite. — Eli disse, sua voz tão tranquila, tão segura, que paro e o olho.

Não posso falar, não tenho palavras com as que me protejam agora. Não quero me proteger. Concordo, sim, eu irei, sim, estou disposta. *Sim*.

Sorri então, um sorriso tão grande e encantador, que realmente me sinto tonta.

Me pergunto quantas pessoas a Tess fez sorrir assim. Se Beth uma vez se sentiu como faço agora, surpresa e contente de estar.

— O que foi? — Eli disse, e não posso acreditar o tanto que me conhece. Me faz feliz esse fato mas também me assusta e me faz sentir um milhão de coisas, todas de uma vez.

— Tess. — falo. — Estava pensando nela por que... ela tinha essa maneira de sorrir, sabe? Como se fosse tudo o que pudesse ver. — Me escuto dizer “tinha” e quero mudar, quero converte-lo em um “tem”. Mas não posso. Agora conheço a verdade, tenho que enfrentar o que não quero ver.

Dou a volta e começo a caminhar pelo corredor abaixo novamente. Me sinto relaxar quando escuto as pisadas de Eli atrás de mim.

Me permito sentir a alegria, de que ele está comigo.

— Então, como chegasse a chamar o Clement, bom... de Clement? — pergunto enquanto estamos esperando que as enfermeiras nos deixasse entrar.

— Ele disse que o meu pai o chamava de “Papai” e atuava como se não o conhecesse, então tampouco posso pretender ser “família” e poder chama-lo de “Avô” ou algo assim, ou podemos tentar ser uma família, ou inclusive tentar ser duas pessoas que se agradam entre si o bastante para ser mais que um título. — Eli disse.

— Está irritado com o seu pai, suponho.

— Não, triste. — Eli disse. — Não é que o tenha dito, eu não acho, mas é duro saber que alguém que se supõe que te ama, nem se quer te quer ver.

Estico a minha mão, deixo a minha mão acariciar a de Eli. Ele da à volta na sua mão para que nossos dedos se encontrassem, consolo sem palavras enquanto os sons zumbem e caminhamos através das portas.

Olho as enfermeiras nos conduzindo para dentro, nossas mãos entrelaçadas, as vejo se voltar umas as outras, e logo paro junto à porta da Tess, olho para dentro do seu quarto. A vejo.

Tão quieta, tão silenciosa. Tão sozinha.

— Tenho que te dizer uma coisa. — falo com tranquilidade, e não sei se estou falando para ela, ao Eli ou a ambos.

E então solto a mão do Eli e entro no quarto da Tess, me sento na cadeira na qual sempre me sento. Dou a volta, assim estou um pouquinho mais perto da sua cama. Mais perto dela.

Levanto o olhar, para onde o Eli se sentou, e ali está ele, me olhando.

— Tess. — falo, voltando a olhar ela e pensando em Beth, nela tocando o cabelo da Tess, em seu rosto quando perguntei como podia atuar como se a Tess não fosse voltar. Perto dessas caixas, situadas solitariamente no gramado dianteiro — Tess, eu...

Não falo que conheço a sua história. Conto a minha em seu lugar.

Conto sobre o Jack. Falo de todas as coisas que não disse nesse verão, esquecendo de tudo, inclusive do Eli, enquanto derramo para fora as palavras, tudo, até o quão forte soava o rio quando me sentei ali, logo que o Jack disse que estava envergonhado, muito envergonhado, e se foi.

— E a pior parte foi que não podia odia-lo. — falo. — Nem se quer você, inclusive. Só... pensei que tinha encontrado alguém que quisesse estar comigo. Me beijar. Mas não me permiti ver o evidente. Não sou você. Nunca vou ser você.

Não se move. Não pisca. Não diz nada.

Mas Eli sim. Eli sai da sua cadeira, escuto o som do movimento quando se coloca de pé, olho para cima, surpresa, e o vejo caminhar para mim, e então ali está ele, se ajoelhando na minha frente, e toda a certeza que tenho tido antes se foi. É muito lindo para mim, alguém mais se dará conta dele e pior ainda, verá que por dentro também é lindo e que eu sou toda espinho, calamidade e ira, com joelhos ossudos e então...

E então ele me beija.

Capítulo 36



— Por quê? — falo quando posso voltar a respirar, quando posso voltar a pensar, quando temos que nos separar, por que uma enfermeira passou junto a nós e aclarou a garganta. Desenrolo os meus braços do seu pescoço e sinto as suas mãos deixar o lado das minhas pernas lentamente, como se quisesse seguir me tocando, me beijando.

Ele pisca para mim, como se estivesse falando outro idioma.

— Por quê? — falo de novo, e me movo para que haja um espaço entre nós, meu olhar caiu sobre a Tess, uma silenciosa testemunha pelo que acaba de acontecer.

— Por que sou alguém que quer te beijar, estar contigo. — disse Eli como se fosse obvio, como se eu soubesse o que está escrito em seu coração.

Olho para ele, ainda ajoelhado na minha frente, como se eu fosse digna disso, como se fosse digna do que acaba de dizer, como se fosse digna dele.

— Oh. — falo, por que não posso pensar em algo a mais para dizer, não posso encontrar as palavras, não agora, não depois das suas, e o olho.

Ele está me olhando.

Ele está me olhando como todo mundo tem olhado a Tess. Como se fosse alguém que vale a pena ver.

É tudo o que quis, aqui embaixo para que a Tess visse, mas nunca quis que a Tess visse assim, nunca quis que fosse uma silenciosa e cega testemunha. Nunca quis que fosse, a menos não assim. Nunca assim.

— Abby? — Eli disse, sua voz tentativa, uma pergunta atada a cada letra e sei o que vem depois. É fácil. Eu pego a sua mão, falo o seu nome e ficaremos juntos. Mas eu não...

Não sei se estou pronta para isso, para ele. Esperei tanto para que alguém me visse, na verdade me visse, que nunca pensei sobre como eu me sentiria se isso acontecesse.

Não estou com medo, é pior que isso, além disso, e não sei o que fazer agora que esta coisa, este sonho, e sim, isso é o que sempre tem sido, um sonho, um impossível que só se fez realidade quando os meus olhos estavam fechados, é real.

Não é que não acredite no beijo ou no que acabou de dizer.

É tudo ao contrário. Acho que gosto, que ele... que ele me vê e que me quer.

Não sei o que fazer com a felicidade que sinto, com o desejo crescendo através de mim. Tenho vivido com uma necessidade quebrada, de medo e raiva. Tenho vivido com um desejo de sair de Ferrisville, de escapar. Tenho construído mundos onde deixo este lugar e me converto em alguém que outros querem ver.

Nunca imaginei ninguém me encontrando aqui, me querendo aqui.

Eu nunca imaginei alguém como o Eli.

— Não sei o que fazer. — disse e ele saberá o que fazer, ele tem que saber, esta é a parte onde tudo funcionará. Não corri, não fiquei, apesar do meu medo e agora isso é real. Agora somos reais.

— Oh. — ele disse, e o vejo retroceder, suas mãos apertadas até que volta para a cadeira, onde descansam nos braços da cadeira e começam a batem ligeiramente. — Eu pensei...

Ele balança a sua cabeça, seus olhos agora não se encontram com os meus, e não entendo. Não fui, não fugi. Por que se afastou? O que está acontecendo?

— O que você pensou? — falo, meu coração acelerado. *Por favor, por favor.*

Seus dedos se movem muito rápido agora, e fica de pé, em um movimento rápido.

— Eu deveria ir. — disse. — Deveria te deixar pensar, estar com a Tess.

— Eli. — falo, mas ele se afasta, indo, indo.

Para fora.

Sento-me ali. E isso, estar sozinha, ter que observar alguém ir, é mais como costumava ser. O que tenho esperado. Mas me sinto mal, assim que de repente estou de pé, fora da cadeira, correndo atrás dele.

Diga-me, vou dizer a ele. Fala-me o que você ia dizer.

Mas ele se foi e não posso encontra-lo em nenhum lugar. Inclusive Clement se foi. O quarto de armazenamento que é agora sua oficina está fechada.

Então, talvez Eli não quisesse dizer o que disse, eu sei tudo sobre isso. Eu sei o que fazer quando um cara tenta, mas não pode fazer que eu me importe.

Eu sei o que é ver um cara se afastar, mas alguma coisa é diferente agora. Penso em como Eli não me olhou antes de ir, penso em todas as perguntas que não posso e ainda não entendo, as quais estavam em sua voz quando disse o meu nome.

Não poderia ir para a sua casa, falar com Clement, falar com ele. Não tenho necessidade de criar drama aqui, e não preciso imaginar como serão as coisas quando estiver longe de Ferrisville. Não agora, quando tenho dito tudo o que estava em meu coração e Eli ainda queria me olhar.

Mas não aconteceu como deveria. Se é real, se vi o que estava no seu coração, então por que se foi? Por que estou agora, sozinha?

— O que está fazendo aqui sentada? — Claire disse e pulo, surpresa, e dou a volta e vejo atrás de mim.

— Oi. — falo.

— Oi, o que aconteceu?

— É...

— É o que?

— Nada. — falo, por que não quero dizer, nem se quer com ela. Quero entender o que aconteceu, quero saber como tomei um momento que estava tão bem e o converti em algo errado por que, pior de tudo, a pior parte de mim, estava bem com isso.

— Quer ir no ferry?

Dou-me de ombros e ela me ajuda a carregar a minha bicicleta até o seu carro. Não falo que me leve aonde o Eli está. Não menciono.

Quero saber por que para mim é mais simples ficar calada e ser miserável do que atuar. Quero saber por que fui atrás dele, mas só depois que tinha ido, quero saber por que estou aqui com a Claire no lugar de estar com ele.

— Então, você e o Eli estão brigando ou algo assim? — Claire disse enquanto esperamos o ferry. Dobro os meus dedos e enterro eles no assento.

— Hey. — disse ela quando eu não falo nada. — Abby, você está...

— Estou bem.

— Mentira. — ela disse. — O que aconteceu?

Forço-me a falar por que é a Claire e confio nela e não termino a história até que estamos no ferry e o rio está fazendo ruído abaixo de nós.

Quando termino, a olho.

E para a minha surpresa ela está me olhando como se eu fosse à pessoa mais tonta que jamais conheceu.

— O que? — eu falo.

— Não sei o que fazer? — ela disse. — Que porcaria, Abby. Você disse a ele que quer alguém que queira estar contigo e te beijar, e ele disse isso, a maldita realidade é que beijou você e disse isso, e você disse que não sabe o que fazer e logo te pergunta por que ele se foi? O quão estúpida você é?

— Eu sou...

— Sim, não é estúpida. — disse. — No entanto, é igual a sua irmã. Está tão segura de que as coisas tem que ser de certa maneira, que vai fazer qualquer coisa para te assegurar de que seja. Deus não queira que seja honesta contigo mesma e com ele, verdade? Deus não queira que diga “quero te beijar também”.

— Imaginei que estava implícito ao devolver o beijo. Quero dizer...

— Oh, claro, por que não tem nada como mostrar o seu coração e não obter nada em troca, para que uma garota se sinta bem. — ela disse, tão irritada que praticamente está espetando. — Está sentada aqui, compadecendo se si mesma quando tudo o que tem que fazer é ser honesta com ele e...

— Fui honesta.

— Não, não foi. Sabe o que quer. Sabe o que fazer. Simplesmente tem medo. Não percebi o quão exatamente você se parece com a maldita Tess, te juro.

— Não sei como...

— É *exatamente* igual a ela. — Claire disse. — Quer ser amada, mas quando é, se não é exatamente como esperava que fosse, se é real e tem que tratar com sentimentos que não pode controlar, perde os estribos e afasta a outra pessoa e... — toma uma respiração profunda. — Fora do meu carro.

— O que?

— Me ouvisse. — disse. — Fora do meu carro.

— Mas eu...

— Juro por Deus que se não sair vou te tirar a força. — disse, e fico olhando o seu rosto furioso, assim como o da Tess no dia que se inteirou que a Claire estava grávida, tal como a da Tess no dia em que a Claire passou caminhando pela casa e a Tess saiu correndo para vomitar a comida, furiosa como... furiosa como se seu coração houvesse sido quebrado.

— Tess. — sussurro, aturdida, e a Claire fica paralisada.

Capítulo 37



— Vai. — Disse ela, mas não a calor em sua voz. Nem raiva. Só súplica.

Olho fixamente para ela.

— Tess... você e a Tess?

Claire está em silêncio durante um bom tempo, e logo assente com a cabeça uma vez, pouco a pouco.

— E então... ficasse grávida e...

— Tive o Cole. — Claire disse, com a sua voz dura. — E agora estou aqui.

— Mas quando a Tess se inteirou, não estava com raiva por que estava grávida.

— Ela não estava? — Claire disse, me cortando. — Ela estava tão furiosa que tive que abandonar escola. Abby. Você não chama isso de estar com raiva?

Penso em quanta pena costumava sentir pela Claire. Como pensava que a Tess era cruel por se afastar da sua melhor amiga, porque ela ficou grávida, como se fosse um crime ou algo assim.

— Você... você lhe quebrou o coração. — digo. — Sabia como se sentia e saísse com o Rick e...

— Abby...

— Não. — falo, e sigo falando. — É por isso que você nunca me disse nada sobre a Beth, não é? Porque sempre sorria quando eu falava delas vivendo juntas? As conhecia, e a machucasse, e eu acreditava que ela estava sendo cruel, quando...

— Para. — Claire disse, e me dou conta de que estamos nos movendo, o ferry chegou e a Claire está conduzindo para fora do barco e de volta a Ferrisville. — Você não... a Tess saía com garotos também, Abby.

— Sim. — falo cortante, pensando em todos os garotos que tinha chamado a Tess, que ficavam caídos ao redor dela. Como falava com eles, talvez vendo eles em uma festa, ou indo a um encontro, talvez os dois, e logo deixava eles seguir o seu caminho. Nenhum deles havia transformado ela na pessoa furiosa e cheia de ódio que a Claire havia feito.

Nenhum deles jamais havia tocado o seu coração.

— Mas não como você. — falo, e ela retrocede, como se tivesse golpeado nela, e em seguida a jogado de lado na estrada.

— Eu... eu não posso fazer isso agora. — disse. — Tenho que ir para casa.

— Você sabe, eu descobri o que realmente aconteceu e você não quer falar sobre isso. — digo, minha voz áspera. — Não quer pensar em como destruiu o coração da Tess, não é?

— Abby, vamos. Tenho que ver o Cole, e não posso... não quero que me veja alterada.

— Ela te disse, não foi? Ela contou como se sentia e ficasse com raiva ou algo assim...

Claire sorri, áspera e com raiva.

— Essa é a sua história, Abby? Ela me disse que me amava, e eu saí correndo e fiquei grávida, para que ela ficasse longe de mim. É assim que aconteceu?

— Eu não disse isso...

— Sim, eu te parei antes. — Disse a Claire. — Nós duas sabemos o que você estava pensando. E sabe o que, Abby? Inclusive a Tess poderia pensar algo assim, inclusive a Tess... — Ela suspira. — Inclusive a Tess me conhecia mais que isso. Pensei que você não era como ela, que não teria nenhuma dessas versões de merda do mundo e as manteria em sua cabeça, mas sabe o que? O faz.

— Culpei a Tess! — grito. — Você a feriu, e pensei que a Tess era estúpida e eu... sentia pena de você!

— Isto não vai com você. — Disse a Claire, e para quando alguém desacelera, o tempo suficiente para nos saudar e perguntar se está tudo bem.

— Não posso fazer isso. — disse outra vez. — Tenho que voltar para casa com o Cole.

— Muito bem. — falo, abro a porta e agarro a minha bicicleta. — Mas ao menos me diga por que, ok? Porque a machucasse quando ela só... ela só te amava ?

Claire fica me olhando por um momento, como se estivesse perdida e então ela disse:

— Por que esta tão certa de que a machuquei?

— Assim que a gravidez e ficar miserável não tinha nada a ver com a Tess?

Claire olha para o volante por muito tempo antes de falar, e quando o faz, sua voz é tão baixa que apenas eu posso ouvi-la.

— Tudo tem a ver com ela, eu... ela só me disse que me amava, Abby.

Eu fecho a porta e vou embora.

Tess disse a Claire que a amava. Isso foi tudo, e quando disse, a Claire se assustou, e todas essas vezes que me senti mal por ela, Tess era quem estava sofrendo, a Tess era a que havia exposto o seu coração e foi pisoteado.

Se eu tivesse sabido, eu...

Se eu tivesse sabido, Tess e eu... poderíamos ter conversado. Pensei que ninguém havia chegado até ela, que ninguém nunca tivesse ocupado o seu coração, que ela havia julgado a Claire, por não ter agido como ela queria, mas todo este tempo...

Durante todo este tempo, eu poderia ter tido minha irmã.

Capítulo 38



Chego em casa, não olho para a casa da Claire quando estava indo, nunca mais vou olhá-la da mesma maneira, e parada na cozinha aturdida, penso em todas as vezes que a Tess ficou contra a Claire durante o seu último ano na escola, e, finalmente, vejo o por que de toda aquela raiva.

Dor.

Caminho através do quarto da Tess, feliz por estar sozinha agora, feliz por meus pais estarem com a Tess, que ela tem alguém que a ama sem todas as complicações que tem estado carregando.

Eu queria nunca ter pensado nada de mal dela.

Olho o seu quarto, as caixas no chão. Penso no que tem dentro delas. Sua vida com a Beth e agora esta aqui, envolta e no centro do chão, só estando aqui e esperando.

Me pergunto se a Beth sabia sobre a Claire.

Pobre Tess. Perdeu as duas pessoas que amava. Sempre pensei que ela teria tudo, todos, os que queria.

Estava tão enganada.

Sento em sua escrivaninha, passando a mão pelo seu laptop. Agora entendo porque a Tess nunca olhou a Claire, nem se quer quando vinha para casa desde a universidade. Nem se quer depois que ela conheceu a Beth. Eu pensava que ela continuava com raiva. Pensei que ela estava sendo mesquinha.

Tess estava com raiva, mas agora posso ver por que, e apostaria que estava triste também. E ferida, ferida o suficiente para evitar a Claire por anos. Para seguir pensando no que havia passado. No que a Claire fez, como a Tess a amava e a Claire... não. Em como a Tess a amava.

Meus dedos passam através do botão do seu laptop, e quando a tela se acende pedindo-me a senha, eu não penso. Escrevo Claire, e “bem vindo” aparece na tela.

Eu observo. Todo esse tempo e a senha estava na minha frente. Todo esse tempo e a Tess, a sua história real, quem realmente era, estava na minha frente.

E nunca percebi.

Dou uma olhada ao redor de seu computador, olhando seus arquivos. Deveria sentir-me culpada, mas não sinto. Quero saber quem realmente é a Tess, a irmã que nunca conheci, mas não há muito o que ver. Encontro alguns papéis que a Tess escreveu, alguma música que fez download. E uma pasta chamada “fotos” que tem ela e a Beth. Não havia garotos aqui, não pretendia.

Posso ver que são um casal nessas fotos, vê-las com seus braços ao redor uma da outra. Tess sorrindo mais amplamente e com mais alegria do que já tinha visto.

Penso nas fotos que ela trazia para nos mostrar, e como ria cada vez que lhe perguntava sobre os garotos nela.

Essas fotos, as fotos com a Beth, mostravam a verdadeira Tess, e decido que vou copiá-las e transferi-las para o meu computador. Então imprimirei uma e levarei comigo quando for visitar a Tess de novo amanhã.

Quero... quero que a Tess saiba que eu a vejo como ela é de verdade, e não a qual eu quis que parecesse.

Mas quando tento selecionar os arquivos, recebo uma mensagem de que há dois escondidos. Arquivos escondidos?

Abro o menu que controla a visão dos arquivos e faço com que todas as pastas e arquivos sejam visíveis. Duas pastas a mais aparecem junto com o arquivo de "fotos" que estou olhando, um tem a etiqueta "Mensagens de Beth", e a outra, "Terminado".

Posso adivinhar sobre o que a pasta "Terminado" se trata, penso na Beth me dizendo que a Tess tinha decidido que não deveriam viver juntas por mais tempo.

De todo modo eu clico na pasta, esperando que me diga que estava enganada. Isso vai me mostrar como a Tess perdeu algo... alguém, que não sabia que estava em seu coração. Mas não é o que vejo.

Capítulo 39



Tem fotos e conversas online na pasta de arquivo, mesclados como se a Tess tivesse copiado de alguma outra parte com pressa. Como se tivesse que tê-las, mas não tinha querido vê-las, nem se quer para organiza-las de qualquer maneira.

Faço clic em uma das mensagens salvas e uma conversa com muitas páginas se abre.

Não é... não é da época da Tess na universidade. É de quando estava no colégio. Posso dizer por que está falando sobre os professores que tenho agora.

E no final da mensagem, Claire (e sei que é ela por que conheço seu nome na tela, como conheço o da Tess, como costumava conhecer tudo sobre elas, ou o que pensava que sabia), tinha escrito:

“Suspiro. Hora de ir jantar, te encontro mais tarde. XO¹³ sempre.”

¹³ XO: O X quer dizer beijo, e o O, abraço.

Busco pela resposta da Tess, mas não tem uma. Só a última linha, da Claire, “*XO sempre*”.

Não... o que é isso?

Fecho a mensagem e faço clic sobre uma das fotos. É da Tess, e foi tirada antes que tivesse no último ano. Posso dizer pelo seu cabelo, que é comprido, praticamente até a sua cintura. Só cortou no seu último ano do colégio, tão curto que apenas chegava nos ombros justo depois...

Justo depois que descobriu sobre a Claire.

Na foto, Tess e Claire estão deitadas na cama da Tess, sorrindo para a câmera e apertadas uma contra a outra como... como amigas, mas mais. Posso vê-las em como uma das mãos da Tess descansa sobre a perna da Claire, curvada de forma familiar sobre o seu joelho.

Posso ver como a Claire está virada para a Tess, uma mão enredada no cabelo da Tess enquanto a outra sustenta a câmera sobre elas. Ambas sorrindo, e se parecem...

Se parecem tão felizes.

Se parecem como se estivessem juntas.

Clico em outras fotos. Algumas destas são como as que vi, e algumas fazem tudo muito mais claro, mostram as costas nuas da Claire protegendo a parte frontal da Tess enquanto a Tess sorri para a câmera que está sustentando, de olhos fechados.

A última que vejo, a cabeça da Tess está descansando na curva do pescoço da Claire enquanto suas mãos cobrem os seios da Claire, e a Claire tem os seus olhos fechados, sua boca virada para a Tess, buscando ela.

Tenho que me sentar e ver o chão um pouco depois dessa. Só... a Tess e a Claire. Todas essas vezes que estiveram aqui com a porta fechada, escutando música e fazendo a tarefa, estavam...

Não é de se estranhar que a Tess sempre gritava para mim por tentar entrar no seu quarto sem bater.

Olho as datas das fotos, e parecem ir desde o primeiro ano da Tess e Claire até justamente depois que o seu último ano começou. Justo antes que a Tess viesse para casa e cuspir para fora: “Claire está grávida”.

As últimas duas fotos estão fechadas no tempo em que imagino que a Claire ficou grávida. A primeira é no quarto da Claire, tenho visto o Cole esgaravatando no edredom que se encontra enredado sobre a cama.

É de manhã, e a Tess está deitada sobre o seu estômago, dormindo, seus olhos fechados no lado oposto da câmera mas não está vendo nada. Não está vendo nada. A luz está emaranhada em seu cabelo, brilhando nele e na pele nua das suas costas. Se parece de outro mundo, linda.

Debaixo, alguém tinha adicionado *Felicidade* em uma elegante e cursiva letra, tentaram colocar o título na foto.

A segunda foto mostra a Tess em uma festa na praia, sentada e falando com um garoto. Está sorrindo, sua boca curvada e ampla, familiar, mas seus olhos estão olhando a câmera, não ele, e se parece...

Se parecem tristes, mas também parecem furiosos.

A mesma letra tem sido usada para etiquetar esta foto também. Esta diz “*Sua Escolha*”.

A olho, me perguntando quem escreveu essas palavras (a Tess? A Claire?) e o que significam. Sei o que aconteceu, mas tem alguma coisa... tem alguma coisa que não estou entendendo. Que não estou vendo.

Fecho a pasta e abro outra, "Mensagens de Beth". Só tem uma coisa nessa, e foi aberta pela última vez...

Foi aberta pela última vez na véspera do ano novo, justo antes de que a Tess se fosse para a sua festa.

É outra conversa online, mas não é dessa noite. É de antes, do último semestre da Tess na escola, do último outono, e desde a primeira linha, quando alguém disse, "Preciso falar contigo", sei que é uma briga.

Acho que deve ser a briga que terminou as coisas.

No entanto, é difícil dizer, por que a pessoa que acho que é a Beth (Beth0728, tem que ser ela) é a única que está falando.

Ela disse que precisa que a Tess confie nela e que quer deixar de fingir.

Não há resposta, mas Beth segue escrevendo, escreve que sabe quem é ela, e acrescenta que *todo mundo sabe sobre nós*.

Ainda não há resposta, e Beth escreve, "*Não sei por que não pode admitir. Quero estar com você de verdade e quero ser capaz de dizer, essa é minha namorada*".

Ainda não há resposta e Beth escreve: "*Fale algo, fale qualquer coisa, não deixe tudo escondido sobre mim, ok? Por favor? Tess?*".

Não há nada e Beth escreve: "*Ok. Não posso suportar mais. Tens que fazer isso ou acabou. ACABOU. Sabe que não sou a Claire e não quebrarei o seu coração*".

Tess finalmente escreve algo como resposta.

Escreve: "*Eu quebrei o meu próprio coração*".

— Oh. — falo, e minha voz é alta no quarto silencioso, tão alta que posso escutar sobre o rugido em meus ouvidos, escuta-la mais além das palavras que acabo de ler e lembro dessas fotos, da Claire e da Tess.

Claire e Tess na última foto, Claire não estava nela totalmente. Era só a Tess e esse garoto, Tess sorrindo a ele enquanto olhava a câmera. Olhava fixamente a quem seja que estivesse tirando a foto como se estivesse triste e irritada, olhou, mas não se moveu. Estava sentada ao lado do garoto como se fosse onde queria estar. Tinha que estar.

Claire tirou a foto. Claire era quem a Tess estava olhando.

Sua escolha.

Claire me disse: — Ela alguma vez *disse* que me amava. — e agora dou conta o que significa isso. O que a Tess fez. Ela disse, mas só em privado. Disse, mas nunca, nunca faria mais nada. Não em público.

Claire não quebrou o coração da Tess. A Tess quebrou o seu próprio coração.

Simplesmente não sei por que. Foi por que a Tess ficou grávida? Claire a enganava e a Tess não pode perdoá-la?

Quebrei o meu próprio coração.

Essas palavras são familiares. Muito familiares.

Ligo para a Beth, por que saberá o que aconteceu. Tem que saber, mas rapidamente falou.

— É a Abby, irmã da Tess. — ela disse. — Não vou falar contigo. Sei que está irritada, mas tens que entender que não posso...

— Mas disso se trata. — falo. — Não entendia, mas agora entendo, e só quero saber por que você e a Tess terminaram.

Beth ri e soa tão parecida com a risada da Claire quando falou sobre a Tess antes, tão frágil, irritada e triste, que a minha pele formiga.

— *Por quê?* — disse. — Quer saber por que, como se fosse só uma razão ou só uma coisa?

— Ok, tenho certeza de que foi complicado, e queria dizer... só quero saber o que aconteceu. Vivesse com ela, você duas eram...

— Não posso falar sobre isso. — Beth disse. — Simplesmente... não posso.

— Quer dizer que não fará.

— Não. — disse Beth. — Quero dizer que não posso. Não sei por que não admitia que estávamos juntas. Vai e pergunta a Claire, sempre espreitando no seu quarto do hospital, sempre se metendo na cabeça da Tess, sempre... sempre ali.

— A Claire?

— O que, está surpresa? Não sabia?

— Sim, mas exatamente não sei o que aconteceu.

— Eu tampouco. — a Beth disse, sua voz cansada. — Tudo o que sabia é que algo aconteceu com a Tess e a Claire e... bom, acho que a Tess se assustou por que a Claire fugiu e teve o bebê em vez de admitir que amava a Tess e isso fodeu a Tess. Pergunte a Claire se quer saber. Não é como... Deus, não é como se não tinha tido a oportunidade.

— Mas...

— Não. — Beth disse. — Dois anos, ok? Amava tanto a Tess e ela não me amava o suficiente, nunca o suficiente, e finalmente disse que escolhesse e ela simplesmente... se fechou, passou o resto do semestre olhando através de mim, e agora está no hospital e nunca serei... — inala uma vez, duas vezes, como se estivesse lutando por não chorar. — Tive que deixa-la ir e não posso... não ligue mais aqui de novo.

E logo desliga.

— O que está fazendo?

Olho sobre o meu ombro e vejo mamãe parada na porta da Tess, olhando desde o computador ao telefone na minha mão, e logo a mim. Se parece preocupada, mas não surpresa, e me pergunto se está tentando averiguar por que estou no quarto da Tess.

— Estava... — assinalo o computador da Tess. — Simplesmente estava buscando alguma coisa. Um arquivo. Para a escola.

— No computador da Tess? — mamãe disse, sacudindo sua cabeça ante a mentira transparente, e falo.

— Eu só... Tess era... é... — e vejo sua expressão mudar ligeiramente.

Vejo ela perceber que tenho averiguado algo que já sabe.

Mamãe sabe, e me levanto, ponho o telefone no lugar enquanto falo.

— Você... por que não me dissesse sobre a Tess?

Adivinho que mamãe tentará se sair disso, dizer que queria esperar ou algo assim. Mas não faz.

Simplesmente diz:

— Não era a minha responsabilidade dizer.

— Não era a sua responsabilidade? — posso escutar a minha voz elevada. —
Todo esse tempo pensei que a Tess...

— O que? — mamãe disse, seus olhos se estreitando, e acho que na realidade acredita que vou julgar a Tess por quem se interessava, que eu...

— Hey! — eu disse. — Não vou... quer dizer que não me dissesse por que pensava que faria o que? Tentar colocar ela no fogo? Que classe de pessoa acha que sou?

— Abby. — disse, vindo para mim e tocando o meu braço. — Eu não...

— Você também fez.

— Não. — disse suavemente. — Não fiz. Não faço. Eu... eu simplesmente não sei o que sabe.

— Que a Tess estava apaixonada pela Claire, estou muito segura que a Claire a amava, mas parece que a Tess saiu ferida. Logo conheceu a Beth, mas não podia admitir que eram um casal, assim que...

— Melhor ir para baixo e conversar. — mamãe disse. — Tem... tem algumas coisas que seu pai e eu temos que te dizer.

— Quer dizer que tem mais? — falo, aturdida, e mamãe assente antes de girar. Escuto ela descendo as escadas.

Depois de um momento, a sigo.

Capítulo 40



Me imagino sentada na sala rigidamente, como se fossemos estranhos e que mamãe e papai estariam nervosos, olhavam um ao outro enquanto me contam sobre a Tess, usando as expressões de cada um para descobrir o que dizer e como dizer.

No lugar disso, nos sentamos na cozinha e comemos o jantar como sempre. Como fazíamos quando a Tess estava em casa. Como fazíamos antes do seu acidente, de volta quando mamãe e papai me perguntavam em voz alta como ia a Tess, fazendo gestos para a sua cadeira vazia como se ainda estivesse ali enquanto falavam sobre seus dias e me perguntavam sobre os meus.

Não estou preparada para isso, para o quão facilmente os meus pais começaram a falar da Tess, papai olhando a mamãe enquanto eu estou sentada e assistindo, uma vez antes de dizer:

— Não sei se a Tess alguma vez teria nos dito algo se não as estivesse encontrado, ela e a Claire, quando fui dizer a elas boa noite, nisso então quando tinham quinze anos.

— Talvez não lembre. — mamãe disse, me passando uma tigela de milho. — Tinha doze e...

— A noite que a Claire foi para casa por que estava doente de comer muito sorvete, só que eu nunca a vi comendo, certo? — falo e mamãe assente.

Sempre soube que algo tinha acontecido desde então. Só que não sabia o que.

— De todas as maneiras, mandamos a Claire para casa porque, bom... — aclaro a sua garganta.

— Estavam surpresos. — falo, ainda me sentindo bastante surpresa por mim mesma, especialmente enquanto vejo papai pegar a menor quantidade de milho, justamente como sempre faz. Não deveria ter algum drama? Não deveríamos estar falando em voz baixa ou algo assim? Não deveria não ser tão... normal?

— Bom, sim. — papai disse. — Estávamos surpresos. Mas Tess, bom, foi ela quem pediu para que a Claire fosse.

— Dave. — mamãe disse, o carinho e a exasperação afetam a sua voz, e deu outra colherada de milho antes de me olhar. — Então seu pai e eu falamos com a Tess. E sim, antes que pergunte, essa é a razão pela qual deixamos você ficar acordada até tarde e ver televisão no andar inferior.

— Certo. — falo, vendo como papai desliza o extra milho de volta na tigela justamente como sempre faz... justamente como sempre fazia desde quando comíamos o jantar dessa maneira normal.

Mas isso não é normal.

Não temos comido o jantar juntos em anos, não dessa maneira, então, por que agora? Por que está noite? Não sabiam que eu sabia sobre a Tess, não há forma de que soubessem, então este jantar...

Planejaram. Antes que mamãe me encontrasse no quarto da Tess, isso ia acontecer. Montaram isso para me dizer alguma coisa, tenho certeza disso.

Por que?

— O que aconteceu? — pergunto com minha voz dura, e mamãe olha para papai e papai a olha de volta como pensei que fariam a princípio, como tinha imaginado. Como se estivessem tentando pensar no que dizer. Como dizer.

— Só me fale. — falo quando nenhum deles falam, e mamãe me olha como se nunca tivesse me visto antes.

Quando ela faz, percebo que há muito que ela não sabe sobre mim. Tenho me mantido escondida dela e papai justamente como a Tess tinha se mantido escondida de mim.

— Primeiro que nada, não fale com a sua mãe dessa maneira. — disse papai. — E segundo... — pega um pedaço de galinha como se fosse mordê-lo, como se isso fosse um jantar normal, como se a Tess fosse entrar pela porta. Como se ainda estivesse realmente aqui.

— Pare. — silvo. — Deixa de fingir, pare, só parem com tudo isso e me fale o que está acontecendo.

Papai franze o cenho, claramente descontente pelo meu tom, mas mamãe se inclina e aperta a sua mão. — Falamos com o hospital hoje. — ela disse. — Temos feito arranjos para a Tess. Depois de amanhã, vamos fazer com que a transferem e nós... nós gostaríamos que estivesse ali, Abby.

Me quebro em milhares de pedaços nesse momento. Como não poderia, com Eli, a Claire e a Tess, quem era ela, quem é, como não posso me rachar quando tenho

tantas incógnitas? Como não posso me rachar quando Tess está sendo tirada do hospital? Quando está sendo despachada?

Como posso me manter completa quando tudo esta mudando tanto, tão rápido?

— Eu, realmente vão fazer? Estão dispostos a dizer que isso é tudo, esse é o resto da sua vida, para sempre deitada em uma cama em algum lugar sem ver o mundo, sem ver nada?

— Abby, querida, só estamos transferindo ela. — mamãe disse ao mesmo tempo que papai disse. — Abby, não é... sabe que não é assim. A Tess poderia acordar, ela poderia. Mas nós...

Deixa de falar nesse momento e olha a mamãe.

— Estamos transferindo ela. — ele disse finalmente, sua voz muito suave. — Nós temos. Ela só... — aclara a sua garganta. — Só não está pronta para voltar. Ao menos não agora.

Não posso acreditar que isso está acontecendo. Por que agora, quando vejo que tenho estado tão errada sobre a Tess, que não a conheço em nada? Quero dizer, toda a sua vida, todos os planos e emoções por ver os garotos, sobre falar deles, tudo isso, todos eles, não significava nada para ela, mas a Claire, Claire significava tudo. A Tess e a Claire estavam juntas e papai descobriu e a Tess pediu a Claire que...

Espera.

— Espera um momento. Dissesse que a Tess disse para a Claire que ela se fosse quando você... quando descobrisse sobre ela? — pergunto ao papai justamente ali na janta colapsa. Oh, ainda seguimos aqui e a comida segue ali, mas ninguém está comendo agora e a tensão que tinha certeza que estaria aqui antes está aqui agora, enchendo a sala em silêncio.

Ficou assim, tão silencioso, por um longo tempo e então mamãe abaixa o seu garfo, terminando a farsa.

— Tess não... ela disse que não era... — e a minha mãe, minha sempre e correta e calma mãe, faz sinais para o ar sem esperanças, como se as palavras que está buscando estivessem fora de seu alcance.

— Ela disse que não era lésbica. — papai disse e quando mamãe o olha, disse. — Temos que dizer tudo, Katie.

— Me dizer tudo? Que outra coisa poderia ter?

Papai empurra o seu prato para longe.

— Sua irmã não estava... não estava confortável falando da sua sexualidade.

Bom, essa é uma palavra que não quero voltar a escutar de papai de novo. De nenhuma maneira ele deve saber o que estou pensando também, por que me brinda com um meio e triste sorriso e disse:

— Tess me olhava da mesma maneira em que acaba de fazer a cada vez que tentava falar com ela. Dizia que a Claire e ela eram amigas e que a forma em que eu entendia do mundo tinha mudado.

— Mas...

— Mas eram mais que amigas. — mamãe disse. — Poderíamos ver isso. A Tess e a Claire passavam muito tempo juntas e nenhuma delas alguma vez saiu com mais ninguém, não seriamente, mas a Tess nunca falaria com nós, nunca...

— Nunca admitiu? — falo e mamãe balança a cabeça.

— Não é tão simples, Abby. Ela eventualmente me disse que tinha sentimentos pela Claire, mas que ela... tinha medo.

— Tinha medo? — falo e então penso na Claire. Em Cole. — Oh, tinha medo de que a Claire não...?

— Não sei, não, isso não é verdade. — mamãe disse e abraça as suas mãos juntas. — Não acho que pensava que a Claire não se preocupava por ela também. Sabia que ela fazia. Acho que a Tess tinha medo que se ela...

— Se declarava?

— Não. — papai disse, tocando a mãos de mamãe brevemente. — Ela tinha medo que se admitisse o seu amor pela Claire, a perderia. Sua irmã estava... ela tinha alguns problemas.

— Como ter medo de se declarar?

Papai sacode a cabeça e mamãe envolve as suas mãos juntas tão fortemente que seus dedos começam a ficar brancos, sem sangue. Quando fala, soa como se estivesse tentando não chorar.

— Ela... a Tess era muito parecida com a minha mãe. Inclusive menina ela podia estar muito feliz em um minuto e então no seguinte ela se afastava do mundo.

Ela olha meu pai, que assente para ela e mamãe fecha os seus olhos.

Quando os abre, estão molhados de lágrimas não derramadas.

— Lembra quando a Tess foi ver o conselheiro de admissões universitárias durante o último ano?

Dou de ombros, mas me lembro. Como poderia não lembrar? Ela fez um escândalo sobre tudo e os meus pais queriam ajuda-la a entrar na universidade a qual ela queria, eles queriam...

Queriam ajuda-la.

— Oh. — falo. — Assim que no último ano, ela não estava... todas essas ocasiões na qual falava sobre voltar para a universidade, ela não estava falando nada sobre a universidade, certo?

— Deve ter percebido de como ela atuou logo que a Claire ficou grávida. — papai disse. — Ela estava...

— Chateada. — falo e penso no quão frequente, forte e pior tinha ficado o mal humor da Tess, todas essas coisas que ela fez, como as almôndegas, os aterrorizantes e repetitivos ataques de fúria, e eu nunca pensei...

— Não sabia. — falo. — Pensei... que ela era a Tess. Ela sempre... todo mundo dizia que ela era tão ótima. Tão perfeita.

— Não era. — papai disse. — Ela era... era muito infeliz.

— Mas ela melhorou. — falo. — Certo? Ela foi para a universidade e conheceu a Beth e... — paro, olho para mamãe e papai. — Alguma vez disse a vocês que ela e a Beth estavam juntas?

— Não. — mamãe disse. — Esperávamos que fizesse, mas suponho que depois da Claire que estava... acho que talvez ela pensava que quebraria o coração de novo.

Quebrei o meu próprio coração.

Engoli com força.

— Então, o que exatamente aconteceu com a Claire?

— Não sabemos. — papai disse. — Sabíamos que estavam se vendo, mas como terminou, assumimos que foi por que a Claire ficou grávida, mas nem se quer soubemos disso até que a Tess nos disse. Lembra quando fez isso?

Como se pudesse esquecer desse dia. Tess vindo para casa e indo diretamente ao seu quarto, sem nem se quer receber ligações telefônicas e quando mamãe perguntou como a Claire estava no jantar, a Tess tinha olhando pelo que se sentiu como uma eternidade antes que finalmente dissesse “Grávida”, cuspiendo as palavras como se fosse veneno. Depois disso, ela deixava a sala a cada vez que alguém mencionasse o nome da Claire.

Olho para mamãe e papai, tão juntos, e penso nas últimas fotos da Claire e da Tess. A primeira, Tess iluminada como um anjo, dormindo na cama da Claire como se pertencesse ali. A segunda, Tess olhando a câmera e sorrindo embora seus olhos estavam tão tristes.

Sua escolha.

— Tenho que ir. — falo a eles, me levantando e ambos se levantam também, com perguntas em seus olhos.

— Tenho que sair daqui, tenho que pensar. — falo. — Hoje tem sido... pensei que conhecia a Tess, mas alguma vez foi quem eu acreditava que era? Qualquer um é quem diz que é?

Não me responderam.

Não tem que fazer. Tess não era quem eu pensei que era e ela nunca poderá conhecer uma pessoa por completo, nunca.

Entendo isso agora. Entendo muito agora.

Deixo a casa e começo a caminhar pela rua.

Claire esta sentada na varanda, olhando o céu e paro no meio da rua, esperando que olhe para baixo. Que olhe para longe de onde seja que esta olhando, ou pensando, e que me veja.

Capítulo 41



No entanto, Claire não me vê. Está olhando para o céu como se estivesse lendo, como se as estrelas estivessem falando, por isso aclaro a minha garganta e falo:

— Oi.

Ela afasta o seu olhar do céu e logo me olha. É difícil ver o seu rosto desde o lugar onde me encontro, por que está sentada de uma forma em que a luz do alpendre a divide entre áreas de luz e escuridão, mantendo seus olhos nas sombras, mas mostrando os dedos de uma mão sua apertada com força.

— Quero te falar sobre a Tess. — disse, e não tem nenhuma dúvida em sua voz.

— Encontrei... — falo, e logo paro, pensando nas fotos. No rosto da Claire voltada para a da Tess, ambas sorrindo. Na foto que a Claire pegou da Tess dormindo. Em como a Tess tinha todas elas ocultas, como se quisesse que nunca tivessem existido.

Aposto que a Claire também queria isso.

— Descobri. — falo. — Decifrei.

— Só... fala baixo, ok? Cole está dormindo e sabe o quão facilmente ele acorda.

— Eu sei.

— Sei que sabe. — ela disse, e logo suspira. — Como descobrisse?

— Bom, você estava... estava em tudo o que dissesse no carro, você sabe. — falo. — E logo fui para casa e comecei a pensar. E logo fui para o quarto da Tess e lembrei de como, um...

— Encontrasse alguma coisa. — a Claire disse, e pela primeira vez, soa surpresa. — Tess guarda... guarda coisas?

— Fotos. — murmuro. — Em seu computador.

— Oh. — Claire disse. — Assim que soube.

— Sim. Ou ao menos, acho que soube.

— Se visse o que acho que visse, não sei como pode não saber. — disse a Claire.
— Espera, isso teve algum sentido?

— Não. — falo, e ela sorri.

— Eu não... se tivesse sabido que íamos ser amigas não teria...

— Ocultado tudo de mim?

— Jamais teria falado contigo. — disse. — Eu não...

Toma uma profunda respiração.

— Queria que a Tess se fosse e nunca voltasse. Queria que ela... queria que me dissesse que tinha se equivocado. Que ela estivesse arrependida.

— Estou segura que sim. — falo, apesar que não estou realmente segura. Como posso estar, quando a Tess que conheci nunca mencionou o nome da Claire, mas a que não conheci guardava fotos e se lembrava cada vez que usava o seu computador?

— Não. — disse a Claire. — Não é assim. Ela... teve que abandonar a escola por sua culpa, Abby. Converteu a minha vida em um inferno.

— Bom. — falo lentamente por que tem razão, Tess arruinou o colégio para a Claire. — Suponho que... suponho que ela estava tão ferida quando ficou grávida, que sentiu que tinha quebrado o seu próprio coração por pensar que a queria como ela te queria, e...

— O que? — Claire disse, a palavra soa tão forte e alta, que na rua abaixo, um cachorro ladra, e no interior da sua casa, Cole se move, chamando. — Mamãe?

Claire fica de pé e entra. Não posso ouvir o que ela disse ao Cole, mas escuto o som da sua voz, tênue e tranquila. Eventualmente, se desvanece no silêncio.

Me sento na varanda, espero até que começo a pensar que a Claire não vai voltar a sair. Finalmente faz, no entanto, com um pacote de cigarros na mão e um isqueiro na outra.

— Achei que tinha largado. — falo, e ela disse:

— Pensei que já não estaria sentada aqui. — e volta a se sentar junto a mim.

— Não sei a história completa. — falo.

— Tem certeza que quer saber?

Concordo e a Claire tira um cigarro e o acende. O cheiro se eleva para mim, forte e com uma tinta química que me lembra, estranhamente, ao hospital. Movo a mão para afastar a fumaça.

— É engraçado, mas não comecei a fumar até que obtive o trabalho no hospital. — Claire disse. — Estava tão emocionada deste então. Finalmente, tinha meu diploma, tinha um trabalho, podia me encarregar de mim mesma e do Cole... bom, ao menos cuidar de nós se vivíamos em casa. Mas nesse lugar, é simplesmente...

Me olha.

— Não há uma boa forma de morrer, sabe? Nenhum que eu tenha visto, pelo menos. Tudo termina em tubos, fraldas e intravenosas, e simplesmente... fumar me tira dali. Me empurra para fora... me afasta de toda a...

— Pessoas doentes? — falo, e ela balança a cabeça.

— Me afasta da minha vida. Isso não é... eu queria ir para a universidade, Abby. Queri... — suspira. — Queria a Tess. Mas ela... ela não me queria. Não como eu a queria.

— Deve ter feito, por que sei que vocês duas...

— Sim, nós fizemos sexo. — a Claire disse. — E inclusive disse que me amava. Mas não amava. Pedi, justamente antes do nosso último ano, que deixasse de se ver com os garotos, que os deixasse de pretender. Quero dizer, sei que é Ferrisville, mas não é como se nos tivéssemos feito que nos linchassem. Seus pais já sabiam, e os meus também, o que importava isso então? Ia sair desse lugar.

— Espera um minuto. — falo, lembrando da foto da Tess e do garoto na praia. A ira nos olhos da Tess e como tinha assumido que era por que a Claire a tinha magoado, estando com algum garoto da mesma forma que a Tess tinha feito, sem questionar nada. — Pensei...

— Pensasse que eu tinha ficado grávida e quebrado o coração da Tess.

— Sim, quero dizer, antes disso, quando pensava que vocês eram só amigas, pensei que tinha brigado contigo por que... não sei. Pensei que estava te julgando. Sabe como a Tess podia chegar a ser. Gostava que as coisas fossem...

— Como ela queria. — Claire disse. — Acredite em mim, eu sei.

— Mas vocês duas não eram simplesmente amigas, e ela...

— Tess não podia fazer. — Claire disse. — Não ia fazer. Não ia deixar de ser essa pessoa que todos pensavam que era, embora essa não fosse ela. Disse que se nós... ela disse que se nós disséssemos a todos que estávamos juntas, não seríamos as pessoas que as pessoas pensávamos que éramos. Essa foi a forma em que ela disse. “Se fazemos isso Claire, ninguém pensará que somos quem dizemos que somos.” — Ela baixa o seu olhar para o chão.

Acho que vai começar a chorar assim que falo:

— Claire? — e toco seu ombro.

Quando me olha vejo que não vai começar a chorar. Ela está furiosa, tão irritada que sua boca está se movendo como se estivesse cheia de palavras e estivesse tentando conseguir que saíssem em ordem.

— É um monte de merda. — disse. — Tess somente... queria ser a Rainha do Baile como todos haviam dito que seria. Queria que todos seguissem tentando se vestir como ela, ser como ela. Ela não queria... queria ser a Tess, a garota que cada garoto desejava e sonhava em ter como namorada. Não queria ser a Tess, a garota homossexual.

— Espera. — falo, por que assim não é como imaginei, para nada. Posso ver a Tess sento quem quebrou o coração da Claire. Lembro das fotos e posso vê-las pelo que são agora, como a Claire as utilizou para mostrar a Tess como tinha se sentido

com o que tinham perdido. O que pensava que era ao que a Tess estava renunciando. — Meus pais disseram que a Tess, disseram que ela...

Estupidamente, absurdamente, baixo o tom da minha voz, como se alguém pudesse ouvir, como se o que estou a ponto de dizer pudesse ser ouvido por casualidade. Como se de algum modo a Tess pudesse escutar.

— Disseram que teve que ver um médico. Disseram que estava incomodada e...

Claire da de ombros.

— Talvez estava. Talvez logo que me disse que deveríamos ser quem as pessoas pensavam que éramos, e disse a ela que não. Quando ela quis dizer tolices, fui e dormi com o Rick e fiquei grávida, provei que podia ser mais heterossexual do que ela jamais seria... sim, então, talvez pode ter se incomodado.

— Não, acho que ela... acho que os meus pais se referiram que ela estava incomodada por você.

— Por mim? — sua voz se quebra na última palavra. — Ela não estava incomodada por mim.

Penso na Tess se negando que qualquer um de nós falasse o nome da Claire. Penso no dia com as almôndegas. Penso em como a Tess sempre se girava para o outro lado cada vez que via a Claire, ou a Claire e o Cole, como se não quisesse vê-los. Como se não pudesse.

— Olha, eu sei como é a Tess. Ela era... — falo, e dói dizer isso, colocar a Tess no passado. Inclusive agora, escutando que ela quebrou o coração da Claire por que queria continuar sendo a garota que todos queriam, a garota que sempre estava fora de alcance, doía.

Não sabia que amava tanto a Tess. Não até agora.

Abaixo o meu olhar ao chão, piscando com força, meus olhos ardendo.

— Sei como era. — falo logo em um momento. — ela era... se encantava em ser adorada, e eu... sabe que odiava viver com isso. Ser a irmã pequena da Tess. Ser quem não era tão agradável, quem não era tão bonita. Ser quem tinha que vê-la conseguindo tudo o que queria. Mas ela... quando descobriu que estava grávida, mudou. Era como se ela tivesse. Decidido que sua vida era um papel ou algo assim. Saia sorridente, mas em casa estava irritada. Era muito silenciosa algumas vezes.

— Oh, então era silenciosa? — a Claire disse, e apesar de que há um desprezo em sua voz escuto algo mais também, algo ferido e vacilante, e penso em como a Claire sempre consegue passar pelo quarto da Tess no hospital.

Acho que o amor é enorme, abrumador. Acho que é terrível e lindo, e desejo que a Tess tivesse encontrado uma forma de viver com ele. De deixa-lo entrar quando teve a oportunidade. Desejo que não tivesse quebrado o coração da Claire e logo quebrado o seu.

— Nunca a ouvi chorar. — falo cuidadosamente. — Mas ela... ela podia chegar em casa e se sentar no seu quarto e só olhar o nada por horas, e pensei... bom, meus pais me disseram que ela estava preocupada por causa da universidade, e você sabe como eram as suas notas.

— Lembro. — a Claire disse, mas posso dizer que está pensando em algo mais. Em uma Tess que nunca conheci em nada.

— Ela era infeliz. — falo. — Era...

— E eu o que era, caminhava por ai cheia de alegria? — Claire disse. — Tess quebrou o meu coração e logo me fez da vida impossível. Foi mais que cruel.

— Seu nome é a sua senha no computador. — falo rápido. — Guardava as fotos que a enviasse. Inclusive... é a razão pela qual ela e a Beth terminaram. Ela não...

— O que? Ama a Beth da maneira que me amava? — a Claire disse. — Tenho visto a Beth visita-la, tenho visto como a olha. Conheço esse olhar. Tess tampouco a escolheria. Beth foi suficientemente inteligente para ser a que se foi.

— Não é... não acho que ela soubesse o quanto... — Tomo um profundo fôlego. — Não acho que soubesse o muito que te amava até que engravidasse. Até que... suponho que pensou que voltaria ou...

— Sabe o que é mais patético? — perguntou Claire. — Eu tinha feito. Tinha voltado. Disse de verdade que queria beijá-la em público, que queria que as pessoas vissem o quanto a amava, mas devia seguindo sendo a sua melhor amiga. Devia seguir saindo em encontros dobrados com ela e nos beijar em meu quarto, na escuridão, quando chegássemos em casa.

Tira a cinza do seu cigarro.

— Teria feito qualquer coisa por ela. Mas ela não podia superar o fato de que engravidei, fiz sexo e engravidei. Não podia entender. Isso foi o que disse. “Não entendo”. Às vezes penso que isso era o que a fazia estar doente, sabe. Que eu podia querer mais alguém, inclusive se era só por um curto tempo.

— Tess não era... não é má, sabe. — me surpreende me escutar dizendo, por que haviam vezes na qual tinha odiado a Tess. Antes do acidente. Depois do acidente. Mas não era... não era quem eu achava que era. E agora que tinha aprendido mais dela, a real, vi a bagunça que fez das coisas. A imperfeita que era.

Como pode e quebrou o seu coração também.

— Eu sei. — disse Claire, e logo vendo o meu rosto, acrescentou. — Faço. Agora, de todas as formas. A primeira vez que chegou no colégio e a vi, não senti como se eu fosse morrer. Só pensei “Oh, aí está a Tess. Me pergunto se o Cole está com fome”. — dá de ombros. — Já não podia pensar só em mim. Já não posso pensar só em mim.

— Mas sente falta dela.

— Não. — a Claire disse, negando com a cabeça. — Só... a vejo deitada ali, e penso, *não*. Penso *errado*. Quero que ela acorde. Desejo que tivéssemos quinze anos de novo. Quero nunca tê-la conhecido. Desejo que tivesse dito “Eu quero você, só você”. Eu quero que ela estivesse dito que sentia muito por tudo.

— Ela teria feito. — falo, e logo paro, por que não sei se a Tess teria feito. A Tess que conheço não... ela nunca se desculpava por nada, por que nunca tinha que fazê-lo, por que nunca fazia nada de errado. Mas a outra Tess, a verdadeira Tess, talvez tampouco teria feito. Talvez sabia que algumas coisas são muito grandes para... o “desculpa”.

Talvez ela sabia que o que ela tinha feito a Claire era imperdoável.

— Olha, às vezes você só tem que viver com as coisas como são, inclusive se não são como queria que fosse. — a Claire disse.

— Quero que ela lamente.

— Eu também quero que lamente. — disse a Claire, apagando o seu cigarro. — Mas também quero ser capaz de me mandar da casa dos meus pais e conhecer alguém que queira segurar a minha mão onde as pessoas possam ver.

— Conhecerá alguém. — falo, e me olha.

— Não. — ela disse. — Provavelmente não farei. Tenho vinte anos, com um menino de dois anos de idade e vivo com os meus pais em uma cidade onde todos são como o primo do outro. Levanto-me, tomo um banho, vou ao trabalho. Dou banho de esponja em pessoas doentes e mudo os penicos. Chego em casa. Vejo meu filho. Vou para a cama.

— Isso não significa que não pode ser feliz.

— Quem disse que não sou feliz? — Claire disse, e logo sorri. — Não sou infeliz, Abby. Só sou eu. Tenho o Cole, tenho os meus pais, tenho um trabalho. É suficiente.

— Não é. — falo, tão forte que me surpreendo.

— Por que não? — ela disse. — Olha para você. Está fazendo o mesmo. Antes do acidente, te levantava, ia a escola, chegava em casa. Agora te levanta, vai para a escola, vê a Tess, chega em casa. Fizesse voar por completo o Eli...

— Não quero falar do Eli. — murmuro. — Especialmente se será uma cachorra comigo de novo.

— Está bem. — a Claire disse. — Lança longe algo que poderia ser ótimo, só por que não sabe o que vai acontecer. Segue em frente e...

— Não sou como a Tess.

— Sim, é, por que você também está assustada. Não das mesmas coisas que ela estava, mas mesmo assim está assustada. Sabe o quanto queria que alguém estivesse me dito antes, quando estava tentando decidir o que fazer quando a Tess disse desculpa, que queria que as coisas ficassem como estavam?

— Que estaria melhor sem ela?

Claire nega com a cabeça.

— Não, disse a mim mesma isso. Disse muitas, a mim mesma, muitas coisas desse estilo, até que acordei, tomei um banho e percebi que não tinha tido o meu período por um tempo. Queria que alguém tivesse me dito que acreditava que merecia o que queria, que querer que a Tess me quisesse como eu a queria estava bem. Queria que alguém tivesse me dito que merecia ser feliz. Quero... desejo ter acreditado que merecia.

— Mas isso é tão obvio. — falo. — Quero dizer, todos sabem que merecem alguma felicidade. Isso é o que todos pensam que deveria ser a vida, Claire. Felizes para sempre todo o tempo. Não é... ninguém quer ser infeliz.

— Você sim.

— Eu... sim. Pedi que a Tess fosse minha irmã. Pedi que tivesse um acidente. Pedi viver aqui. Pedi tudo isso, quando na verdade, deveria ter pedido por pôneis e doces. O que estava pensando?

— Sabe que tenho razão. — Claire disse. — Posso dizer, por que você está sendo como uma cachorra. — Olha abaixo de suas mãos, e logo a mim. — Olha. — disse. — Vou te dizer isso por que realmente desejo que alguém tivesse dito a mim, inclusive embora agora é uma verdadeira dor no traseiro. Mas você... Abby, você pode ser feliz. Deveria ser. E quero que possa ver isso. Quero que possa acreditar.

Há tanta dor em sua voz, e não é só por ela, é por mim, e quebra meu coração.

Faz-me pensar.

— Claire...

Ela se levanta.

— Vou pra cama.

— Desculpe. — falo.

— Pela Tess?

— Não. Quero dizer, sim, pelo que ela fez, mas também não... eu deveria ter sabido que você nunca a machucaria. Não é esse tipo de pessoa. E o que dissesse, eu só... você sabe...

— É bem-vinda. — Claire disse, e logo ri um pouco. — Só em Ferrisville minha melhor amiga pode ser a irmã menor da minha primeira e nunca namorada real. Embora acho que o que está tentando dizer é mais estranho.

— Sim, acho que dissesse, você acreditará também?

— Não. — Claire disse suavemente. — Não farei. Não posso. Não sou... não sou suficientemente forte agora. Quando Cole ficar maior e o dinheiro não for tão justo, estão talvez farei. Mas você não precisa que eu acredite, Abby, e sabe disso. Você não é eu. Não é a Tess, inclusive tem algo em você que me lembra ela. Você é você. Tem que fazer suas próprias decisões. Eu fiz as minhas.

— Oh.

— Teria mentido a qualquer outra pessoa que teria perguntado, sabe? — Claire disse. — As mentiras são muito mais fáceis que a verdade. Mais simples.

Como a Tess, que elegeu o que sabia, sobre caminhar no desconhecido com a Claire para que todos vissem.

Como eu, por que quero o Eli, mas disse “não sei o que fazer”, por que era mais fácil do que dizer “também quero te beijar”.

— Quer... as fotos, as que a Tess tem, quer elas?

— Não. — a Claire disse. — Lembro, e isso é o suficiente. — me empurra com o seu pé. — Vá para casa para que eu possa dormir.

— Eu sinto como se... quero arrumar as coisas para você. — falo. — Isso não é... algo deveria acontecer para você agora. Alguma coisa boa, eu quero dizer.

— Sou responsável por mim. — Claire disse. — Você é responsável por você.

— Isso é tudo?

Claire sorri para mim novamente, um pouco triste desta vez.

— Isso é tudo. Te vejo amanhã. Ok? — e logo entra na sua casa e fecha a porta.

A olho por um momento, e logo vou para casa.

Capítulo 42



Na manhã, meus pais em disseram que não tenho que ir para a escola.

— Por quê? — falo, por que meus pais nunca deixam que falte a escola a menos que acorde coberta de pintas (catapora, terceira série) ou que tenha vomitado na frente deles (sexta série). — Ok. — O telefone soou quando estava no banho? O que aconteceu com a Tess?

Mamãe abaixa a xícara de café que estava tomando.

— Nada aconteceu. — ela disse, e quando pega o meu olhar, repete mais uma vez, gentilmente. — Abby, nada aconteceu.

— Mas nunca deixa que eu falte à escola.

— Depois de ontem à noite, — papai disse. — e com a Tess se mudando tão rápido, sua mãe e eu pensamos que... pensamos que queria vê-la. Passar um tempo com ela.

— O dia todo? — Desejava que o pensamento de passar o dia todo com a Tess me encheria de alegria, mas não é assim. Eu só... não conhecia quem a Tess

realmente era, eu não acho que poderia passar todo o dia vendo ela ali deitada. Vendo ela com seus olhos bem fechados.

— Não. — mamãe disse. — Seu pai e eu precisamos vê-la esta tarde. Precisamos falar com o médico, e também precisamos fazer uma lista de coisas que necessitamos conseguir para seu novo... seu novo quarto.

Papai baixou a sua xícara e se levantou da mesa, caminhou e olhou pela janela da cozinha. Seus ombros estavam caídos, derrotado. Triste.

— Ela ainda pode acordar. — falo, não por que sinto que tenha que fazê-lo, e sim porque penso que ainda podia.

Só não sei se fará.

— Sim. — mamãe disse, com sua voz tensa e tão triste como os ombros caídos do meu pai, mas meu pai volta e dá um pequeno sorriso. Não de agradecimento, e sim de esperança compartilhada. Sorri de volta.

— Ontem à noite, saísse. — ele disse. — Sua mãe e eu assumimos...

— Claire. — falo, e ele assente.

— Ela está... como está?

Olho meus pais, o que falo? Que a Tess realmente a feriu, a quebrou de maneira que eles nem se quer conhecem? Que ela viu a necessidade da Tess de ser quem todo mundo quis que ela fosse mais claramente que eu, e que pensei que tinha visto o seu verdadeiro eu, a maneira como ela tinha sido capaz de ser cruel, a maneira em que ela podia ser entendida sem dizer uma palavra, mas não tinha nem ideia de quem era a Tess realmente? Que nem se quer estou segura do que a Tess fez?

— Ela está ocupada. — falo. — Trabalhando muito.

— E o que aconteceu com a Tess?

— Ela disse... — faço uma pausa, olhando atentamente aos meus pais, e percebo que não é por que eles não poderiam administrar o que a Tess fez, se eu dissesse a eles. É por isso que não precisavam saber. Eles carregam tantas coisas agora, pagando uma vida a Tess que ninguém de nós poderia jamais ter visto, e então ter que vê-la vivendo. Observa-la vivendo a sua vida imóvel, e em silêncio.

— Isso foi há muito tempo atrás. — eu disse. — A Claire... ela tem o Cole agora. Ela disse... disse que ele e seu trabalho são a sua vida agora.

Mamãe me olha, e posso dizer que ela sabe que tem coisas que não estou dizendo. Que ela entende que algumas vezes não pode arrumar as coisas.

— Devo ir agora. — falo. — Para ir ao hospital. Refiro-me.

— Quer que te leve ao ferry? — papai disse, sorrindo para mim. Seu sorriso se parece muito com o da Tess e não sei se verei o sorriso dela outra vez.

Nenhum de nós sabe.

Capítulo 43



Não tenho visto a Tess de manhã desde muito pouco tempo depois do acidente, quando tudo ainda era uma loucura de aspecto borrado, e quando eu chego ao hospital, me surpreendo de ver que as coisas em seu quarto funcionam da mesma maneira à tarde e à noite.

Eu pensei que talvez as enfermeiras teriam menos aparência cansada ou... não sei. Suponho que pensei que de manhã poderia ser mais esperançoso de alguma forma. Cruzando o rio com o sol brilhando no meu rosto, e pensando sobre o que a Claire disse sobre acreditar, me pergunto se as coisas poderiam ser diferentes para mim. Melhores.

E então pensei que talvez eu estivesse vindo ao hospital pelas pessoas que acreditavam em mim, o que eu tinha colocado no meu coração, todos os medos sobre o futuro, toda a minha preocupação pela Tess. Toda a minha raiva contra ela. E pensei que tentar continuar poderia fazê-lo diferente. Mas não é assim. Ainda é triste ver todos os pacientes imóveis, não escutar ninguém caminhar pelos seus quartos, exceto o som das máquinas.

É a forma em que o quarto da Tess soa. Por muito tempo eu estive focada em querer que ela acorde, em querer, que nunca pensei sobre as máquinas, como está ligada a elas, mas não sei se eu realmente as vi.

Se me tem deixado levar.

Posso ver porque a Claire vem aqui e pensa *Não*. Estou acostumada em chegar e me focar na Tess.

Ou, mais recentemente, em Eli.

Mas agora vejo que a Tess, a linda Tess com o seu cabelo longo, lindo e quieto, o rosto deslumbrante, está desaparecendo. Talvez não para sempre, não quero acreditar que ela nunca vai voltar, quero acreditar que um dia ela vai abrir os olhos, mas agora, ela não está aqui. Não a Tess que eu conhecia. Não a Tess que eu conheço.

Sento-me ao seu lado.

—Eu... Precisamos conversar. — falo, e me dou conta que esta é à primeira vez desde o acidente que digo isso a ela. Antes tinha dito o seu nome, implorando, ou diretamente disse coisas que pensei que poderiam trazê-la de volta. Fazê-la abrir os olhos.

Mas agora só quero falar com ela.

— Eu vi Claire na noite passada. — falo a ela. — Eu... havia muito sobre você que eu não sabia, Tess. Sobre você e a Claire. Você e a Beth também. Inclusive sobre mamãe e papai. Sempre... você sempre parecia tão perfeita para mim. Tão segura de quem era, e tão rápida para julgar alguém que não estivesse à altura dos seus padrões. É por isso que pensei que você parou de falar com a Claire, você sabe.

Porque ela fez algo que você não faria, e pensei... pensei que decidisse que ela não valia a perda de seu tempo.

Eu toco a sua mão, não porque esteja esperando, ou mesmo desejando que se mova. Eu a toco porque ela é a minha irmã. Se acordar, não sei se ela me deixará. Eu nem sei se ela ainda estaria ouvindo.

Há tanta coisa que eu não sei sobre ela, e toco a mão dela, porque gostaria de ter a oportunidade de conhecê-la realmente, inclusive se o que tenho aprendido me tem feito ver que a Tess não era perfeita.

Tess é humana, assim como eu.

— Acho que você decidiu isso. — eu falo. — Mas não... não é como pensei. Como pudesse fazer isso? Posso entender por que não fizesse; vejo que você tinha medo de se revelar, algo assim. Sempre tenho pensado que as pessoas falavam de você por que estava incomodada que tinha me transformado em nada. Mas você? Sentia-se como se estava se convertendo em nada também? Como se tivesse que ser como as pessoas pensava que era, e não quem você era?

Eu me inclino para frente, vendo os seus olhos fechados. Perguntando-me se me veria neles se os abrisse.

—Você machucou a Claire — eu digo. — Você a machucou muito, e talvez você tinha medo, mas você foi... foi cruel. E agora, depois de descobrir sobre você e ela, ainda não posso... como você pode fazê-lo, Tess? Como você pode quebrar o seu coração e então arruinar a sua vida? Foi... Claire disse que foi porque você nunca esperava que ela encontrasse alguém, mesmo que fosse por pouco tempo. Isso é verdade?

Ali. Vejo novamente, uma vibração minúscula atrás dos olhos fechados. Talvez o que o médico disse é verdade. Mas talvez o que eu penso é verdade também. Talvez, em algum lugar, de alguma forma, Tess pode me ouvir.

— Eu quero que você se arrependa. — eu falo. — Eu quero... quero que saiba que quando alguém lhe oferece o seu coração, não deve afastá-lo. Quero dizer, quantas vezes você vai fazer isso? Eu não tive que lidar com isso, mas se algum dia acontecer, sei que eu não...

Calo-me, por que eu já fiz. Por que ao invés de dizer ao Eli que eu também queria beijá-lo, me escondi no medo, dizendo algo fácil. Dizendo “Não sei o que fazer”, quando eu sabia o que eu queria fazer.

Quando sabia, e sei, que eu quero ele.

Então eu digo a ela sobre Eli. Falo a ela o que eu fiz. O que eu quero. E então me sento com ela por mais um longo tempo, descrevendo como o sol se espalha através do quarto, e então como o ferry soa quando está atravessando o rio, como as ondas quebram quando o barco passa através delas.

— Elas voltam, porém, você sabe. — falo a ela antes de eu sair.

O ferry passa através delas, mas se olhar para trás, pode vê-las novamente. Antes, eu teria dito que a Tess deveria fazer isso. Ser como essas ondas. Voltar. Despertar. Mas agora só digo: — Adeus, Tess. — E vou embora.

Não posso fazer que as coisas acontecessem pela Tess. Não posso fazê-la mudar as coisas que ela fez. Não posso fazê-la voltar.

Mas posso fazer algo por mim. Pela minha vida.

Capítulo 44



Enquanto estou deixando o hospital, parte de mim quer correr para a Claire ou para Clement, ou para... alguém. Para ninguém. Realmente gostaria de fala com os dois, Claire e Clement (Claire, para ver como ela está, embora na noite passada me fez ver alguma coisa, a Claire é inclusive mais forte do que eu pensava que era), e Clement... só gostaria de dizer olá. Ver como está.

Talvez eu devesse esperar pelos meus pais. Assegurar-me que estão bem. Eles têm que ver a Tess e fazer mais do que apenas falar com ela. Eles têm que arrumar as coisas para que ela seja transferida do hospital. Tem que planejar o resto de sua vida por ela agora. Não acredito que alguma vez pensaram que teriam que fazer isso.

Estou de pé ao lado da minha bicicleta, e olho para o hospital. Não posso ver Clement aqui fora. Embora aposto que poderia encontrá-lo se eu voltasse para dentro. Também poderia encontrar a Claire.

Poderia me manter tão ocupada que não teria tempo para fazer nada. Poderia me assegurar de não ver o Eli de novo. Isso seria fácil. Seria tão fácil.

Subo na minha bicicleta, embora o pensamento de não vê-lo novamente me chateia. Realmente me chateia. E acho que está bem. Acho que talvez poderia dar certo para mim... para que ele goste de mim.

Para me permiti gostar dele.

Quando chego a Saint Andrew's, o estacionamento está cheio de rapazes em seus carros caros, e há uma facilidade na forma em que se movem, como se soubessem que o mundo está bom, cheio de promessas, e que sempre estará.

Só vi uma pessoa em Ferrisville se mover dessa maneira. A Tess. Ela tinha essa graça descuidada, de fazer tudo parecer tão simples, e resultou que era mais insegura do que eu pensava, de si mesma e de todos.

Era capaz de ser despreocupada, no entanto. Ela destruiu o seu próprio coração. Destruiu o da Claire.

Por anos, eu disse a mim mesma que não queria ser como a Tess, mas parte de mim queria. Mesmo depois de Jack, depois de jurar a mim mesma que querer outra pessoa em meu coração e em minha vida era coisa do passado, parte de mim ainda queria ser a menina que todo mundo conhecia, que todos amavam.

Mas agora, não quero ser como a Tess. Não me importa se sou sempre a garota fantasma aos olhos de todos em Ferrisville.

Só quero as pessoas que me veem, a que realmente me vê, em minha vida.

Só quero ser eu.

Sinto-me tão valente pensando isso. Tão orgulhosa. Então vejo Eli, caminhado pelo estacionamento sozinho, olhando para longe como se não pudesse ver nada ou ninguém, e já não me sinto tão valente.

Por que ele iria me querer? E como posso competir com as garotas de cabelos brilhantes, olhos brilhantes, e vozes suaves que vivem em Milford, que nasceram sabendo o que fazer em cada situação ou podem ao menos fingir que tudo estará melhor do que eu jamais serei capaz?

Por que eu o entendo. Vejo a maneira como ele caminha, como é real e verdadeiramente olhando a distancia. Indo a algum lugar que não é aqui. Ele sabe o que é ter gente te olhando e que só vê certas coisas. Para mim, é Tess. Para ele, é seu transtorno obsessivo compulsivo, ou seu aspecto.

Ele é mais do que se parece ou como seus dedos estão se movimentando sem descanso, contando a um ritmo em que tem que fazê-lo.

E eu sou mais que a Tess.

Vou até ele. Praticamente tenho que andar até ele antes que ele me veja.

— Oh. — ele disse, olhando assustado e acho (espero) feliz, e então ele desvia o olhar para um lado, para longe de mim. — Não pensei... o que está fazendo aqui?

— Tess. — falo, e odeio a mim mesma, pelo fácil que é dizer isso. Como é fácil para não dizer o que eu quero. Como seria fácil fazer disto o final.

Quebrei o meu coração uma vez. Dei a alguém que eu sabia que não queria, e tive que recupera-lo quando ele se recusou à segura-lo.

Poderia quebrar o meu coração novamente. Poderia simplesmente dizer ao Eli que a Tess vai ser transferida. Agradecer-lhe por tudo. Lhe dizer que sinto muito que ela não despertou para vê-lo. E nunca conversar sobre o beijo. Nunca dizer o que eu quero.

— Ela está bem? — ele disse, olhando para mim agora, e vejo dor em seus olhos. Não estou imaginando isso. Eu sei como se parece à dor. Passei anos com isso escrito em mim.

— Ela está... ela está igual. — eu falo. —Mas eu... eu realmente não vim aqui para falar sobre ela.

—Você não veio. — ele disse, e não é uma pergunta. Sua voz é plana, seus olhos ainda são muito cautelosos, e eu...

Eu o feri.

— Desculpe. — eu falo. — Sobre o outro dia. Eu queria...

Você, é tudo que tenho que dizer. *Você*, apenas quatro letras e todas elas verdadeiras, tão certas.

— Não quis dizer o que eu disse. — falo, porque “*Você*” está preso dentro de mim, preso pelo medo.

É só... por que agora? Por que eu? Não posso responder essas perguntas, e se não sei, então como posso seguir em frente? Tentei criar felicidade antes, tentei criar o meu feliz para sempre, e não funcionou.

Eu acreditei nele, e veja o que aconteceu.

— O que você quer dizer? — Eli disse, ainda olhando para mim, diretamente para mim, e é quando eu percebo que esse momento, este agora, é a minha chance, se eu estou disposta a pegá-la.

Se posso acreditar novamente.

E eu faço.

— Quis dizer que quando você me beijou, eu não...

— Sabe o que fazer? — Eli disse e se vira, caminhando de volta para o terreno vazio da escola. Fugindo de mim.

— Espere um minuto. — falo, e ando atrás dele, mesmo que tudo em mim diz para tomar o caminho familiar, para só gritar algo simples, algumas palavras que não significam nada e apenas ir. Mas eu não posso... — Você poderia, pelo menos, deixar terminar o que eu quero dizer?

Ele para e se vira para mim.

— Eu disse que era alguém que queria te beijar. Eu... disse isso e você disse que não sabia o que fazer. Isso... é uma coisa que as pessoas diriam antes de quebrar o seu coração.

— Mas eu...

— É o que o Jack disse a você, certo? — Ele disse antes de dizer qualquer outra coisa. — É o que os meus pais me disseram antes de me mandarem para cá. *“Não sabemos o que fazer com você, Eli. Nós simplesmente não sabemos o que fazer.”* E então foi isso. Eu fui embora. Minha vida com eles... acabou.

— Mas eu... — digo novamente, e ele balança a cabeça.

— Eu... por que você não quer me beijar?— Ele disse.

E agora vejo o que estive lá o tempo todo, o que eu notei, mas nunca verdadeiramente compreendi até agora.

Eli é tão inseguro quanto eu sou, como todos nós. A vida o surpreendeu tanto quanto a mim. O machucou como a mim.

E pela primeira vez, sei que as palavras não são o suficiente. São palavras que só irão encher o espaço que se construiu entre nós tão facilmente.

Então, eu não falo. Só o beijo.

— Oh. — ele disse que quando eu me afasto, e depois sorri para mim, um sorriso glorioso, que me excita dentro e fora. — Por que você não disse isso antes?

— Eu estava tentando. — eu falo, e paro.

Paro. Forçando-me a ser honesta.

— Eu estava com medo. Você me faz... sou tão feliz quando estou com você e eu ... eu quero isso. Eu quero você.

Ele sorri de novo, um sorriso que deveria parar o mundo, mas não faz porque está brilhando sobre mim, só em mim, ele se inclina, tocando o meu rosto com uma mão.

— Abby. — ele disse, e ele não tem que dizer que me quer também, porque eu vejo isso. Está escrito em seus olhos, em seu sorriso enquanto nossas bocas se encontram novamente.

O beijo de volta e abro os meus braços para ele, tocando seus ombros, seus braços, e seu cabelo. Tocando-o. Permitindo-me ir. Permitindo-me ter este momento.

Permitindo-me abrir os meus braços, o meu coração, porque eu estou pronta para acreditar na felicidade.

Estou pronta para acreditar em mim.

Fim.

A Traduções 4Love foi criada com o objetivo de proporcionar aos viciados em boa leitura livros que ainda não foram publicados no Brasil, mas que já possuem excelente crítica no mundo todo.

Aqui você terá certeza que a Leitura irá ser interessante.

Traduções 4Love

Visite-nos em:

<http://t41.jimdo.com/>

<http://www.skoob.com.br/usuario/325686>

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110422706>

Traduções 4Love